

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Histórias e Sonhos

Lima Barreto

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da  
Literatura Brasileira*

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Histórias e Sonhos

Lima Barreto

# Histórias e Sonhos

Lima Barreto

## Ilustrações

Eduardo Schloesser

## Editor

Lécio Cordeiro

## Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

## Direção de arte

Wilton Carvalho

## Diagramação

Roseane R. Nascimento

## Coordenação Editorial



## Direitos reservados à

**Editora Prazer de Ler Ltda.**

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

Q3h Queiroz, Malthus, 1976-  
Histórias e Sonhos / Lima Barreto ; adaptação: Malthus de  
Queiroz ; ilustrações: Eduardo Schloesser. – Recife :  
Prazer de Ler, 2012.  
176p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I.  
Barreto, Lima, 1881-1988. II. Schloesser, Eduardo, 1962-.  
III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 12-0547

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-8168-199-3

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram  
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

# Histórias e Sonhos

# Sumário

O Moleque.....	9
Harakashy e as escolas de Java .....	21
Congresso Pamplanétário.....	32
Clô .....	36
Hussein Ben-Áli Al-Bálec e Miqueias Habacuc (Conto argelino).....	48
Agaricus Auditae.....	60
Adélia.....	71
Uma noite no Lírico .....	75
Um músico extraordinário.....	80
Lívia .....	87
Mágoa que rala.....	92
Clara dos Anjos .....	111
Uma vagabunda .....	122
A barganha.....	126
Uma conversa vulgar.....	133
Uma academia de roça.....	139
A mulher do Anacleto .....	143
Dentes negros e cabelos azuis .....	145
A indústria da caridade.....	154
Uma conversa.....	157
A cartomante.....	159
Na janela .....	161
Despesa filantrópica.....	164
O caçador doméstico .....	166

Sua alteza imperial Jan-Chothe .....	169
El kazenadji.....	172
O juramento.....	174
A firmeza de Al-Bandeirah .....	176
O desconto .....	178
A solidariedade de Al-Bandeirah .....	180
O reconhecimento .....	181
O anel de Perdicas .....	182
Os Kalogheras .....	184
Conservou o barrete .....	186
Arte de governar .....	188
Boa medida.....	189
Hóspede ilustre .....	191

# O Moleque

A Arnaldo Damasceno Vieira

Reclus<sup>1</sup>, na sua Geografia universal tratando do Brasil, notava a necessidade de conservarmos os nomes tupis dos lugares de uma terra. Eles têm, diz o grande geógrafo, a vantagem de possuir um sentido claro, muito claro, nas suas palavras, exprimindo algum fato da natureza, a cor das águas correntes, a altura, a forma ou o aspecto dos rochedos, a vegetação ou a aridez da região. No Rio de Janeiro, há de fato nomes tupis tão expressivos, que traduzem bem a forma ou o encanto dos lugares, que ficamos pasmos, quando sabemos sua significação, com o poder poético, com a força de emoção superior de que eram capazes os primitivos canibais habitantes desta região, diante dos aspectos da natureza tão bela e singular que é a que cerca e limita nossa cidade. Bastam os nomes da baía. Como não traduz bem a sua sedução, o seu recato, a sua fascinação, o nome: Guanabara — seio do mar? E se o mar abriu aqui um seio foi para nele esconder as suas águas — Niterói — água escondida.

Esses nomes tupis, nos acidentes naturais das imediações da cidade, são os documentos mais antigos que ela possui das vidas que aqui floresceram e morreram. Edificada em um terreno que é o mais antigo do globo, nos depósitos sedimentares das velhas regiões, até hoje não se encontram vestígios quaisquer da vida pré-histórica. A terra é velha, mas as vidas que viveram nela não deixaram, ao que parece, nenhum traço direto ou indireto de sua passagem. Os mais antigos testemunhos das existências anteriores às nossas, que por aqui passaram, são esses nomes em linguagem dos índios que habitavam estes lugares; e são assim bem recentes, relativamente.

Há, parece, nestas terras, uma necessidade de não conservar impressões das sucessivas camadas de vida, que essas terras deviam ter presenciado o desenvolvimento e o desaparecimento. Estes nomes mesmo tendem a desaparecer, e todos sabem que, quando uma turma de trabalhadores, em escavações de qualquer natureza, encontra uma igaçaba<sup>2</sup>, logo se apressam em quebrá-la,

<sup>1</sup> Elisée Reclus, geógrafo francês.

<sup>2</sup> Pote grande usado para armazenar água, farinha, grãos etc., usado como urna funerária pelos indígenas.

## Histórias e Sonhos

em destruí-la como coisa demoníaca ou indigna de ficar entre os de hoje. A pobre talha mortuária dos tamoios<sup>3</sup> é sacrificada impiedosamente.

Frágeis eram os artefatos dos índios e todas as suas outras obras; frágeis são também as nossas de hoje, tanto assim que os mais antigos monumentos do Rio são de século e meio; e a cidade vai já para o caminho dos quatrocentos anos.

O nosso granito antigo, tão velho quanto a terra, sobre o qual repousa a cidade, capricha em querer o frágil, o pouco duradouro. A sua grandeza e a sua antiguidade não admitem rivais.

Ainda hoje esse espírito do lugar domina a construção dos nossos edifícios públicos e particulares, que estão rachando e desabando, a todo instante. É como se a terra não desejasse nela outras criações, outras vidas, senão as florestas que ela gera e os animais que nestas vivem.

Ela as faz brotar, apesar de tudo, para sustentar e ostentar um instante, vidas que devem desaparecer sem deixar vestígios.

Estranho capricho...

Quer ser um recolhimento, um lugar de repouso, de parada, para o arrastão da criação e das constantes mudanças nos seres vivos; mas só isso, continuando ela firme, inabalável, gerando e recebendo vidas, mas de tal modo que as novas que vierem não possam saber quais foram as que lhes antecederam.

Desde que as suas rochas surgiram, quantas formas de vida ela já viu? Inúmeras, milhares; mas de nenhuma quis guardar uma lembrança, uma relíquia, para que a Vida não acreditasse que podia rivalizar com a sua eternidade.

Mesmo os nomes índios, como já foi observado, se apagam, vão se apagando, para dar lugar a nomes banais de figurões ainda mais banais, de forma que essa pequena antiguidade de quatro séculos desaparecerá em breve, as novas denominações talvez não durem tanto.

Não haverá, dentro em pouco, nenhum testemunho das almas que eles representam, dessas consciências tamoias que tentaram, com tais apelidos, macular a virgindade da incalculável duração da terra.

---

<sup>3</sup>Um antigo e poderoso grupo de indígenas tupis dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, aliados aos franceses, que lutaram contra a dominação portuguesa.

Sapopemba<sup>4</sup> é já um general qualquer, e tantos outros lugares do Rio de Janeiro vão perdendo os seus nomes tupis. Inhaúma é ainda dos poucos lugares da cidade que conserva o seu primitivo nome caboclo, zombando dos esforços dos nossos representantes para apagá-lo. É um subúrbio de gente pobre, e o bonde que lá existe atravessa umas ruas de largura desigual, que, não se sabe por quê, ora são muito estreitas, ora muito largas, bordadas de casas e casitas sem que nelas se depare um jardinzinho mais tratado ou se perceba, aos fundos, uma horta mais viçosa. Há, porém, robustas e velhas mangueiras que protestam contra aquele abandono da terra. Fogem para lá, principalmente para seus morros e escuros arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. O espiritismo se mistura a eles, e sua difusão é assombrosa. A Igreja católica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde. É quase abstrata para ele, teórica. Da divindade, não dá, apesar das imagens, de água benta e outros objetos do seu culto, nenhum sinal palpável, tangível de que ela está presente. O padre, para o povo, não se comunica no mal com ela; mas o médium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus transe, recebem, entretanto, almas e espíritos que, por já não serem mais da terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e imensa sabedoria.

Os médiuns que curam merecem mais respeito e veneração que os mais famosos médicos da moda. Os seus milagres são contados de boca em boca, e a gente de todas as condições e cores recorre a eles nos seus desesperos de perder a saúde e ir ao encontro da Morte. O curioso — o que era preciso estudar mais devagar — é a mistura de tantas crenças desencontradas que a Igreja católica governa, com os seus santos e beatos. A feitiçaria, o espiritismo, a cartomancia e a hagiologia<sup>5</sup> católica se baralham naquelas práticas, de modo que faz parecer que, de tal baralhamento de sentimentos religiosos, possa fazer nascer uma grande religião, como nasceram de semelhantes misturas as maiores religiões históricas.

---

<sup>4</sup> A Estação Sapopemba foi inaugurada em 1859, mas seu nome mudou para Estação Deodoro em 1907.

<sup>5</sup> Discurso sobre santos ou coisas santas.

Na confusão do seu pensamento religioso, nas necessidades presentes de sua pobreza, nos seus embates morais e dos familiares, cada uma dessas crenças atende a uma solicitação de cada uma daquelas almas, e a cada instante de suas necessidades.

A gravidade de pensamento que todo esse espetáculo provoca e as lembranças históricas que surgem fazem perguntar se a terra que não tem querido guardar na sua grandeza traços das vidas e das almas que por elas têm passado, ainda desta vez, não permitirá que fiquem vestígios, pegadas, impressões das atuais que, nela, hoje sofrem e mergulham, a seu modo, no Mistério que nos cerca, para esquecê-las de forma triste; e pensa-se isto sob a luz do sol, alegre, clara, forte e alta, que recorta no céu azul as montanhas que se alongam para tocá-lo, tal como se vê nesse lugar de Inhaúma, antiga aldeia de índios, a serra dos Órgãos, solene, soberba...

Numa das ruas desse humilde subúrbio, antes trilho que mesmo rua, em que as águas cavaram sulcos caprichosos, todo ele bordado de maricás<sup>6</sup> que, quando floriam, tocavam-se de flocos brancos, morava em um barracão dona Felismina.

O “barracão” é uma espécie arquitetônica muito curiosa e muito especial àquelas áreas da cidade. Não é a nossa conhecida choupana de sapê e de paredes “a sopapos”<sup>7</sup>. É menos e é mais. É menos porque em geral é menor, com muito menos acomodações; e mais porque a cobertura é mais civilizada; é de zinco ou de telhas. Há duas espécies. Em uma, as paredes são feitas de tábuas; às vezes, verdadeiramente tábuas; em outras, de pedaços de caixões. A espécie, mais aparentada com o nosso “rancho” roceiro, possui as paredes como este: são de taipa. Estes últimos são mais baixos, e a vegetação das bordas das ruas e caminhos os disfarça, aos olhos dos passantes; mas aqueles têm mais porte e não se envergonham de ser vistos. Há alguns com dois aposentos; mas, quase sempre, tanto os de uma como de outra espécie só possuem um. A cozinha é feita fora, sob um puxado no telhado da edificação, com telhas toscas, para aproveitar o abrigo de uma das paredes da barraca; e tudo cercado do mais desolador abandono. Se o morador cria galinhas, elas vivem soltas, dormem nas árvores, misturam-se com as dos vizinhos e, por isso, provocam rixas violentas entre as mulheres e maridos, quando disputam a posse dos ovos.

<sup>6</sup> Árvore espinhosa que, quando floresce, enche-se de flores brancas.

<sup>7</sup> “A sopapos” significa “atirado com a mão”, fazendo referência ao modo de construção de paredes de barro.

Por vezes, no fundo, na frente ou aos lados deles, há uma árvore maior: um cajueiro, um mamoeiro, uma pitangueira, uma jaqueira, uma laranjeira; mas nenhum sinal de cultivo do terreno, de tentativa de cultura, a não ser um canteirozinho com uns pés de manjeriço ou alecrim. Isto às vezes; e, às vezes também, uma touceira de bananeira.

A guaxima<sup>8</sup> cresce, e o capim, e a vassourinha, e o carrapicho e outros arbustos silvestres e insistentes.

O barracão de dona Felismina era de um só aposento, mas o da vizinha, dona Emerenciana, tinha dois. Eram ambos da primeira espécie. Dona Emerenciana era casada com o senhor Romualdo, servente ou coisa parecida em uma dependência da grande oficina do Trajano. Era negra como dona Felismina e honesta como ela.

Defronte ficava a residência da Antônia, uma moça branca, com dois filhos pequenos, sempre sujos e malvestidos. A sua residência era mais modesta: as paredes do seu barraco eram de taipa. A vizinhança, ao mesmo tempo que falava dela, tinha piedade:

— Coitada! Uma desgraçada! Uma perdida!

Ela era bem nova, mas maltratada pelo sofrimento e pela miséria. Com os seus vinte e poucos anos de idade, de boas feições, mesmo delicadas, a sua história devia ser a triste história de todas essas moças por aí...

Mal comendo, ela e os filhos; mal tendo com que se cobrir, todas as manhãs, quando saía para comprar um pouco de café e açúcar, na venda do Antunes, e, na padaria do Camargo, um pão — que lhe teria custado, quem sabe!, que profunda provação no seu pudor de mulher, para ganhá-lo — não se esquecia nunca de colher pelo caminho uns "boas-noites", umas flores de melão-de-são-caetano, de pinhão, de quaresma, de manacás, de maricás — o que encontrasse — para enfeitar-se ou trazê-las nas mãos, em ramallete.

Todos da rua dos Maricás — era este o nome daquele tribo de Inhaúma — conheciam sua vida, mas, com a piedade e compaixão próprias à ternura do coração do povo humilde pela desgraça, tratavam-na como se ela fosse outra e a socorriam nas suas horas de maiores aflições. Só o Antunes, o da venda, com o seu endurecido coração de futuro grande burguês, é que dizia, se lhe perguntavam quem era:

<sup>8</sup> Planta típica do Brasil.



SCHLOSSER

— Uma vagabunda.

Dona Felismina gozava de toda a consideração nas cercanias e até de crédito, tanto no Antunes como no Camargo da padaria. Além de lavar para fora, tinha uma pequena pensão que o marido, guarda-freios da Central, morto em um desastre, tinha lhe deixado. Era uma negra de meia-idade, mas já sem atrativo algum. Tudo nela era dependurado, e todas as suas carnes, flácidas. Lavava todo o dia e todo o dia vivia preocupada com o seu humilde afazer. Ninguém sabia uma falta dela, um desvio qualquer, e todos a respeitavam pela sua honra e virtude. Era das pessoas mais estimadas da ruela, e todos depositavam na humilde crioula a maior confiança. Só a Baiana tinha mais.

Esta, porém, era “rica”. Morava em uma das poucas casas de tijolo da rua dos Espinhos, casa que era dela. Vendedora de angu, em outros tempos, conseguira juntar alguma coisa e adquirira aquela casita, a mais bem tratada da rua. Tinha “homem” enquanto lhe servia; e, quando ele vinha aborrecê-la, mandava-o embora, mesmo a cabo de vassoura. Muito enérgica e disposta, possuía uma piedade contida que se revelou perfeitamente numa aventura curiosa de sua vida. Uma manhã, havia cinco ou seis anos, saindo com o seu tabuleiro de angu, encontrou em uma calçada um embrulho um tanto grande. Arriou o tabuleiro e foi ver o que era. Era uma criança, branca — uma menina. Deu os passos necessários e criava a criança, que, nas imediações, era conhecida por “Baianinha”. E, ao ir às compras na venda, o caixeiro lhe dizia por brincadeira:

— “Baianinha”, tua mãe é negra.

A pequena zangava-se e respondia com indignação:

— Negra é tu, “seu” burro!

A Baiana, porém, era “rica”, estava mais distante. Dona Felismina, porém, ficava mais próxima da vida de toda aquela gente da rua. Os seus conselhos eram ouvidos e procurados, e os seus remédios eram aceitos como se partissem da prescrição de um doutor. Ninguém como ela sabia dar um chá conveniente, nem aconselhar em casos de brigas domésticas. Detestava a feitiçaria, os bruxedos, os macumbeiros, com as suas orgias e barulhadas; mas inclinava-se para o espiritismo, frequentando as sessões do seu Frederico, um antigo colega do seu marido, branco, que morava adiante, um pouco acima. Além da medicina de chás e tisanas<sup>9</sup>,

<sup>9</sup> Cozimento de ervas ou cereais para fins medicinais.

ela aconselhava àquela gente os medicamentos homeopáticos. A beladona, o acônito, a briônia, o enxofre, eram os seus remédios preferidos e quase sempre os tinha em casa, para o seu uso e dos outros.

Certa vez salvou de uma convulsão um dos filhos da Antônia, e esta ficou tão grata que chegou a prometer que se emendaria.

Dona Felismina morava com o seu filho José, o Zeca, um negrinho de pele de veludo, macia de acariciar o olhar, com o cabelo sempre aparado pelos cuidados da mão de sua mãe, e também com as roupas sempre limpas, graças também aos cuidados dela. Tinha todos os traços de sua raça, os bons e os maus; e muita doçura e tristeza vaga nos pequenos olhos que quase ficavam no mesmo plano da testa estreita.

Era este seu filho o seu braço direito, o seu único amparo, o arrimo de sua vida com os seus nove ou dez anos de idade. Doce, resignado e obediente, não havia ordem de sua mãe que ele não cumprisse religiosamente. De manhã, o seu encargo era levar e trazer a roupa dos fregueses; e ele carregava os tabuleiros de roupa e trazia as trouxas; sem o menor desvio de caminho. Se ia à casa do seu Carvalho, ia até lá, entregava ou recebia a roupa e voltava sem fazer a menor traquinada, a menor escapada de criança por aquelas ruas que são mais estradas que rua mesmo. Almoçava, e a mãe quase sempre precisava:

— Zeca, vai à venda e traz dois tostões de sabão.

Na venda, entre todo aquele pessoal tão especial e curioso das vendas suburbanas: carroceiros, verdureiros, carvoeiros, de passagens; frequentadores do parati; conversadores da vizinhança, gente sem ter o que fazer que não se sabe como vive, mas que vive honestamente; um ou outro degradado da sua condição anterior ou nascimento — entre toda essa gente, Zeca era mais imperioso e gritava:

— Caixeiro, "mi" serve já. Dois tostões de sabão!

Se o caixeiro estava atendendo à dona Aninha, mulher do servente dos telégrafos, Fortes, e não vinha atendê-lo logo, Zeca insistia, fingindo-se irritado:

— “Mi” despache, caixeiro! Dois tostões de sabão.

Seu Eduardo, o caixeiro, que era bom e habituado a suportar a insolência dos pequenos que vão às compras, fazia docemente:

— Espere, menino. Você não vê que estou servindo, aqui, a dona Aninha!

A mãe tinha vontade de pô-lo no colégio; ela sentia a necessidade disso todas as vezes que era obrigada a somar os réis. Não sabendo ler, escrever e contar, tinha que pedir a seu Frederico, aquele "branco" que fora colega de seu marido. Mas, pondo-o no colégio, quem levaria e traria sua roupa? Quem faria suas compras?

À tarde, Zeca descansava, brincava com as crianças do lugar um pouco; mas, ao anoitecer, já estava perto da mãe, que remendava a roupa dos fregueses, à luz do lampião de querosene, cuja fumaça enegrecia o zinco do teto do barracão.

Se bem que fosse com a mãe todos os meses receber a módica pensão que o pai deixara, na Caixa dos Guarda-Freios, o seu sonho não era viver no centro da cidade, nas suas ruas brilhantes, cheias de bondes, automóveis, carroças e gente. Zeca desprezava aquilo tudo. O seu sonho era o Engenho de Dentro e o seu cinema. Ter dinheiro para ir sempre a ele, ver as "fitas" que os grandes cartazes anunciavam e o tímpano soando continuamente insistia no convite de vê-las. Quando sua mãe permitia, aos domingos, com outra criança ajuizada da vizinhança, ia até a estação, até lá, defronte do fascinante cinema. Encostava-se, então, à grade da estrada de ferro e ficava olhando, no alto, minutos a fio, aqueles grandes painéis, cheios de grandes figuras, deslumbrantes na sua cercadura de lâmpadas elétricas, como se tudo aquilo fosse uma promessa de felicidade. Como atingiria aquilo? O céu talvez não fosse mais belo... Em cima dos seus tamancos domingueiros, com o terno de casimira que a caridade do coronel Castro lhe dera e a tesoura de sua mãe adaptara a seu corpo, ele, fascinado, não pensava senão naquele cinema brilhante de luzes e apinhado de povo. Nem o apito dos trens o distraía, e só a passagem dos bondes elétricos aborrecia-o um pouco, por lhe tirar a vista do divertimento. Não tinha inveja dos que entravam; o que ele queria era entrar também.

Como deveria ser uma fita? As moças se moviam sob luzes? Como faziam-nas grandes, parecidas? Como apareciam os homens tal e qual? As árvores e as ruas? E, sem falar, como é que tudo aquilo falava?

Podia ter dinheiro para ir, pois, em geral, sempre os fregueses de sua mãe lhe davam um níquel ou outro; mas, mal os apanhava, levava-os à mãe que sempre andava necessitada deles, para a compra de frutas, do polvilho, do sabão e mesmo para a comida que comiam. Distraí-los com o cinema seria feio e ingrátido para com a sua mãe. Um dia havia de ir ao cinema, sem sacrificá-la, sem

enganá-la, como mau filho. Ele não era como o Carlos, que furtava o próprio pai...

Zeca, por seu procedimento, pela sua dedicação à mãe, era muito querido de todos e todos lhe davam gratificações, gorjetas, balas, frutas, quando ia entregar ou buscar a roupa.

Muitos, como a mãe, se interessavam em pô-lo em um recolhimento, em um asilo; ela, porém, embora quisesse vê-lo sabendo ler, sempre era contrária, porque tinha necessidade dos seus serviços, pois era este seu único filho o braço direito dela, seu único auxílio, o seu único "homem".

Uma vez quase cedeu. O seu Castro, o coronel, empregado aposentado da alfândega, conhecido em Inhaúma pelo seu gênio bondoso e seu azar com os filhos e filhas, viera até a sua própria casa, até aquele barracão, naquela modesta rua, bordada de um lado e outro de pés de maricás e de pinhão, e expôs-lhe a que vinha. Dona Felismina respondeu com lágrimas nos olhos:

— Não posso, seu coronel; não posso... Como vou viver sem ele? É ele quem me ajuda... Sei bem que é preciso aprender, saber, mas...

— Você vai lá para casa, Felismina; e não precisa estar se matando.

Hesitou a moça, e o velho funcionário compreendeu, pois desde há muito já tinha compreendido, na gente de cor, especialmente nas negras, esse amor, esse apego à casa própria, à sua choupana, ao seu rancho, ao seu barracão — uma espécie de protesto de posse contra a dependência da escravidão que sofreram durante séculos.

Apesar da recusa, o coronel Castro, em quem a idade e as desgraças domésticas tinham mais enchido de bondade o seu coração naturalmente bom, nunca deixou de interessar-se pela criança, que o penalizava excessivamente. A sua meiguice, a sua resignação, aquele árduo trabalho diário para a sua idade eram motivos para que o velho e tristonho aposentado sempre a olhasse com a mais extrema simpatia.

Quando o negrinho ia à sua casa levar a sua ou a roupa das filhas, dava-lhe sempre qualquer coisa, puxava-lhe a língua, perguntava-lhe pelas suas necessidades.

Certo dia, no começo do ano, o pequeno Zeca chegou a sua casa com a fisionomia um tanto transtornada. Parecia ter chorado e muito. O coronel, homem para quem, como disse um sábio, não

havia nada insignificante e desprezível que pudesse causar dor ou prazer à mais humilde criatura, que não merecesse a atenção do filósofo, o coronel interrogou-o sobre o motivo de sua mágoa.

— Foi tua mãe?

— Não, seu coronel.

— Que foi, então, Zeca?

O pequeno não quis dizer e não parava de olhar o chão, de encará-lo, de cravá-lo, de cavá-lo, de enterrar toda a sua vida nele. Zeca estava na varanda de uma velha casa de fazenda, como as que ainda existem por lá, varanda em parapeito e colunas, no clássico estilo dessas velhas habitações; o coronel nela também estava lendo os jornais, na cadeira de balanço, e só deixara a leitura quando avistou o pequeno que subia a ladeira com o tabuleiro de roupa à cabeça.

A atitude do pequeno, a sua recusa em confessar o motivo do seu choro e o seu desalento fizeram que o velho funcionário, por ternura natural, por bondosa curiosidade, procurasse a causa da dor que feria tão profundamente aquela criança tão pobre, tão humilde, tão desgraçada, quase miserável.

— Diz, Zeca. Diz que eu te darei uma roupa de diabinho no Carnaval que está aí.

O negrinho levantou a cabeça e olhou com um grande e brusco olhar de agradecimento, de comovido agradecimento àquele velho de tão belos cabelos brancos.

Confessou; e Castro nada disse a ninguém da humilde e ingênua confissão do negrinho Zeca.

Aproximou-se o Carnaval; e, quando foi sábado, véspera dele, dona Felismina retirou mais cedo dos arames a roupa branca que tinha ficado secando.

Atarefada com esse serviço, ela não viu que o seu filho entrara pelo barracão adentro, com um embrulho guizalhante<sup>10</sup> e um outro embaixo do braço, com rasgões no papel, por onde saíam recurvados chifres e uma formidável língua vermelha. Era uma horrível máscara de diabo.

Dona Felismina veio para o interior do barracão e pôs-se a arrumar a roupa seca ou corada. Zeca, distraído, no outro extremo do aposento, não a viu entrar e, achando que ela estava lá fora, desembulhou os apetrechos carnavalescos. Sobre a humilde e tosca mesa de pinho estendeu uma rubra vestimenta de tecido

<sup>10</sup> Que faz barulho de guizo.

fino e uma máscara apavorante de olhos esbugalhados, língua retorcida e chifres agressivos, apareceu tão amedrontadora que se o próprio diabo a visse teria medo.

A mãe, ao barulho dos guizos, virou-se, e, vendo aquilo, ficou subitamente cheia de más suspeitas:

— Zeca, que é isso?

Uma visão dolorosa chegou aos seus olhos, da casa de detenção, das suas grades, dos seus muros altos... Ah!, meu Deus! Antes uma boa morte!... E repetiu ainda mais severamente:

— Que é isso, Zeca? Onde você arranjou isso?

— Não... mamãe... não...

— Você roubou, meu filho?... Zeca, meu filho! Pobre, sim; mas ladrão, não! Ah! meu Deus!... Onde você arranjou isso, Zeca?

A pobre mulher quase chorava, e o pequeno, apavorado e com a comoção diante da dor da mãe, balbuciava, hesitava, e as palavras não lhe vinham. Afinal, disse:

— Mas... mamãe... não foi assim...

— Como foi? Diz!

— Foi seu Castro quem me deu. Eu não pedi...

Dona Felismina sossegou, e o pequeno, também. Passados instantes, ela perguntou com outra voz:

— Mas para que você quer isso? Antes tivesse dado a você umas camisas... Para que essas bobagens? Isso é para gente rica, que pode. Enfim...

— Mas, mamãe, eu aceitei porque precisava.

— Disto! Ninguém precisa disto! Precisa de roupa e comida... Isto são tolices!

— Eu precisava, sim, senhora.

— Como, você precisava?

— Não lhe contei que há meses, diversas vezes, quando passava, para ir à casa de dona Ludovina, diante do portão do capitão Albuquerque, os meninos gritavam: “ó, moleque! ó, moleque! ó, negro! ó, gibi<sup>11</sup>!”. Não lhe contei?

— Contou-me; e daí?

— Por isso, quando o coronel me prometeu a fantasia, eu aceitei.

— Que tem uma coisa com a outra?

— Queria amanhã passar por lá e meter medo aos meninos que me vaiaram.

<sup>11</sup> Garoto negro; negrinho.

# Harakashy e as escolas de Java

*“Tudo o que este mundo encerra é propriedade do brâmane, porque ele, por seu nascimento eminente, tem direito a tudo o que existe.”*

Código de Manu

Na minha peregrinação sentimental por este mundo, fui, não sei como, à cidade de Batávia, na ilha de Java.

É fama que os franceses ignoram principalmente a geografia; mas estou certo de que, entre nós, pouca gente tem notícias seguras dessa ilha e da capital das Índias holandesas.

É pena, pois é um dos recantos mais originais e cheios de surpreendentes mistérios que se vão aos poucos desvendando aos olhos deslumbrados da nossa pobre humanidade. Lá, Dubois<sup>1</sup> achou partes do esqueleto do *Pithecanthropus erectus*; e o doido do Nietzsche<sup>2</sup> tinha admiração por certas trepadeiras dessa curiosa ilha, porque, dizia ele, amantes do sol, se enrolavam pelos carvalhos e, apoiadas neles, elevavam-se acima dos mais altos galhos dessas árvores veneráveis, banhavam-se na luz, e sua glória era um espetáculo.

Os restos do afastado ancestral do homem que Dubois encontrou, não os vi quando lá estive. Trepadeiras e cipós vi muitos, mas carvalho não vi nenhum. Nietzsche, que lá não esteve, certamente achou que Java tinha alguma semelhança com Saxe ou com a Suíça. Não eram precisos os carvalhos nem as tais trepadeiras, muito comuns, como todas as plantas, amantes da luz, para tornar Java interessante, porque só o aspecto mesclado de sua população, a confusão do seu pensamento religioso, as suas antiguidades budistas e os seus vulcões descomunais seduzem e prendem a atenção do peregrino desgostoso ou do sábio pesquisador.

Por meses e meses, o tédio mais principesco desfaz-se naquelas terras de sol ardente e orgia vegetal que, talvez, com a Índia e

<sup>1</sup> Marie Eugène François Thomas Dubois, paleoantropólogo holandês. Descobriu o *Pithecanthropus erectus*, ou o *Homo erectus*, conhecido como Homem de Java.

<sup>2</sup> Filósofo alemão.

os grandes lagos da África, sejam os únicos lugares da terra que não foram ainda banalizados inteiramente.

Creio que não será assim por muito tempo. Lá estão os holandeses; e edificaram até, na cidade de Batávia, um bairro europeu, chamado, na língua deles, Weltevreden (paz do mundo), cujas damas se vestem e têm todos os tiques periódicos das moças de Hong Kong ou de Petrópolis.

Nos olhos das mulheres do bairro europeu há apenas a tão terrena ânsia da fortuna; mas, nos olhares negros, luminosos, magnéticos das javanesas há coisas do Além, o fundo do mar, o céu estrelado, o indecifrável mistério da sempre misteriosa Ásia. Também há sensualidade e há morte.

A massa de hindus, de chineses, de anamitas, de malaios e javaneses, porém, esmaga a banalidade pretensiosa daquelas holandesas rechonchudas que estão pedindo a sua imediata volta aos monótonos campos da pátria, com as suas vacas gordas, os seus clássicos moinhos de vento e a ligeira névoa que parece sempre cobri-las, para readquirirem o necessário relevo das suas pessoas.

Não falando no famoso jardim botânico dos arredores, Batávia, como São Paulo ou Cuiabá, possui estabelecimentos e sociedades de ciência e de arte dignas de atenção.

A sua academia de letras é muito conhecida na rua principal da cidade, e os literatos da ilha brigam e guerreiam-se cruamente, para ocuparem um lugar nela. A pensão que recebem é modesta, cerca de cinco patacas por mês, na nossa moeda; eles, porém, disputam a poltrona acadêmica por todos os processos imagináveis. Um destes é o empenho, o nosso “pistolão”, que procuram obter de quaisquer mãos, sejam estas de amigos, de parentes, das mulheres, dos credores ou, mesmo, das amantes dos acadêmicos que devem escolher o novo membro.

Deve parecer que, por tão pouco, não valia a pena disputar acirradamente, como fazem, tais posições. É um engano. O sujeito que é acadêmico tem facilidade em arranjar bons empregos na diplomacia, na alta administração; e a grande burguesia da terra, burguesia de acumuladores de empregos, de políticos de honestidade suspeita, de burocratas, de médicos milagrosos ou de ricos desavergonhados, cujas riquezas foram feitas à sombra de injustas e mal-intencionadas leis — essa burguesia, continuando, admira muito o título de membro da academia, como todo outro

qualquer, e o acadêmico pode bem arranjar um casamento rico ou coisa equivalente.

Lá, a literatura não é uma atividade intelectual imposta ao indivíduo, determinada nele, por uma maneira muito sua e própria do seu intelecto; para os javaneses, é, nada mais, nada menos, que um jogo de prendas, uma sorte de sala, podendo esta ser cara ou barata.

Os médicos, que, em Java, têm outra denominação, como veremos mais tarde, são os mais constantes fregueses da academia.

Estão sempre batendo na sua porta, apesar de a medicina não ter nada a ver com a literatura.

Pertencendo à academia de letras — é o que imagino —, é como se eles ganhassem maior confiança dos clientes e mais segurança no emprego dos remédios. Assim, talvez, pensem eles e também o povo, tanto que a clínica aumenta logo que entram para a ilustre companhia javanesa.

É bem possível que as suas letras e a sua fascinação pela academia visem somente tal resultado, visto que, entre eles, a rivalidade na clínica é terrível e mais ainda quando se trata de competir com colegas estrangeiros. Usam contra estes das mais desleais armas.

Houve um, natural de um pequeno país agrícola da Europa, que só as pôde manter a distância, usando de armas e processos grosseiramente brancos. Estava sempre de varapau em punho, e foi o meio mais eficaz que encontrou, para não caluniarem e prejudicarem sua clínica.

A literatura desses doutores e cirurgiões é das mais prestigiadas naquelas terras; e isto por dois motivos: porque é feita por doutores e porque ninguém a lê e entende.

O critério literário e artístico dos médicos de Java não é o de Hegel, de Schopenhauer, de Taine, de Brunetière ou de Guyau, eles não perdem tempo com semelhante gente. Não admitem que a obra literária tenha por fim manifestar certo caráter saliente ou essencial do assunto que se tem em vista, mais apenas do que o fazem os fatos reais. Literatura não é fazer entrar no patrimônio do espírito humano, com auxílio dos processos e métodos artísticos, tudo o que interessa o uso da vida, a direção da conduta e o problema do destino. Não, absolutamente não.

Os doutores javaneses de curar não entendem literatura

assim. Para eles, é boa literatura a que é constituída por vastas compilações de coisas de sua profissão, escritas em jargão enfadonho com fingimentos de língua arcaica.

Curioso é que a primeira qualidade exigida em um livro de estudo é a sua perfeita, completa clareza, que só pode ser obtida com a máxima simplicidade de escrever, além de um encadeamento naturalmente lógico de suas partes, evitando-se tudo o que distraia a atenção do leitor daquilo que se quer ensinar.

Vou me explicar melhor, e os leitores verão como os sábios javaneses prendem a atenção, poupam o esforço mental dos seus discípulos, empregando termos antigos e locuções que há muito estão fora de uso.

Suponhamos que um médico nosso patricio se proponha a escrever um tratado qualquer de patologia e empregue a linguagem de João de Barros<sup>3</sup> mesclada com a do Padre Vieira, sem esquecer a de Alexandre Herculano. Eis aí em que consiste a literatura suculenta dos doutores javaneses; e todos de lá admiram suas obras escritas em tal dialeto ininteligível. Darei um exemplo, servindo-me do nosso idioma.

Antes, porém, de dar essa mostra do modo de escrever dos sábios de lá, vou lhes dar o de falar, com uma piada que me contaram lá mesmo — porque lá há também irreverentes e observadores. Uma família média, tendo o chefe doente e vendo que a doença não desistia com o modesto médico assistente, resolveu chamar uma das celebridades da medicina javanesa.

A mulher do doente era quem mais queria isso, porque, embora possa ser excelente, com todos os bons predicados, nenhuma mulher perde de todo a vaidade; e a visita de uma personalidade médica fazia falar a vizinhança. Foi chamado o homem, o doutor Lhovehy, uma celebridade retumbante, professor, membro de várias academias, inclusive a de letras e a de história e geografia. Ele foi de carro, com a visita paga adiantadamente: cento e **cinquenta** florins. Chegando junto ao doente, com trejeitos de mau ator, foi falando assim:

— Até agora quem o há tratado?

— O doutor Nepuchalyth.

— Mister é que tendes sempre atilamento com esses físicos incautos. Eles são homens que não curam senão por experiência e costume; e é tão bom de enganar os néscios não afeitos ao

<sup>3</sup> Considerado um dos primeiros gramáticos da língua portuguesa.

bom parecer dos físicos de valia que dão cor a facilmente serem enganados por eles, e o pior é que alguns clientes físicos, ou por contentar todos os do povo e não querer trabalhar ou especular as curas, vão-se com o parecer deles; e porque ser aprazível ao povo faz o físico ganhar mais moedas, usam logo em princípio as suas mezinhas deles.

Depois de ter pronunciado esse discurso inicial com toda a solenidade teatral e doutoral, o Garcia de Orta não anunciado, da sublime escola de Java, examinou o doente e receitou em grego. Quase ao sair, a mulher perguntou-lhe:

— Doutor, qual a dieta?

— Polho<sup>4</sup> cozido ou caldo dele.

A mulher voltou para junto do marido, sem ter compreendido a dieta, pois temeu mostrar-se ignorante em face do sábio, indagando o que era polho.

Logo que a viu, o marido reprimiu-a com doçura:

— Filha, eu não dizia a você que esses médicos famosos não servem para nada?... Este que você trouxe fala que ninguém o entende, como se a gente falasse para isso... Receita umas misturas misteriosas... Sabe você de uma coisa? Continuo com o doutor Nepuchalyth, ali da esquina. Este ao menos tem juízo e não inventou um modo de falar para só ele entender.

O exemplo de que falei acima é o que se encontra em obras de um famoso doutor lá de Java. Cito um único, mas poderia citar muitos. O javanês, doutor de curas, queria dizer: “Sou de opinião de que a febre deve ser combatida na sua causa”.

Achou isso vulgar, indigno do seu título e das suas prerrogativas habituais, e escreveu provocando a máxima admiração dos seus leitores, da seguinte forma:

“Erro, querer parecer-me, é não se atentar donde provém tal febre com incendimento e modorra, para só tratá-la às rebatinhas, tão de pronto como se mesmo fora ela a doença, senão **consequência** muita vez de vitais desarranjos inimigos da sã vida e onde o físico de recado achará a fonte ou as fontes do mal que deixa assim o corpo sem os bons e sãos aspectos de sua habitual composição”.

Depois de uma beleza destas, a sua entrada na academia foi certa e inevitável, pois é nessa espécie de *pot-pourri*<sup>5</sup> de estilos de

<sup>4</sup> Frango.

<sup>5</sup> Composição usando várias partes de obras conhecidas.



SCHLOSSER

tempos desencontrados, com o emprego de um vocábulo idoso, tirado à sorte; de salada de linguagens de épocas diferentes, de modismos de séculos afastados uns dos outros, que a gente inteligente de Java encontra a mais alta expressão da sua oca literatura. Há exceções, devo confessar. Continuo, sem me deter nelas.

A ciência javanesa está muito adiantada. Nunca se fez lá a mais insignificante descoberta; nunca um sábio javanês edificou uma teoria qualquer.

Penso que tal se dá por não haver precisão disso; os da estranha<sup>6</sup> suprem as necessidades da mentalidade javanesa.

O sábio da Batávia é o contrário de todos os outros sábios do mundo. Não é um modesto professor que vive com seus livros, seus algarismos, suas retortas<sup>7</sup> ou tubos de ensaio. O sábio de Java, ao contrário, é sempre um ricoço que foge dos laboratórios, dos livros, das retortas, dos cadinhos, do cálculo geométrico, dos microscópios, das medições astronômicas, dos telescópios, das cobaias, tem cinco ou seis empregos, cada qual mais cansativo, e não falta às festas do mundo.

A presunção de cientista, entretanto, não há quem não a tome. Basta que um sujeito tenha aprendido um pouco de álgebra ou folheado um volume de anatomia para se julgar cientista e se encher de um profundo desdém por toda a gente, sobretudo pelos literatos ou poetas. Contudo todos desse gênero querem sê-lo e, em geral, são péssimos.

Vou lhes contar um caso que se passou com o doutor Karitschâ Lanhi, quando foi nomeado diretor do câmbio do Banco Central de Java. Esse doutor era professor da Escola de Sapadores, da qual mais adiante falarei, e por isso se julgou no direito de concorrer ao lugar do banco. No dia seguinte de sua nomeação, o seu subalterno imediato foi perguntar-lhe qual a taxa de câmbio que devia ser afixada.

— Sempre para a alta. Qual foi a taxa de ontem?

O empregado retrucou:

— 18 5/17, doutor.

O sábio pensou um pouco e determinou:

— Afixe: 18 5/21, senhor Hatati.

O homem reprimiu o espanto e todo o banco riu de tão seguro financeiro que lhe caia do céu, por descuido. Não houve

<sup>6</sup> Exterior, estrangeiro.

<sup>7</sup> Reservatório usado em laboratório.

remédio senão demiti-lo uma semana depois de nomeado.

São assim os graves sábios de Java.

Não nos afastemos, porém, do nosso estudo.

Das grandes artes técnicas, a mais avançada, como era de esperar, é a medicina. O tratamento geralmente empregado é o do vestuário médico. Consiste ele em usar o doutor certo traje para curar certa doença. Para sarar bexigas, o médico vai de cueca; para congestão de fígado, sobrecasaca e cartola; para tuberculose, tanga e chapéu de palha de coco; antraz, de casaca, etc., etc.

Este curioso método foi descoberto recentemente em um país próximo que o repudiou, mas veio revolucionar a medicina da grande ilha. Os físicos locais adotaram-no imediatamente e aumentaram o preço das visitas e redobram a caça aos empregos, para atender às despesas com a indumentária e os aviamentos.

Estava quase me esquecendo de falar no ensino da célebre ilha do arquipélago de Sonda, pois tanto me alonguei no estudo dos seus médicos, que precisarei falar dele com pressa.

Existe uma universidade com três faculdades superiores: a de “Sapadores”, a de “Cortadores” e a de “Físicos”. Os cursos dessas faculdades duram cerca de cinco anos, mas cada uma delas tem um curso menor, de dois ou três anos. A de “Sapadores” tem o de “Consertadores de picaretas”; a de “Cortadores”, o de “Embrulhadores”; e a de “Físicos”, o de “Cobreadores”.

Nas margens do Jacarta, rio que banha Batávia, quem não tem um título dado por uma dessas faculdades não pode ser nada, pois, aos poucos, os legisladores da terra e a estupidez do povo foram exigindo para exercer os grandes e pequenos cargos do Estado, quer os políticos, quer os administrativos, um documento universitário qualquer de sabedoria.

Todos, por isso, tratam de obtê-lo, e é a mais dura vicissitude da vida ser reprovado no curso. É raro, mas acontece. Os jovens javaneses empregam toda espécie de meios para não ser reprovados, menos estudar. Essa ameaça infantil da “bomba”, na sociedade javanesa, leva às almas dos moços daquelas terras um gosto tão amargo de desconforto que toda a felicidade que chegar a eles posteriormente não o aliviará e muito menos será capaz de dissolvê-lo.

E, mesmo que ele acredite em si por sua própria iniciativa, mais valiosa e mais segura que os papéis oficiais; por mais aptidões que demonstre sem título — tem que vegetar em lugares

subalternos e dar o que tem de melhor aos outros titulados, para que figurem estes como capazes. Ele escreverá as cartas de amor; mas os beijos não serão nele.

Por um curioso fenômeno sociológico, as **ideias** divinas de casta se inseriram nas caducas concepções universitárias do europeu medieval e foram dar nas ilhas de Sonda, sob o pretexto de ensino, nessa estranha e original concepção do doutor javanês.

Aproveito a ocasião para avisar os leitores que essa concepção religioso-universitária também existe na República de Bruzundanga. Creio, porém, que ela é originária da grande ilha da Malásia, donde foi ter àquela república, por caminho que não descobri.

Como todo moço que tem legítimas ambições naquele recanto do nosso planeta, Harakashy, um javanês que foi muito meu amigo mais tarde, conseguiu entrar para a Escola dos Sapadores, a fim de valorizar-se na sociedade em que vivia e ter o seu lugar sob o sol, com o título que a faculdade dava. Era malaio com muitas gotas de sangue holandês nas veias, mas sem fortuna nem família. No começo, as coisas foram indo, ele passou; mas, em breve, Harakashy desandou e foi reprovado umas dez vezes na universidade.

Em absoluto, não houve injustiça. O meu amigo nada sabia, porque ingenuamente deduzira dos fatos que a principal condição para ser aprovado, nos exames de Java, é não saber. **Enganava-se**, porém, supondo que tal homenagem fosse prestada a todos. Recebem-na os filhos dos grandes dignitários da colônia, dos ricos, dos homens de negócios que sabem levantar capitais; mas escolares que não têm tal ascendência, como o meu amigo, estão destinados a engrossar a estatística dos reprovados, a fim de comprovar o rigor que há nos estudos da Universidade de Batávia.

Dá-se isso não por culpa total dos professores, mas pelas solicitações de toda a sociedade batavense que quer seus lentes universitários, homens de salão, de teatros caros, de bailes de alto bordo; e eles, para aumentar as suas rendas, que custeiem esse luxo, têm que viver de par com os ministros, que dão empregos, ou aos homens de negócios, que lhes pedem emprestados os nomes para apadrinhar empresas honestas, semi-honestas e mesmo desonestas, em troca de boas gorjetas.

Quem meu filho beija, minha boca adoça — diz o nosso povo.

Em uma sociedade que se modelou assim, não era possível

que o meu Harakashy fosse bem das pernas.

Entretanto, eu o conheci e o senti muito inteligente, culto, amigo dos livros e todo ele saturado de anseios espirituais. Gostava muito de filosofia, de letras e, sobretudo, de história. Leu ensaios para mim e eu achei muito bem escritos, revelando uma grande cultura e um grande poder de evocar. Mas Java é muito estúpida e não admite inteligência senão nos “sapadores”, nos “físicos” e nos “cortadores”.

Ainda não lhes disse o que são os tais “cortadores”. São estes assim como os nossos advogados, e o seu emblema é uma tesoura, devido a ser, senão de regra, mas de praxe, de tradição que toda defesa ou acusação judiciária tenha o maior número de citações possíveis, e tais peças são mais estimadas quando as referências aos autores consultados vêm nelas coladas com os próprios retalhos dos livros referidos. A tesoura é instrumento próprio para isto e, dessa maneira, enriquece os “cortadores”, pois os simpáticos dessa natureza são muito bem pagos, embora estraguem suas bibliotecas que alcançam muito baixas licitações quando vão a leilão.

Atribui o desastre da vida escolar do meu amigo ao fato de ele não ter nenhum jeito para qualquer das grandes profissões liberais que a Batávia oferece aos seus filhos.

Se Harakashy nascesse na França ou em outro país civilizado, naturalmente a sua própria vocação iria encaminhá-lo para uma aplicação mental, de acordo com o seu espírito; mas, em Java, tinha que ser uma daquelas três coisas, se quisesse figurar como inteligente. Não achando campo para a sua atividade cerebral, muito pouco atraído para o estudo das “picaretas automáticas”, muito orgulhoso para bajular os professores e aceitar aprovações por piedade, o meu amigo ficou naquela exuberante terra sem norte, sem rumo, absolutamente sem saber o que fazer.

Ensinava para vestir-se e comer. E todos que o conheciam desde menino admiravam-se que o infante aplicado dos seus primeiros anos tivesse sido substituído por um rapaz tristonho, isolado, amargo e cruel nas suas conversas íntimas, revelando sempre uma profunda tristeza.

Aos profundos, parecerá vão; aos superficiais, parecerá tolo — **consequências** tão grandes para causas tão fracas.

Não me animo a discutir, mas lembro que o amor tem qualquer coisa de parecido... Visitei-o sempre. Amei-o na sua desor-

dem de espírito, imensa e ambiciosa de fazer o Grande e o Novo. Em uma das minhas visitas, encontrei-o no seu modesto quarto, deitado em uma espécie de colchão de palha, fumando e tendo um gordo livro ao lado. Eu entrava sem me anunciar. Trocamos algumas palavras e ele me disse logo após:

— Fizeram muito bem em não me deixar ir adiante.

— E essa!

— Não te admire. Continuo estudando história e estou convencido.

— Como?

— Lê este manuscrito.

Passou-me então um volume fortemente encadernado em couro.

Era o livro que tinha ao lado. Pude ler o título: História da Universidade de Batávia com a biografia dos seus mais distintos alunos, por Degni-Hatdy — 1878.

— Quem é este Degni-Hatdy?, perguntei.

— Foi um gênio, meu caro. Um gênio de escola... Recebeu medalhas, diplomas, prêmios... Ainda é vivo, mas ninguém o conhece mais.

— É de interesse, a memória?

— É, e bastante, pois traz a lista dos alunos ilustres da universidade.

— Quais foram?

— Newton, Huyghens, Descartes, Kant, Pasteur, Claude Bernard, Darwin, Lagrange.

— Chega.

— Ainda: Dante e Aristóteles.

— Uff!

— Gente de primeira, como vês; e, quando soube, tive orgulho de ter sido de alguma forma colega deles; mas...

Por aí, acendeu um cigarro, tirou duas longas fumaças com a preguiça javanesa e continuou com a ironia batava:

— Mas, como te dizia, bem cedo tive vergonha de ter um dia passado pela minha mente que eu era capaz de emparelhar-me com tais gênios. É verdade que eles não sabiam ter frequentado a universidade... Vou esconder-me em qualquer buraco, para me resgatar de tamanha pretensão.

Saí. Ainda o vi durante alguns dias; mas, bem depressa, desapareceu dos meus olhos. Pobre rapaz! Onde estará?

# Congresso Pamplanetário<sup>1</sup>

*Urubu pelado não se mete no meio dos coroados*

Ditado popular

De tal forma se haviam multiplicado os congressos que foi preciso ser original. Dentro de cada um dos oito planetas, desde o mais bronco, que me parece ser Vênus, até o mais inteligente, que naturalmente deve ser Netuno, não era possível reunir um que não fosse a milésima repartição dos outros anteriores. Congressos nunca foram coisas de primeira necessidade; mas a necessidade do espetáculo tem em todos nós tão fortes exigências como desvios convenientes.

Além do mais, Júpiter estava em tal estado de adiantamento que precisava mostrar-se ao sistema todo. Produzia por ano 200.000\$000 de toneladas de aperfeiçoadas farpas de bambus (específico contra as dores de dentes); e os seus filósofos e escritores, graças às modernas máquinas elétricas de escrever, abarrotavam os armazéns das estradas de ferro com bilhões de toneladas de papel impresso. Houve um que, narrando todas as suas conversas e atos do ano, dia por dia, hora por hora, minuto por minuto, segundo por segundo, escreveu uma obra de 68.922 volumes, com 20.677.711 páginas, das quais 3.000.000 alvas e limpas — as melhores! — significavam as horas de seu sono sem sonhos.

O autor não omitiu nelas nem as ordens aos criados, nem tampouco as frases vulgares que trocamos ao cumprimentar. Tudo registrou porque, dizia ele, isso aumentava o peso da obra, e, portanto, o seu valor.

Era unicamente Júpiter que estava assim: o resto dos satélites do Sol vivia sofrivelmente... Como, porém, houvessem descoberto que todos eles estavam ligados por uma força oculta que, embora influenciando mutuamente sobre todos eles, pesava mediocrementemente sobre os destinos particulares de cada um — e como também fosse preciso ser original nos congressos —, Júpiter propôs, e todos os planetas restantes aceitaram, a reunião de um Congresso Pamplanetário.

Era preciso, diziam os embaixadores de Júpiter, formar um

<sup>1</sup> De todos os planetas.

espírito planetário, em contraposição ao espírito estelar. Com isso, eles escondiam o secreto desejo de vender aos outros planetas farpas aperfeiçoadas, remédios para calos, toneladas de um literário papel de embrulhos e outros produtos similares de sua atividade sem limites, não esquecendo de conquistar alguns destes últimos ou parte deles.

Todos os outros não viram bem esse propósito de Júpiter; mas este venceu a resistência convencendo-os de que deviam ser originais e chamar a atenção do Universo... O mundo estelar não debocha da gente? Altair não está sempre rindo sarcasticamente de nós? Aldebarã não nos ameaça com seu rubor? Sirius<sup>2</sup> não desdenha de nós? Pois vamos lhes mostrar.

A reunião — ficou decidido — teria lugar na Terra. Não porque a Terra fosse muito poderosa, mas porque, nos últimos anos, ela instalara nos seus **polos** uma imensa buzina que gritava para as estrelas: “Sou o primeiro planeta do orbe, tenho estradas de milhões de metros: sou o paraíso do Universo”, etc., etc.

A buzina era indispensável, visto que os caminhos, palácios, jardins e teatros, etc. se destinavam aos extraterrestres e tinham por fim atraí-los, no pensamento de que os estranhos viessem trazer a segura prosperidade dela — a Terra.

O seu povo, todos conhecem-no: é uma gente cheia de uma nevoenta poesia, tema, loquaz, um tanto indolente, mas liberal, por ser relaxada, e generosa, por ser liberal. São defeitos e são qualidades, mesmo porque, para os povos, não há defeitos nem qualidades; há características, e mais nada.

Os de Júpiter não são assim; são rígidos, duros e frios; e têm dois sentimentos dominadores: o do enorme, que é o seu critério de beleza, e o do dourado.

Um habitante do grande planeta, uma vez na Terra, ao ver pelo crepúsculo o céu banhado de ouro, esperneou de tal modo e de tal modo subiu às montanhas para colhê-lo que no outro **polo** houve um terremoto. Vendo a cor do ouro, eles saem bufando, com o olhar injetado, em estado de fúria; e saem matando, estripando indiferentes, amigos, parentes e até os pais; e — curioso — só querem ouro para construir caixões de seis léguas de alturas e seis polegadas quadradas de base. Eis como sentem a beleza... A isso juntam um horror pelos gatos, um ódio idiota e histérico; no

<sup>2</sup> Altair, Aldebarã e Sirius são estrelas.

entanto, os “gatos” são bons; se velhos, têm a ternura de criança; se crianças, uma graciosa espontaneidade de encantar. Mesmo se não são melhores do que os seus companheiros de planeta, são perfeitamente iguais a eles.

Contudo, são sensíveis e auditivos, o que lhes dá a faculdade de criar uma poesia e uma música próprias, das quais os de Júpiter se aproveitam, sem poder eles mesmos criar essas manifestações artísticas, pois a sua insensibilidade não o permite.

Mas os jupiterianos não os toleram, porque podem os “gatos” votar, embora fossem os próprios algozes destes que lhes tivessem dado esse direito.

Por qualquer coisa, os estúpidos jupiterianos se reúnem na praça pública e matam a pauladas, a fogo, à foice, sem processo algum, sob o pretexto de que o “gato” queria casar ou namorava uma filha deles. Lá se chama banditismo e é coisa parecida com o linchamento *yankee*<sup>3</sup>.

Um viajante, entretanto, que lá esteve, achou esses “gatos” excepcionalmente tímidos e doces, admirando-se que lá não houvesse mais crimes, provocados pelos sofrimentos e humilhações que eles sofrem.

Perseguem-nos de modo bárbaro e covarde. Chamam-nos de poltrões, mas, quando querem guerrear, socorrem-se deles, e os “gatos” se portam bem. Vem a paz, oprimem-nos, encurralam-nos, mas, assim mesmo, eles crescem e se multiplicam... Fraca raça!

Júpiter, como ia dizendo, atendeu ao grito da buzina e reuniu o congresso na Terra. Na primeira sessão, logo os jupiterianos falaram na fraternidade de todos os animais do Universo: homens e gatos, burros e jupiterianos, marcianos e raposos. Um principal de Júpiter até, a esse respeito, fez um discurso muito bonito.

É muito antiga a manobra de Júpiter falar sempre em liberdade, fraternidade, etc. Certa vez, ele declarou guerra a Saturno, para libertar seus povos. Logo, porém, que o venceu, restabeleceu a escravatura que já estava absolvida. Tal e qual a América do Norte fez com o Texas, província do México, em 1837.

Como todos esperavam, os trabalhos do congresso prosseguiram com grande atividade. Além de tratar do estabelecimento de pontes que ligassem todos os planetas entre si, o congresso votou as seguintes conclusões sobre a perfeita fraternidade animal, estabelecida nos seguintes pontos:

<sup>3</sup> Relativo ao norte dos E.U.A

- a) Não se deveria mais comer qualquer animal (boi, carneiro, porco, etc.);
- b) As gaiolas dos pássaros deveriam ser aumentadas do dobro, no mínimo;
- c) Na caça, uma espingarda não poderia ser carregada com mais de seis grãos de chumbo;
- d) Generalizar cinco jogos de bola na sociedade dos cabritos.

O programa era vasto e piedoso; e até um principal de Júpiter, a esse respeito, orou e citou largamente a Bíblia, tanto o Antigo como o Novo Testamento, fazendo pena não haver ali muitas beatas que pudessem chorar com tal homem, tão digno de vir a substituir são Vicente de Paulo, porque não é próprio citar Buda.

O povo da Terra — boa gente! — alegrou-se e encheu-se de orgulho por poder mandar às estrelas este grito: “Não comemos mais bois! Nada temos com as estrelas!”

Houve festas: banquetes e bailes para alguns; luminárias para quem quisesse ver as fantasmagorias surpreendentes nos órgãos de publicidade.

No Céu, porém, Sírius sorriu, e Altair mais amarela se fez. Duas estrelas empalideceram de espanto, e Aldebarã quis avisar aos ignorantes, mas não pôde.

Júpiter vendeu a todos os seus irmãos toneladas de farpas, de remédios para calos, de papel literário; e isto com alguma violência, que não conto aqui. De passagem, digo-lhes que ele ocupou um pedaço de Mercúrio...

Se tais produtos não estavam completamente envenenados, foram, no entanto, maléficos. A Terra banalizou-se; Marte perdeu a inteligência; Vênus, o amor desinteressado; Netuno, a bravura generosa; os “gatos” de todos os planetas, contudo, vieram a gozar dos benefícios das instituições jupiterianas, isto é, foram expulsos da comunhão dos patrícios. Sob a “proteção” de Júpiter, foi assim que se fez a fraternidade animal em todo o sistema planetário. Sírius nunca mais parou de sorrir.

## Clô

### A Alexandre Valentim Magalhães

Devia ser já a terceira pessoa que sentava à sua mesa.

Não era agradável para ele aquela sociedade com desconhecidos; mas que fazer naquela segunda-feira de Carnaval, quando as confeitarias têm todas as mesas ocupadas, e as cerimônias dos outros dias se desfazem, dissolvem-se?

Se as duas primeiras pessoas eram desajeitados sujeitos sem atrativos, o terceiro resgatava todo o desgosto causado pelos outros. Uma mulher formosa e bem tratada é sempre bom ter-se à vista, embora sendo desconhecida, ou, talvez, por isso mesmo...

Estava ali o velho Maximiliano esquecido, só moendo cismas, bebendo cerveja, obediente ao seu velho hábito. Se fosse um dia comum, estaria cercado de amigos; mas os homens populares, como ele, nunca o são nas festas populares. São populares a seu jeito, para os frequentadores das ruas famosas, cafés e confeitarias, nos dias comuns; mas nunca para a multidão que desce dos subúrbios, das províncias vizinhas; esta abafa aqueles e como que os afugenta. Contudo não se sentia deslocado...

A quinta garrafa já se esvaziara, e a sala continuava a encher-se e a esvaziar-se, a esvaziar-se e a encher-se. Lá fora, o canto dos mascarados, os longos refrões, os risos e as músicas maliciosas enchiam a rua de sons e ruídos desencontrados e, dela, vinha à sala uma satisfação de viver, um barulho de vida e de luxúria que convidava o velho professor a ficar durante mais tempo bebendo, afastando o momento de entrar em casa.

E esse barulho de vida e luxúria que faz estremecer a cidade nos três dias de sua festa clássica, naquele momento, diminuía muito suas grandes mágoas de sempre e, sobretudo, aquela teimosia e pequenina de hoje. Ela o pusera assim pensativo e isolado, embora mergulhado no turbilhão de riso, de alegria, de rumor, de embriaguez e luxúria dos outros, em segunda-feira gorda.

O “jacaré” não dera e muito menos a centena. Esse capricho da sorte tirava sua esperança de ganhar um conto e pouco



— doce esperança que se esvaía amargosamente naquele crepúsculo de confusão e prazer.

E que trabalho não tivera ele, doutor Maximiliano, para fazê-la brotar no seu peito, logo nas primeiras horas do dia! Quantas interpretações, palpites, exames cabalísticos! Ele bem parecia um adivinho romano que vem dizer ao cônsul se deve ou não oferecer batalha...

Logo que ela surgiu aos seus olhos, como lhe pareceu certo aquele navegar prevenido dentro do nevoento mar do Mistério, marcando rumo para aquele ponto — o “jacaré” — onde encontraria sossego, abrigo, durante alguns dias!

E agora, passado o nevoeiro, onde estava?... Estava ainda em mar alto, já sem alimento quase e com frágeis energias para levar o barco a salvamento... Como havia de comprar bisnagas, confetes, serpentinas, alugar automóvel? E — o que era mais grave — como havia de pagar o vestido de que a filha andava precisada, para se mostrar sábado próximo, na rua do Ouvidor, em toda a plenitude de sua beleza, feita (e ele não sabia como) da desenvoltura italiana e de uma forte e exótica exalação sexual... Como havia de dar-lhe o vestido? Com aquele seu olhar calmo em que não havia mais nem espanto, nem reprovação, nem esperança, o velho professor olhou ainda a sala tão cheia, por aquelas horas, tão povoada e animada de mocidade, de talento e de beleza. Ele viu alguns poetas conhecidos, quis chamá-los, mas, pensando melhor, resolveu continuar só.

O velho doutor Maximiliano não cansou de observar, um por um, aqueles homens e aquelas mulheres, homens e mulheres cheios de vícios e aleijões morais; e ficou um instante pensando se a nossa vida total, geral, seria possível sem os vícios que a estimulavam, embora a degradem também.

Por esse tempo, então, notou ele a curiosidade e a inveja com que um grupo de modestas meninas dos subúrbios examinava a moda e os modos das presentes. Na sua mesa, atraindo seus olhares, lá estava aquela formosa e famosa Eponina, a mais linda mulher pública da cidade, produto combinado das imigrações italiana e espanhola, extraordinariamente estúpida, mas com um olhar de abismo, cheio de atrações, de promessas e de volúpia.

E o velho lente olhava tudo aquilo pausadamente, com a sua misericórdia de infeliz, quando pensou na casa, naquele seu

lar, onde o luxo era um amargo, uma dor, amaciada pela música, pelo canto, pelo riso e pelo álcool.

Pensou, então, em sua filha, Clôdia — a Clô, em família — em cujo temperamento e espírito havia algo de uma grande cortesã. Lembrou-se com admiração de sua carne veludosa e palpitante, do seu amor às danças sensuais, do seu culto ao modo de vestir e ao perfume, do seu fraco senso moral, do seu gosto pelos licores fortes; e, de repente e por instantes, ele a viu coroada de hera, mal cobrindo a sua nudez, com uma pele salpicada, o ramo de tirso erguido, dançando, religiosamente bêbeda, cheia de fúria sagrada de bacante: “Evoé! Baco!”

E essa visão antiga passou pelos seus olhos, quando a Eponina ergueu-se da mesa, tilintando as pulseiras e berloques caros, chamando muito a atenção de Mme. Rego da Silva, que, em companhia do marido e da sua amiga Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade, tomavam sorvetes, numa mesa ao longe. O doutor Maximiliano, ao ver aquelas **joias** e aquele vestido, voltou a lembrar-se de que o “jacaré” não dera; e refletiu, talvez com profundidade, mas com muita amargura, sobre a má organização da nossa sociedade. Mas não foi adiante e procurou decifrar o problema da sua multiplicação em Clô, tão maravilhosa e tão rara. Como é que ele tinha posto no mundo um exemplar de mulher tão vicioso e delicado como era a filha? De que misteriosa célula sua saíra aquela floração exuberante de fêmea humana? Vinha dele ou da mulher? De ambos? Ou de sua mulher só, daquela sua carne apaixonada e sedenta que tremia quando recebia as lições de piano, na casa dos pais?

Não pôde, porém, resolver o caso. Aproximava-se o doutor André, com o seu rosto de ídolo peruano, duro, sem mobilidade alguma na fisionomia, cor de cobre, onde o ouro do aro do pincenê<sup>1</sup> reluzia fortemente e iluminava a barba.

Era um homem forte, de largos ombros, musculoso, tórax saliente, saltando; e, mesmo tendo as pernas arqueadas, era assim mesmo um belo exemplar da raça humana.

Lamentava-se que ele fosse um bacharel vulgar e um deputado obscuro. A sua falta de agilidade intelectual, de maleabilidade, de flexibilidade, a sua fraca capacidade de abstração e fraco poder de associar **ideias** não impediam fosse ele deputado e bacharel. Ele seria rei, estaria no seu quadro natural, não na

<sup>1</sup> Óculos antigos sem hastes.

câmara, mas remando em ubás ou igaras<sup>2</sup> nos nossos grandes rios.

Era o seu último amigo, entretanto a mais constante companhia de sua mesa.

Deputado, como já ficou dito, e rico, representava, com muita elegância e liberalidade, uma feitoria mansa do Norte, nas salas burguesas; e, apesar de casado, a filha do antigo professor, a sensual Clô, esperava casar-se com ele, pela religião do Sol, um novo culto recentemente fundado por um agrimensor ilustrado e sem emprego.

O velho Maximiliano nada de definitivo pensava sobre tais projetos; não os aprovava, nem os reprovava. Limitava-se a pequenas reprimendas sem convicção, para que o casamento não fosse efetuado sem a bênção do sacerdote do Sol ou de outro qualquer.

E, se fazia isto, era para não precipitar as coisas; ele gostava dos desdobramentos naturais e encadeados, das passagens suaves, das inflexões doces, e detestava os saltos bruscos de um estado para o outro.

— Então, doutor, ainda por aqui?, fez o rico parlamentar sentando-se.

— É verdade, respondeu-lhe o velho. Estou fazendo o meu sacrifício, rezando a minha missa... É a quinta... Que toma, doutor?

— Um “madeira”... Que tal o Carnaval?

— Como sempre.

E, depois, voltando-se para o caixeiro:

— Outra cerveja e um “madeira” aqui para o doutor. Olha: leva a garrafa.

O caixeiro afastou-se, levando a garrafa vazia, e o doutor André perguntou:

— Dona Isabel não veio?

— Não. Minha mulher não gosta das segundas-feiras de Carnaval. Acha-as sem graça... Ficaram, ela e a Clô, em casa se preparando para o baile à fantasia na casa dos Silva... Quer ir?

— O senhor vai?

— Não, meu caro senhor; do Carnaval, eu só gosto dessa barulhada da rua, dessa música selvagem e preenchida de reco-recos, de pandeiros, de bombos, desse som fanhoso de

<sup>2</sup> Tipos de canoa indígena.

instrumentos de metais... Até do bombo gosto, mais nada! Essa barulhada faz bem à minha alma. Não irei... Agora, se o doutor quer ir... Clô vai de negra de Angola.

— Deve ficar muito bem nela... Não posso ir; entretanto, irei a sua casa para ver a sua senhora e a sua filha fantasiadas. O senhor devia também ir...

— Fantasiado?

— Que tinha?

— Ora, doutor! Eu ando sempre com a máscara no rosto.

E sorriu leve com amargura; o deputado pareceu não compreender e observou:

— Mas, a sua fisionomia não é tão velha assim...

Maximiliano ia falar qualquer coisa quando o caixeiro chegou com as bebidas, ao mesmo tempo que Mme. Rego da Silva e o marido levantaram-se com a pequena Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade em peso.

O parlamentar olhou-os bastante com o seu seguro ar de quem tudo pode. Ouviu que ao lado diziam, à passagem dos três: triângulo amoroso. A sua simplicidade provinciana não compreendeu a maldade e logo dirigiu-se ao velho professor:

— Jantam em casa?

— Jantamos; e o doutor não quer jantar conosco?

— Obrigado. Não é possível ir hoje... Tenho um compromisso sério... Mas fique certo que, antes de saírem, irei lá tomar um uisquezinho... Se me permite?

— Oh!, doutor! O senhor é nosso melhor amigo. Não imagina como todos lá falam no senhor. Isabel levanta-se pensando no doutor André; Clô, essa, nem se fala! Até o Caçula, quando o vê, não late; faz festas para o senhor, não é?

— Como isso me enche de...

— Ainda há dias, Isabel me disse: Maximiliano, eu nunca bebi um Chambertin como esse que o doutor André nos mandou... O meu filho, o Fred, sabe até um dos seus discursos de cor; e, de tanto repeti-lo, creio que sei de memória vários trechos dele.

A face rígida do ídolo, com grande esforço, abriu-se um pouco; e ele disse, ao jeito de quem quer o contrário:

— Não vá agora recitá-lo.

— Certo que não. Seria inconveniente; mas não estou impedido de dizer, aqui, que o senhor tem muita imaginação, belas

imagens e uma forma magnífica.

— Sou principiante ainda, por isso não me fica mal aceitar o elogio e agradecer a animação.

Fez uma pausa, tomou um pouco de vinho e continuou em tom conveniente:

— O senhor sabe perfeitamente que espécie de força me prende aos seus... Um sentimento acima de mim, uma solicitação, alguma coisa a mais que os senhores puseram na minha vida...

— Pois então, interrompeu cheio de comoção o doutor Maximiliano: à nossa!

Ergueu o copo, e ambos tocaram os seus, reatando o parlamentar a conversa desta maneira:

— Deu aula hoje?

— Não. Desci para espairecer e “cavar”. É dura esta vida... “cavar”! Como é triste dizer isto! Mas que se há de fazer? **Ganha-se** uma miséria... Um professor com oitocentos mil-réis o que é? Tem-se a família, representação... uma miséria! Ainda agora, com tantas dificuldades, é que Clô deu em tomar banhos de leite...

— Que **ideia!** Onde aprendeu isso?

— Sei lá! Ela diz que tem não sei que propriedades, certas virtudes... O diabo é que tenho de pagar uma conta estúpida no leiteiro... São banhos de ouro é que são! Jogo nos bichos... Hoje tinha tanta fé no “jacaré”...

O caixeiro passava e ele recomendou:

— Baldomero, outra cerveja. O doutor não toma mais um “madeira”?

— Vá lá. Ganhou, doutor?

— Quê! E não imagina que falta me fez!

— Se quer?...

— Pelo amor de Deus, meu caro; deixe disso! Então vai ser assim todo o dia?

— Que tem!... Ora!... Nada de cerimônias; é como se recebesse de um filho...

— Nada disso... Nada disso...

Fingindo que não entendia a recusa, o doutor André foi retirando da carteira uma bela nota, cujo valor nos bolsos do doutor Maximiliano lhe fez esquecer muito a sua desdita no “jacaré”.

O deputado ainda ficou um pouco; logo, porém, se despediu, refazendo a promessa de que iria até a casa do professor, para ver as duas senhoras fantasiadas.

O doutor Maximiliano bebeu ainda uma cerveja e, acabada esta, saiu vagorosamente um tanto trôpego.

A noite já tinha caído há muito. Era já noite fechada. Os cordões e os bandos carnavalescos continuavam passando, rufando, batendo, gritando desesperadamente. Homens e mulheres de todas as cores — os alicerces do País — vestidos de meia e de penas multicores, fingindo índios, dançavam na frente ao som de uma zabumbada africana, tocada com fúria em instrumentos selvagens, roucos uns, estridentes outros. As danças tinham requebros luxuriosos de quadris, uns caprichosos trocar de pernas, umas quedas imprevistas.

Aqueles fantasiados tinham guardado na memória muscular velhos gestos dos antepassados, mas não mais sabiam coordená-los nem a explicação deles. Eram restos de danças guerreiras ou religiosas dos selvagens de onde a maioria deles provinha, que o tempo e outras influências tinham transformado em palhaçadas carnavalescas...

Certamente, durante os séculos de escravidão, nas cidades, os seus antepassados só se podiam lembrar daquelas cerimônias de seus campos ou tabas, pelo carnaval. A tradição passou aos filhos, aos netos, e estes estavam ali a observá-la com as inevitáveis deturpações.

Ele, o doutor Maximiliano, apaixonado amador de música, antigo professor de piano, para poder viver e formar-se, **deteve-se** um pouco, para ouvir aquelas bizarras e bárbaras cantorias, pensando na pobreza de invenção melódica daquela gente. A frase, mal desenhada, era curta, logo cortada, interrompida, sacudida pelos rufos, pelo ranger, pelos guinchos de instrumentos selvagens e ingênuos. Um instante, ele pensou em continuar uma daquelas cantigas, em completá-la; e a ária veio-lhe inteira, ao ouvido, provocando o antigo professor de música a fazer parar o “Chuveiro de Ouro”, a fim de ensinar-lhes, aos cantores, o que a imaginação lhe havia trazido à cabeça naquele momento.

Arrependeu-se que tivesse gostado daquela barulhada; porém, o amador de música vencia o homem desgostoso. Ele queria que aquela gente entoasse um hino, uma cantiga, um

canto com qualquer nome, mas que tivesse regra e beleza. Mas — logo imaginou — para quê? Corresponderia a música mais ou menos artística aos pensamentos íntimos deles? Seria mesmo a expansão dos seus sonhos, fantasias e dores?

E, devagar, foi pela rua afora, cobrindo de simpatia toda a infantilidade aparente daqueles trejeitos e berros, que bem sentia profundos e próprios daquelas criaturas grosseiras e de raças tão várias, mas que encontravam naquele vozerio bárbaro e ensurdecido meio de fazer gotejar os seus sofrimentos de raça e de indivíduo e exprimir também as suas ânsias de felicidade.

Encaminhou-se direto para a casa. Estava fechada; mas havia luzes na sala principal, onde tocavam e dançavam.

Atravessou o pequeno jardim, ouvindo o piano. Era sua mulher quem tocava; ele adivinhava pela suavidade, pela maneira de ferir as notas, muito docemente, sem deixar quase perceber a impulsão que os dedos levavam. Como ela tocava aquele tango! Que paixão punha naquela música inferior!

Lembrou-se então dos “cordões”, dos “ranchos”, das suas cantilenas ingênuas e bárbaras, daquele ritmo especial a elas que também perturbava sua mulher e abrasava sua filha. Por que caminho tinha chegado ao seu sangue e a sua carne aquele gosto, aquele pendor por tais músicas? Como havia correlação entre elas e as almas daquelas duas mulheres?

Não sabia ao certo; mas viu em toda a sociedade complicados movimentos de trocas e influências — trocas de **ideias** e sentimentos, de influências e paixões, de gostos e inclinações.

Quando entrou, o piano parava, e a filha descansava, no sofá, o cansaço da dança sensual que estivera ensaiando com o irmão. O velho ainda ouviu com bondade o filho dizer:

— É assim que se dança nos Democráticos.

Clô, logo que o viu, correu a abraçá-lo e, abraçada ao pai, perguntou:

— André não vem?

—Virá.

Mas, logo, em tom sério, acrescentou:

— Que tem você com André?

— Nada, papai; mas ele é tão bom...

Maximiliano quis ser duro; quis apossar-se da sua respeitável autoridade de pai de família; quis exercer o velho sacerdócio de sacrificador aos deuses dos lares; mas era cético demais,

duvidava, não acreditava mais nem no seu sacerdócio nem no fundamento da sua autoridade. Ralhou, entretanto, frouxamente:

— Você precisa ter mais compostura, Clô. Veja que o doutor André é casado, e isso não fica bem.

A isso, todos entraram em explicações. O respeitável professor foi vencido e convencido de que a afeição da filha pelo deputado era a coisa mais inocente e natural deste mundo. Foram jantar. A refeição foi tomada rapidamente. Fred, contudo, pôde dar algumas informações sobre os desfiles carnavalescos do dia seguinte. Os Fenianos perderiam na certa.

Os Democráticos tinham gasto mais de sessenta contos e iriam pôr na rua uma coisa nunca vista. O carro do estandarte, que era um templo japonês, faria um “bruto sucesso”. Além do mais, as mulheres eram as mais lindas, as mais bonitas... Estariam a Alice, a Charlotte, a Lolita, a Carmen...

— Ainda toma muito cloral?, perguntou Clô.

— Ainda, respondeu o irmão; e emendou: vai ser uma lindeza, um triunfo, à noite, com luz elétrica, nas ruas largas...

E Clô, por instantes, mordeu os lábios, suspendeu um pouco o corpo e viu-se também, no alto de um daqueles carros, iluminada pelos fogos, recebida com palmas, pelos meninos, pelos rapazes, pelas moças, pelas burguesas e burgueses da cidade.

Era o seu triunfo, a meta de sua vida; era a multiplicação de sua beleza em sonhos, em anseios, em **ideias**, em violentos desejos naquelas almas pequenas, sujeitas ao império da convenção, da regra e da moral. Tomou a cerveja, todo o copo de um gole, limpou a espuma dos lábios, e o seu ligeiro buço surgiu lindo sobre os breves lábios vermelhos. Em seguida, perguntou ao irmão:

— E essas mulheres ganham?

— Quê! Você não vê que é uma honra?, respondeu-lhe o irmão.

E o jantar acabou sério e familiar, embora a cerveja e o vinho não tivessem faltado aos devotos de cada uma das duas bebidas.

Logo que a refeição acabou, talvez uns vinte minutos após, o doutor André se fazia anunciar. Desculpou-se com as senhoras; não pudera vir jantar, questões políticas, uma conferência...

Pedia licença para oferecer aquelas pequenas lembranças de Carnaval.

Deu uma pequena caixa a dona Isabel e uma maior a Clô. As **joias** saíram das embalagens e faiscaram orgulhosamente para todos os presentes deslumbrados. Para a mãe, um anel; para a filha, um bracelete.

— Oh, doutor!, fez dona Isabel. O senhor está se sacrificando e nós não podemos concordar com isso...

— Ora, dona Isabel! São falsas, nada valem... Sabia que dona Clôdia ia de “preta mina” e lembrei-me de trazer este enfeite para ela...

Clô agradeceu sorridente a lembrança, e a suave boca quis fixar demoradamente o longo sorriso de alegria e agradecimento. E voltaram a tocar. Dona Isabel pôs-se ao piano e, como tocasse depois da sobremesa, hora da melancolia e das discussões transcendentais, como já foi observado, executou alguma coisa triste.

Chegava a ocasião de se prepararem para o baile à fantasia que os Silvas davam. As senhoras retiraram-se e só ficaram, na sala, os homens, bebendo uísque. André, impaciente e desatento; o velho lente, indiferente e compassivo, contando histórias engraçadas, com vagar e cuidado; o filho, sempre procurando caminho para exhibir o seu saber em coisas carnavalescas. A conversa ia caindo, quando o velho disse para o deputado:

— Já ouviu a Bamboula, de Gottschalk, doutor?

— Não... Não conheço.

— Vou tocá-la.

Sentou-se ao piano, abriu o álbum onde estava a peça e começou a executar aqueles compassos de uma música negra de Nova Orleans<sup>3</sup>, que o famoso pianista tinha filtrado e civilizado.

A filha entrou, linda, fresca, veludosa, de pano da costa ao ombro, ousada, com o seio inteiramente nu, muito cheio e de um branco de mármore, separado do pescoço modelado por um colar de falsas turquesas.

Os braceletes e as miçangas tilintavam no peito e nos braços, a bem dizer totalmente despidos; e os bicos de crivo da camisa de linho rendavam as raízes dos seios duros que mal suportavam a alvíssima prisão onde estavam retidos.

Ainda pôde requebrar, aos últimos compassos da Bamboula, sobre as chinelas que ocupavam a metade dos pés; e toda

<sup>3</sup> Possível referência ao *blues*, música negra americana que teve origem na cidade de Nova Orleans.

risonha sentou-se por fim, esperando que aquele Salomão de pincenê de ouro lhe dissesse ao ouvido: “Os teus lábios são como uma fita de seda vermelha; e o teu falar é doce. Assim como é o vermelho da romã partida, assim é a cor das tuas faces; sem falar no que está escondido dentro”.

O doutor Maximiliano deixou o tamborete do piano, e o deputado, bem perto de Clôdia, se não falava como o rei Salomão à rainha de Sabá, dilatava as narinas para absorver todo o perfume daquela moça, que mais embriagador se fazia dentro daquele vestuário de escrava desprezada.

A sala encheu-se de outros convidados, e a sessão de música caiu na canção e na modinha. Fred cantou, e Clô, estimulada pelo doutor André, cantou também. O automóvel não tinha chegado; ela tinha tempo...

Dona Isabel acompanhou; e a moça, pondo tudo o que havia de sedução na sua voz, nos seus olhos pequenos e castanhos, cantou a Canção da Preta Mina:

Pimenta de cheiro, jiló, quibombô;

Eu vendo barato, mi compra ioiô!

Ao acabar, era com prazer especial, cheia de denço nos olhos e na voz, com um longo prazer íntimo que ela, sacudindo o quadril e pondo as mãos dobradas pelas costas na cintura, curvava-se para o doutor André e dizia vagamente:

Mi compra ioiô!

E repetia com mais sensualidade, ainda uma vez:

Mi compra ioiô!

# Hussein Ben-Áli Al-Bálec e Miqueias Habacuc

(Conto argelino)

Ao senhor Cincinato Braga

Antes da conquista francesa, havia, na Argélia, uma família composta de um velho pai doente e seis filhos homens. Desde muito que o pai, devido à idade, não se entregava diretamente aos trabalhos da sua lavoura; mas, sempre que o seu estado de saúde lhe permitia, tinha o cuidado de encher as suas terras com plantações, que eram de tâmaras, alfa, oliveiras, laranjeiras, havendo somente uma parte que era destinada à criação de ovelhas, cabras e bezerros. As plantações e a criação estavam entregues a cinco dos seus filhos, pois o mais velho, ele o tinha mandado ao Cairo, para estudar profundamente, na respectiva universidade, a lei do Profeta e vir a ser um teólogo digno e sábio no Corão<sup>1</sup>.

Áli Bálec Al-Bálec era o nome desse filho do velho árabe e esteve de fato no Cairo; mas, bem depressa, abandonou o estudo das santas leis de Alá e do Profeta e procurou a sociedade dos infiéis.

Nas suas aventuras, foi à Grécia, onde demorou muito tempo e adquiriu dos gregos muitos hábitos, costumes e vícios. Não se pode dizer que os atuais sejam bem netos dos antigos; mas são aparentados. A finura e capacidade dos últimos para abstrações filosóficas, para especulações científicas, para a análise dos sentimentos e paixões, do que dão provas as suas obras de filosofia, as suas criações científicas e as suas grandes obras literárias, os atuais empregam nos nossos dias no comércio, no tráfico, no escambo, em que sempre procuram, com a máxima habilidade e sabedoria, enganar não só os estrangeiros, como os seus próprios patrícios.

No Oriente, só há um traficante que não seja enganado pelo grego: é o armênio. Diz-se mesmo lá: o judeu é enganado pelo grego, mas o armênio engana ambos.

<sup>1</sup> O profeta Maomé, que escreveu o livro sagrado muçulmano Corão, ou Alcorão.

Os turcos, aqui e ali, matam estes últimos aos bocados, não tanto por motivos religiosos, mas por ódio do comprador, do homem leal e crédulo, que se vê enganado e sente que não há, no outro que o enganou, nenhum princípio de honra, de lealdade, de honestidade, que as relações entre os homens o exigem.

Áli Bálec Al-Bálec, apesar de ser muçulmano, foi atraído para o meio dos gregos e, com eles, aprendeu as suas esper-tezas, trapaças e habilidades para enganar os outros. E assim foi que ele andou fora da casa paterna, fazendo o escambo dos mares do Levante, indo de Alexandria para Constantinopla, daí para Jafa, deste porto para Salônica, desta cidade para Corfu, percorrendo todos aqueles mares azuis, cheios de história, de lenda, de sangue e piratas, comerciando e mesmo pirateando quando surgia ocasião.

Ao saber da morte do pai, vendeu logo a embarcação que possuía e correu a receber a herança. Coube-lhe uma grande parte de terra, coberta de pés de tâmaras, enquanto os irmãos tinham as suas cultivadas com alfa, com laranjeiras, oliveiras, e um mesmo recebeu a sua parte em terrenos de pastagens magras, onde rebanhos enfezados de ovelhas e cabras pastavam.

Todos, porém, ficaram contentes com a partilha e iam vivendo.

Áli Bálec Al-Bálec trouxera como sua mulher uma israelita que renegara o Talmude<sup>2</sup> pelo Corão, mas, apesar disso, tinha o maior desprezo pelos muçulmanos, os quais considerava grosseiros, convencendo de tal coisa o marido a ponto dele não dar mais importância aos seus próprios irmãos.

Logo ao voltar ainda os atendia e os visitava; mas a mulher lhe dizia sempre:

— Esses teus irmãos são uns brutos! Parecem animais! Uns bobos! Que sandálias! O pano das suas chéchas<sup>3</sup> é barato e sempre está sujo! Deixa-os lá!

Aos poucos, devido aos conselhos de sua mulher, Salisa, da sua insistência, ele deixou de procurar os irmãos, fez-lhes má cara, embora os filhos deles viessem de quando em quando à casa do tio, para ver o primo Hussein, que ia se criando mais traiçoeiro que o pai e mais orgulhoso que a mãe.

---

<sup>2</sup> Livro básico da religião judaica.

<sup>3</sup> Espécie de chapéu usado por alguns seguidores do islamismo.

Com pouco tempo, Áli ficou inteiramente convencido da sua imensa superioridade sobre os seus humildes e resignados irmãos.

Por ter na sua sala um tapete de Esmirna<sup>4</sup>, serem as suas armas de aço de Damasco, enfeitado de ouro, julgava os seus manos, que se tinham habituado à simplicidade e à modéstia, como inferiores, iguais aos das tribos negras que viviam para além do deserto.

Julgando-os assim, esquecia-se de que, enquanto ele viajava, enquanto ele aprendia aquelas coisas finais, os irmãos plantavam, ceifavam e colhiam, para ele aprender.

Além disso, Áli, como falasse alguns idiomas orientais, julgava-se muito mais que todos os da província e também, por possuir **joias** de ouro e pedras caras, valendo muitas moedas, imaginava que tudo podia.

Por esse tempo, chegaram os franceses e os oficiais apelaram para todos, a fim de socorrer o governante com homens e valores. Áli ofereceu uma das **joias** do seu tesouro e quase por isso foi empalado. O joalheiro do palácio verificou que as **joias** eram inteiramente falsas e, vindo o governante a saber disso, tomou a coisa como afronta e mandou castigar severamente o doador.

Salisa, sua mulher, quando soube da notícia, ficou no mais completo desespero, não porque o marido estivesse em risco de vida, mas pelo fato que a fortuna representada por aquelas **joias** não era mais que fumaça.

Áli foi solto e jurou que enriqueceria de novo. Aceitou sem resistência a dominação francesa e, com alegria, viu que essa dominação trazia uma grande alta para as tâmaras que o seu terreno produzia prodigiosamente.

Seus irmãos, a seu exemplo, aceitaram os francos e continuaram na sua modéstia, observando muito religiosamente as leis do Corão.

Áli, já habituado, em pouco tempo se misturou com os infieis a quem vendia as tâmaras por bom preço e gastava o grosso do rendimento que ia tendo em bebidas, apesar da proibição do Corão, em orgias com os oficiais e funcionários franceses. Construiu um palácio que ele queria que fosse parecido com

---

<sup>4</sup> Cidade turca.



SCHLOSSER

aquele do grande califa Harum Al-Raxid, em Bagdá, conforme é descrito no livro de histórias da princesa Xerazade<sup>5</sup>.

Vendo que as tâmaras eram muito procuradas pelos francos que, por elas, pagavam bom dinheiro, por toda a parte começaram a plantar tâmaras; os irmãos de Áli, porém, não quiseram fazer tal, pois sabiam por experiência de seu pai que, desde que houvesse muitas tâmaras para vender e não se precisando desse fruto para o nosso comer diário, não era possível que muita gente as quisesse comprar tão caro. Em grande quantidade tinham que vendê-las mais barato, para atingir e provocar os compradores mais pobres.

Continuaram com a sua alfa, as suas laranjeiras, a alimentar os seus rebanhos, sem nenhuma inveja do irmão que parecia rico e os desprezava.

Os seus sobrinhos, de vez em quando, iam às terras do tio, e ele, por ostentação, por vaidade e para mostrar riqueza, lhes dava uma libra turca. As crianças voltavam para casa dos pais, dizendo:

— Tio Áli é que é gente! Tem tudo! Como ele é rico, por Alá!

Os seus pais respondiam:

— Cada um se deve conformar com o que Alá lhe dá! É bom que prospere, pois tem família... Deus é Deus e Maomé é seu profeta.

Veio a morrer Áli, quando as tâmaras começaram a cair de preço. Herdou seus bens, além da mulher, o seu único filho Hussein Ben-Áli Al-Bálec, que tinha todos os defeitos do pai aumentados com os de sua mãe.

Era vaidoso, presunçoso, ganancioso, desprezando os parentes, para os quais era sovina e avarento, desprezando-os como se fossem animais imundos e tidos em maldição pelas Leis do Profeta. Com os franceses, entretanto, era mais pródigo do que o pai e fingia ter as suas maneiras e usos.

Nas gazetas que começaram a aparecer em Argel, Hussein Ben-Áli Al-Bálec era gabado e, apesar das leis do Corão proibirem a reprodução da figura humana, uma delas publicou seu retrato. As tâmaras começaram a descer; e, como Hussein tivesse notícias de que, duas léguas próximas, um outro muçulmano possuía uma grande plantação delas, começou a pensar que era esta que fazia descer o preço das suas.

<sup>5</sup> As mil e uma noites.

Em Argel, sobretudo na província de Hussein, os fenômenos sempre têm feição humana, e a sutileza de um plantador de tâmaras não pode bem conhecer, apesar de raça árabe, os detalhes da economia política...

Imaginou logo destruir a plantação e mesmo toda aquela que aparecesse na redondeza. Supôs que seria bom ir com alguns homens e queimar os coqueiros. O dono certamente iria se queixar às autoridades francas; e seria uma complicação. Homem de recursos, lembrou-se de conseguir do capitão francês da guarnição, Al-Durand ou Al-Burhant, a destruição do plantio rival. Habitualmente, fez-se amigo deste, encheu-o de presentes, de festas, de bebidas, pois seguia o exemplo de seu pai nesse assunto; e o “cão do cristão” se fez afinal seu amigo. Um dia, depois de uma festa, o militar, que pisava indignamente a terra onde estavam os ossos do seu pai, após muitas queixas de Áli, com pena do árabe, apressou-se em ir à plantação do vizinho e castigá-lo. Assim fez, com os seus soldados e os ferozes serviçais de Hussein. Houve queixa; o capitão foi punido; mas o senhor de tâmaras não aumentou nem meio vintém.

As suas finanças iam de mal a pior, a casa magnífica ia dando mostras de ruína e os seus móveis e alfaias deterioravam-se com o tempo. Sua mãe não parava de censurar-lhe pelas faltas que não lhe cabiam. Ela, com aquela arrogância muito sua e inveja também muito sua, repreendia-o:

— Vês: as tâmaras caem de preço, e tu não tomas providência alguma. Os meus não são assim... Mas tens o sangue de teu pai... E verdade que teus tios estão vendendo alfa, oliveiras, gado e laranjas e ganham... Se tu não fizeres esforço algum, ficarás como eles, uns macacos vivendo em tocas e dormindo em tapetes de carneiro... Xmed, o teu segundo tio, ganhou dinheiro em azeitonas e ficou contente. Queres ser como ele?

— Que vou fazer, mãe?

— Pensa; e não fiques aí chorando como mulher. Saul chorou? Davi chorou? Só o Deus dos cristãos chorou: Jeová não ama o choro. Ele ama a guerra e o combate, até o extermínio. Lê os livros, os que foram os meus e os teus que são também agora os meus. Lembra-te de Débora e de Judite, e eram mulheres!

Hussein Ben-Áli Al-Bálec não podia dormir com a impressão das palavras de sua mãe. O senhor de tâmaras continuava descendo de centavo em centavo, e ele só se lembrava de Áli,

de Ornar, de todos aqueles de sua raça que as tinham levado em meio século, do Ganges<sup>6</sup> ao Ebro<sup>7</sup>. Mas o senhor de tâmaras parecia não temer aquelas sombras sagradas e ferozes. Descia sempre.

Certo dia, apareceu-lhe um homem que queria falar com a sua mãe, Salisa. Era o irmão dela, Miqueias Habacuc. A irmã e o sobrinho acolheram muito bem tão próximo parente e lhe falaram da baixa das tâmaras que os atormentava. Miqueias, que era homem esperto em negócios, disse para o sobrinho:

— Filho de minha irmã, tens meu sangue, mas não a minha fé nos livros santos da sinagoga; mas teus avós Isaac, Baruc, Daniel, Azaf, Etã, Zabulon, Neftali e tantos outros mandam que eu te auxilie nesse transe da tua vida que é preciosa a eles e a mim, pois ela é deles e também minha. Portanto, dependendo dos presentes que tu me fizeres, eu posso purificar-me de ter socorrido um ente que não é de Israel. Diz-me, e o rabino me perdoará.

Hussein ficou de pensar e, à noite, conferenciou com sua mãe Salisa.

— Filho, dá-lhe algumas moedas turcas e aquelas **joias** falsas que quase custaram a morte de teu pai. Porque — ouve bem — o conselho dele pode ser enganoso.

Despertando Miqueias, logo Hussein foi ter com ele e propôs-lhe a troca. O israelita, ao ver as **joias**, nem olhou mais as moedas. Ficou com os olhinhos fosforescentes de tigre na escuridão. Era como se fosse dar um salto de felino. Contou então ao sobrinho como devia proceder.

— Tu que tens o sangue de minhas avós Micaia, que era da tribo de Jeroboão e de Azarela, que era da casa de Leedã, ouve, comprarás todas as tâmaras que houver na redondeza, mesmo antes de amadurecerem, ficando elas nos pés. Quando for época de colhê-las, colhe-as todas, guardando em surrões nos armazéns de tua casa e não venderás senão quando te oferecerem um lucro que dê a fartar para gastares...

— Tio amado e sábio: elas não apodrecerão?

— Não importa. As poucas “medidas” em que isto acontecer darão prejuízo, mas tu marcarás o lucro de modo que o cubras.

<sup>6</sup> Um dos principais rios do subcontinente Indiano.

<sup>7</sup> Um dos maiores rios da Espanha e da Península Ibérica.

Hussein Ben-Ali Al-Bálec descansou um instante a cabeça sobre o peito, depois a ergueu de repente e exclamou:

— Falas com a sabedoria do Profeta, Miqueias Habacuc. Que Alá seja contigo!

Miqueias Habacuc, filho de Uriel de Sepetai, não se quis demorar mais e partiu, despedindo-se da irmã Salisa e do sobrinho Hussein Ben-Áli Al-Bálec com lágrimas nos olhos, canastras pesadas com os cequins turcos e as jóias falsas com que o sobrinho lhe pagara o seu profundo conselho de economia política hebraica.

Hussein fez o que lhe foi aconselhado; e as tâmaras começaram a ter mais oferta de preço. Vendeu-as com grande lucro no primeiro ano; no segundo, se sentia certa resistência no mercado, e ele as guardou em grande parte; mas, no terceiro ano, ele teve que comprar a produção e viu que ia aumentando o estoque do que se pode chamar de valorização das tâmaras. Viu bem que, se continuasse comprando a produção, ele ficaria com grande quantidade, a sua fortuna seria comprometida e que fez? Cedeu. As tâmaras começaram a descer centavo por centavo. Teve uma **ideia** que um sargento francês lhe indicou.

Vendo que elas encalhavam nos seus armazéns e os pedidos cresciam lentamente; vendo, pouco a pouco, os seus coquinhos perdendo o valor, alugou alguns gritadores que berrassem, nas ruas de Argel:

— Vivam as tâmaras! Não há coisa melhor que as tâmaras de Hussein Ben-Áli Al-Bálec!

Nas gazetas, ele pagava anúncios das suas tâmaras, mas não vendia mais que antes. Deu-as de graça e, como toda coisa dada de graça, elas só agradavam desse modo.

Em se tratando de vendê-las, nada! As sacas de tâmaras aumentavam nos seus armazéns, pois teimava em comprá-las e guardá-las, para que elas não viessem afinal a não valer nada.

O tapete de Esmirna que o pai lhe deixara desfiava-se, empenhou as armas preciosas, também a herança do pai, para comprar mais sacas de tâmaras. Comprou um tapete falso e umas armas vagabundas de um nômade mais vagabundo ainda, para pôr no lugar das antigas preciosidades. Os outros plantadores, que se tinham limitado a colher e vender, iam vivendo das suas modestas plantações; ele, Hussein Ben-Áli Al-Bálec, corria para a ruína certa.

Foi por aí que, novamente, lhe apareceu Miqueias Habacuc, seu tio, homem hábil e esperto nos negócios. Hussein ficou espantado, mas o tio lhe disse:

— Rebento da minha querida irmã, pelo Deus de Abraão, de Israel e de Jacó, não te amedrontes: vendi as joias por um bom preço a um grego, com o que ganhei duas coisas: dinheiro e a glória de ter enganado um cão dessa espécie. Mas, pelo Eterno! Esta ideia de pagar-me o conselho em joias falsas não é tua... Isso tem dedo de pessoa inteiramente da minha raça de Mardoc e Malaquias... Isto é de minha irmã! Não foi tua mãe quem...

— Foi. E que fizeste do dinheiro, tio amado da minha alma; socorro da minha vida?

— Emprestei-o aos turcos com bons juros e, quando os cobreí, quase me esfolaram. Muito tem sofrido a raça de Israel; mas o que sofri deles, nem posso te contar, ó descendente do grande Al-Bálec, companheiro de Musa, conquistador das Espanhas!

Acabava de dizer estas palavras quando entra no aposento em que estavam Salisa, a feroz Judite<sup>8</sup>, a convincente Débora — que, ao dar com o irmão, se põe em prantos, exclamando:

— Irmão do coração, sábio Miqueias! Tu, que descendes como eu de Micaia, da tribo de Jeroboão e de Azarela, que era da casa de Leedã, salva-me pelo nosso Deus de Abraão, de Israel e de Jacó; salva-me!

E a feroz Judite e a convincente Débora chorou não a sua dor, nem a dos outros, mas o dinheiro que se sumia.

Contou, então, Hussein ao tio, como a ruína se aproximava; como a valorização das tâmaras, no começo dando tão bom resultado, viera a acabar, no fim, em desastre completo.

O velho Miqueias, filho de Uriel de Sepetai, coçou as barbas desalinhas; os seus olhinhos brilharam naquele quadro de pelos ásperos; depois, faiscando-os malignamente, perguntou ao sobrinho:

— Com que dinheiro tu, sobrinho meu; com que dinheiro fizeste a operação?

Hussein disse-lhe que fora com o dinheiro dele e o da sua mãe. Miqueias Habacuc, judeu de Salônica, homem esperto e hábil em negócios, sorriu com gosto e demora, dizendo após:

— Tolo que és!

— Por quê?

<sup>8</sup> Personagem bíblica.

Habacuc assim falou de súbito, logo imediatamente à pergunta:

— Que me darás em troca pela explicação?

— A última bolsa de moedas de ouro que me resta.

— És generoso e grande, sobrinho meu, filho de Salisa, minha irmã; guarda-a. Ganharemos mais. Fizeste mal em empregar o teu dinheiro e o da tua mãe. Devias empregar o dos outros.

— Como, tio Miqueias?

— Tu não sabes, meu sobrinho, essas operações de câmbio e de banco. Eu as sei. Nós agora vamos organizar a defesa das tâmaras, isto é, impedir que especuladores reduzam à miséria e à desolação esta rica região do Magreb<sup>9</sup>, como dizia o teu grande avô, Al-Bálec. Vamos pedir dinheiro aos seus habitantes, para que não morram de fome e não pereçam por falta de trabalho.

— Não me darão, tio.

— Darão, sim, sobrinho do meu coração; darão. Chama teus tios, irmãos de teu pai, e os filhos e convence-os que devem dar as economias que têm, em moeda, para poderes lutar com os que querem acabar com as plantações de tâmaras da província. Dize-lhes que, se não o fizerem, as plantações morrerão, os habitantes fugirão, aqui ficará tudo deserto, sem água e sem pastagens; e os bens deles nada valerão e serão também eles obrigados a fugir, perdendo muito, senão tudo.

— E em troca?

— Tu lhes darás vales que vencerão juros e pagarás os vales em certo prazo.

— Mas...

— Não digas nada, meio do meu sangue de Sepetai, mas meu sobrinho inteiramente. Não sabes o que é a cobiça; não sabes o que é querer ter dinheiro sem trabalhar. Eles aceitarão na certa e, não sendo ricos, em breve precisarão de dinheiro. Eu vou pôr um “bazar” com o saco de moedas de ouro que te resta e farei saber como desconto esses teus vales, em dinheiro ou em mercadoria. O pouco dinheiro que tens atrairá o deles, tu comprarás tâmaras, mas pagarás em vales que vencerão o juro de dois por cento, mas que eu descontarei a vinte, trinta e mais por cento.

— Se não quiserem descontar, tio que és sábio como o mais sábio dos filósofos, como há de ser?

<sup>9</sup> Região noroeste da África.

— Tens o dinheiro dos teus parentes. No começo, pagarás tudo em dinheiro. Mas teus parentes, precisando de dinheiro, irão, como te disse, procurar-me. Eu os atenderei imediatamente. A fama correrá e ninguém temerá receber os teus vales.

— Compreendo. E as tâmaras?

— Irás vendendo a bom preço e guardando o dinheiro, deixando que uma grande parte apodreça. Tu viverás na pompa, na grandeza, e um belo dia, em vez de eu descontar vales, adquiero-os com ágio. Toda a gente irá querer os teus vales, e encheremos as arcas de dinheiro.

— E no fim, no pagamento, como será?

— Marcarás um prazo longo, pela festa do Beirão, e daqui até lá teremos tempo de agir.

Hussein Ben-Áli Al-Bálec empregou todas as lâbias que lhe ensinou Miqueias Habacuc. Seus tios e primos entregaram-lhe as economias, pois ficaram muito contentes que ele se lembrasse de defendê-los, de impedir a completa miséria. Tio e sobrinho encheram os simplórios homens de todos os afagos, de todas as carícias, e iniciaram a defesa das tâmaras, que era a própria defesa da província.

Um único não quis entregar as terras de pastagem. Foi o tio que herdara essas terras. Dissera o velho:

— As tâmaras não são do gosto de todo o mundo, e as que se colhem são de sobra para os que gostam delas. Nós as vendemos barato por força, pois são demais.

Hussein Ben-Áli Al-Bálec, porém, deu início à sua obra de grande eficácia para toda a província, ostentando uma riqueza, um luxo e uma magnificência que reduziram, fascinaram a imaginação do povo do lugar e das vizinhanças.

O seu palácio foi aumentado; as suas estrebarias ficaram cheias de soberbos cavalos do Hedjaz, nas suas piscinas só corriam águas perfumadas — tudo ficou sendo um encanto no seu castelo e dependências.

A fama de sua riqueza corria por toda a parte, e até em Argel seu nome era falado. Dizia a boca do povo:

— Se todos fossem como Hussein Ben-Áli Al-Bálec, conquistaríamos todo o Magreb, expulsando os turcos.

O seu crédito ficou sendo tal que todo o dinheiro que havia naquelas terras entrou para as suas arcas.

As tâmaras subiram de preço, de fato; mas pouco. Entretanto, enquanto vendia um terço, guardava dois. Miqueias Habacuc comemorava, com os descontos que fazia e com o dinheiro que era trazido para as mãos do sobrinho. Só a irmã, a feroz Salisa, temia o fim e perguntava ao irmão:

— Como pagaremos tantos vales, se já gastamos o dinheiro deles e temos mais tâmaras guardadas que vendidas?

— Cala-te, irmã que és minha. Aí é que está a minha grande sabedoria.

O dinheiro desapareceu, e os vales de Hussein corriam como moeda. No começo equivaliam ao seu valor em moedas; mas, bem depressa, para se comprar com eles algum trigo, tinha-se de gastar o dobro do que se gastava antigamente. O povo começava a desconfiar, quando veio rebentar a guerra de Abdelcáder, emir de Mascara. Andava ele precisando de homens e víveres. O emir, que sabia do prestígio de Hussein naquela província, oferece-lhe alguns milhares de libras turcas, para que mandasse homens.

Miqueias, que sabe do caso, intervém e propõe que o sobrinho aceite, contanto que o emir lhe compre as tâmaras. O emir concorda, paga as mil libras turcas, compra as tâmaras de que não precisava.

E Hussein convence os parentes de que devem partir. Para isso falou como um santo sacerdote.

Antes da festa do Beirão, época que era marcada para o vencimento dos vales, fugia, com a mãe, a feroz Salisa, o tio Miqueias Habacuc, homem hábil e esperto em negócios — cheios todos de ouro, ricos de apodrecer.

Na província, a população caiu na miséria, menos aquele tio de Hussein Ben-Áli Al-Bálec, que não quis entrar na defesa das tâmaras.

Durante muito tempo, pastoreou as suas ovelhas e tosou os seus carneiros. Os seus netos ainda hoje fazem a mesma coisa naquele lugarejo argelino, onde as inocentes tamareiras, se não constituem objeto de maldição, são tidas como simples árvores de ornamentação.

# Agaricus Auditae

A João Luis Ferreira

Alexandre Ventura Soares tinha seus vinte e cinco anos, bacharel em ciências físicas e naturais. Era preparador do Museu de História Natural, cargo que, obtido em concurso, lhe dera direito a uma viagem à Europa, nos tempos em que as ajudas financeiras para isso largamente se distribuíam, razão pela qual eram igual e sabiamente feitas. De volta, por acaso, viera a morar defronte de um homem de idade, venerável, que vivia pelo jardim de sua vasta casa, catando pedrinhas no chão. Curioso com os trejeitos do homem, pôs-se a observá-lo, a fim de descobrir o que significavam. Visou a Ásia e encontrou no caminho a América. El Levante por el Poniente<sup>1</sup>... A filha do ancião, muito naturalmente, pouco apegada a coisas do seu jardim que não tivessem ela como objeto, supôs que o doutor estivesse apaixonado por ela. Nenê, era o seu apelido familiar, sabia que o rapaz era dado a coisas de botânica; que pertencia ao museu; que o tratavam de doutor; logo não se podia tratar senão de um médico.

A nossa tola inteligência nacional, de que não fazem parte só as mulheres, não admite que tratem de botânica senão os médicos; e de matemática os engenheiros; quando, em geral, nem uns nem outros se preocupam em tais coisas.

Ela, porém, vivendo em círculo restrito, não tendo estudos especiais, outras convivências que não essa da sociedade, fossilizadas de cérebro e com receitas de formulário na cabeça, não podia ter outra opinião que a geral na nossa terra, de cima a baixo. Aquele moço era com certeza doutor em medicina ou, no mínimo, estudante. Quando soube que não, teve uma ponta de despeito; e demorou a acreditar que fosse tão formado como qualquer outro doutor. Foi o próprio pai quem a convenceu.

— Oh!, filha!, filha! Pois não sabias disso? Pois eu gosto muito de saber que tenho na vizinhança um sábio.

O desembargador Monteiro, pai da Nenê, estava aposenta-

---

<sup>1</sup> Alcançar o levante pelo poente, expressão originária do período das grandes navegações. No texto, pode ser entendida como procurou uma coisa e encontrou outra.



SCHLOESSER

do e tinha a mania da mineralogia. Ele mal conhecia o primeiro sistema de descrição dos cristais; mas não lhe deixava a teima. Tinha um laboratório onde não havia nem uma balança, nem um maçarico, nem um bico de Bunsen, nem um reativo, nem um pedaço de carvão vegetal; mas, quando mostrava aos visitantes, exclamava cheio de si:

— Vejam como tenho livros! Vejam! Tenho o Haüy, as suas duas obras; a Estrutura dos cristais e a Mineralogia, primeiras edições... Olhem aqui Delafosse! Seis volumes! Hein?

E assim mostrava toda a sua biblioteca de mineralogia sistemática e descritiva. Chegava a um canto, onde havia uma pequena bigorna de ourives, montada em um forte toco de pau, tendo a um dos lados um pesado martelo de carpinteiro, e observava:

— É aqui que trabalho há anos... Ainda não consegui isolar uma granada de granito... No entanto, eu as vejo em quase todas as pedras da rua em que ponho os pés.

Foi esta mania de procurar granadas nas pedras da rua que chamou a atenção do jovem naturalista seu vizinho. Se Monteiro achava que havia uma granada por menor que fosse nas pedras soltas do seu caminho, logo apanhava o pedregulho, levando-o para casa, e martelava-o naquela bigorna de fazer pulseiras, à procura da pedrinha vermelha; mas, fosse por isso ou por aquilo, a granada se escapava, e o nosso mineralogista ficava desolado. Só os paralelepípedos do pavimento das ruas lhe escapavam; mas, assim mesmo, quando estivessem encaixados aos outros; se soltos, ele pagava a algum moleque para levar um ou outro à sua casa.

Sua filha, dona Nenê, ficou muito contente; e o jovem botanista não teve nenhuma dificuldade em obter a sua mão. O velho desembargador disse-lhe unicamente:

— Bem. Não há dúvida. O doutor tem com certeza um futuro brilhante; mas ainda não demonstrou para que veio ao mundo. Já escreveu uma “memória”?

— Não, senhor.

— Faz mal. Na Alemanha, é muito usado... A “memória” demonstra capacidade para o novo, para o detalhe inédito, inexplorado, um ponto de vista que houvesse escapado aos sábios e grandes mestres... Eu queria que meu futuro genro merecesse minha filha dessa maneira, porque, na Alemanha...

— Mas o senhor desembargador me permitirá uma pergunta?

— Pois não.

— A que sociedade ou academia deveria eu apresentar a minha memória?

— Não há dúvida: a sua pergunta tem sentido. Não havendo entre nós academias especiais a semelhantes ciências, havia, portanto, embaraço em achar quem julgasse o mérito ou demérito do seu trabalho. As que há, ou são de uns ignorantes literatos que nunca viram uma granada em uma pedra, ali, da pedreira no rio Comprido, ou são formadas por uns médicos faladores que têm pretensões a literatos. Mas... acontece que os senhores não conhecem bem o Brasil, senão saberiam que existe uma academia respeitável e magnífica, não só pelos vários ramos de ciências naturais nela cultivados, como também pelo número de sábios mortos e vivos a ela pertencentes, que mereciam ser conhecidos pelo senhor que governa a sua mocidade nobre pela inteligência e pelo estudo. Então não conhece o senhor a Academia dos Esquecidos?

— Não!

— É de admirar! Pois, creia-me, dela, além dos atuais, fizeram e fazem parte ainda: Alexandre Ferreira, Conceição Veloso, Gomes de Sousa, o doutor José Maurício Nunes Garcia, Domingos Freire, Tito Lívio de Castro, Moraes e Vale, José Bonifácio...

— José Bonifácio, dos Esquecidos!

— Sim! Aquele mineralogista que depois foi político. E como não?

— Ah!

— Compreende-me, agora? Pois bem. Atualmente, eu dirijo a academia, disse o desembargador com ênfase; e espero que, como um cavalheiro, ofereça à sua noiva a árdua vitória de fazer parte dela: Está aqui a minha mão, Nenê...

Os três sábios despediram-se; faltou, porém, o quarto sábio. Talvez fosse o único que não levasse na alma engano cego; mas a pequena levou, creio, durante o primeiro ano.

Na rua, monologava Soares: um caso novo, um detalhe original, onde vou buscá-los? Fui bom estudante e, talvez, por isso, nunca achei que, na ciência, houvesse novidade. Tudo já estava feito e, quando não estava, quando se queria coisa nova, compravam-se as revistas estrangeiras e lá estava a coisa

digeridinha. E — que diabo! — para que havia eu de aumentar a dificuldade dos estudantes? Não bastavam os europeus, os tais alemães? Já que era preciso descobrir ou inventar para casar, vá lá! Mas não era já suficiente ser “doutor” para casar? Ainda mais esta! O que mais se pediria para casar bem! Ora bolas! Estou quase desistindo... Não! É preciso ter-se uma posição decente na sociedade, um bom casamento, se não rico, pelo menos **semirrico**... Se não descubro, forjo qualquer coisa, e a ciência que se vire... A ciência é um enfeite; é assim como este anel de safira.

E olhou para a pedra quase tão dura como o diamante, a qual não desbotava em nada ao seu olhar feroz de cobiça...

Soares resolveu escrever sobre mineralogia: Rochas metamórficas do Brasil ou O veio de petrossílex do Corcovado; mas isso, considerava, não é novo e muito menos é meu. O jovem sábio foi dormir, achando ter perdido a menina rica, a importância de genro do desembargador Monteiro, e a sua entrada na Academia dos Esquecidos.

Buffon<sup>2</sup> afirmou certa vez que alguns volumes da sua monumental História natural, ele os devia ao seu criado. Soares deveu a sua “memória” e a sua felicidade ao seu criado José. Despertou-o este bem cedo, muito contra a vontade dele. Leu os jornais, de princípio a fim; leu a notícia dos rolos que houvera no Teatro Lírico, tomou outra xícara de café, fumou e, de súbito, sentou-se à mesa e escreveu em várias línguas:

*Agaricus auditae.*

Mais em baixo, ao lado direito, pôs como se fosse uma epígrafe:

“Memória apresentada à Academia dos Esquecidos, secular e antiga como as demais congêneres, pelo bacharel em ciências físicas e naturais da Escola Politécnica do Rio de Janeiro Alexandre Ventura Soares”.

E então começou:

“Senhores Acadêmicos. Seduziu-me, desde moço, a doutrina darwiniana<sup>3</sup>; e eu, através de Lyell<sup>4</sup>, a absorvi em grandes doses na sua aplicação à geologia. Concordei que o mundo atual era resultante e resultado de várias, lentas, pequeninas transformações seriadas cujos termos não têm origem; com

---

<sup>2</sup> Naturalista, matemático e escritor francês.

<sup>3</sup> De Darwin, famoso naturalista inglês.

<sup>4</sup> Charles Lyell, geólogo britânico.

Huxley, depois daquela sua célebre demonstração por que tem passado o cavalo através das idades (T. Huxley — L'Évolution et l'origine des espèces) — com Huxley, dizia, acreditei que o *Megatherium*<sup>5</sup> e o mamute, como plenipotenciários seus, tivessem acreditado entre nós a horrível preguiça e o rudimentar elefante. Sustentei que, sob o império implacável da seleção natural e da adaptação ao meio, marchássemos nós, pedras e homens, nessa sucessão de modificações, passo vagaroso e graduado com que vai a variável, de estádio em estádio, se aproximando do limite para nunca atingi-lo, como nós para o nosso perfeito destino desconhecido (Haeckel, *passim*)”.

— Bem começado!, exclamou o nosso Alexandre. Os períodos se sucedem como uma falange de teoremas, e deles tirarei teorias parecidas. Continuemos:

“E, certo nestas **ideias**, parecia impossível, e de fato é, que, em plena vida contemporânea, existissem exemplares da fauna e da flora dos primórdios da Terra. Houve, apesar de ser **inconsequente** com os verdadeiros princípios da ciência, alguém que pretendeu ter visto fósseis ‘vivos’, mas, se é possível isso no mundo das inteligências, fora do mundo do pensamento, tal como o dos artistas, dos poetas, dos sociólogos, dos escritores, dos arquitetos, dos jornalistas, dos músicos, tal não permite a evolução em geral”.

“Devem lembrar-se, senhores acadêmicos, dos *Pterodactylus longistrotris*, que alguns viajantes (poetas naturalmente) julgaram avistar por entre as florestas ralas da Nova Zelândia, mas que, após visitas de verdadeiros cientistas, foram arrastados para o abismo dos desmentidos da sublime ciência”.

Soares não se conteve e exclamou bem alto:

— Muito bem! Sublime ciência! Admirável! Naturalmente o desembargador Monteiro irá apreciar esta bela frase: sublime ciência! Não há dúvida! Esta minha memória tem toda uma síntese das minhas qualidades e das minhas audácias fáceis! Assegurarei a minha fama de naturalista; entrarei para a Academia dos Esquecidos; demonstrarei o vigor do meu estilo e, por cima de tudo, uma pequena **semirrica**! Arre! Como é bom ter-se um bom curso na Escola Politécnica do Rio de Janeiro! Nenê, como te amo! Socorre-me nesse transe, como me vais socorrer

<sup>5</sup> Preguiça gigantesca que viveu do Plioceno até o Pleistoceno.

a vida toda! A mulher foi feita para sustentar homem... Aquele burro do Comte! Era por isso que ele detestava a geologia, a paleontologia! Burro! Nenê!... E não é que estou mesmo parecendo o Paulo, o tal da Virgínia? Ora bolas!

Adiante:

“II - Amigo meu e consumado sábio, J. C. Kramer, exímio geólogo e professor da mesma cadeira da Harvard University, USA, em conversa comigo, há dias, no Museu de História Natural desta capital — conversa amável de sábios —, comunicou-me que, há tempos, por ocasião de estudar, no Rio de Janeiro, a hipótese da glaciação do Brasil de Agassiz, observou vegetando nesta cidade de tão estranha casta de cogumelos — a que as crianças chamam ‘mijo-de-sapo’ e ‘orelha-de-burro’, que ele julgava, apesar do disparatado dos caracteres, exemplares da flora do período triássico da época secundária.

“Óbvio será dizer aos senhores acadêmicos que uma tal comunicação me encheu de imensa alegria, patriótica e científica”.

“Conversando comigo o doutor Kramer, da Harvard University, USA, admirava-se, sorrindo com desdém e desculpando-se amável, que, vivendo os tais cogumelos tão próximos dos nossos estabelecimentos de ciências, não houvésemos ainda notado a sua singular estrutura. É bastante explicável — desculpava-se agora mal —, o país dos senhores é muito novo. E, na continuação da palestra, não se segurava, às vezes, de contentamento e satisfação. Deixava sempre transparecer nesses sentimentos a utilidade científica da perspicácia e sutileza do sábio *yankee*; e o que parecia aumentar ainda mais a sua maligna satisfação era que tais *agaricus* fossem, além dos nomes das crianças que tinham, também conhecidos vulgarmente por ‘diletantes’, nome que, dado o seu explicável e previsto mau ouvido para as línguas do sul da Europa, creio tratar-se de diletanti”.

Nisto, o José chega à porta do gabinete do sábio Alexandre e grita:

— “Seu dotô!” O almoço na mesa!

— Oh! Já?

Olhou o relógio na parede e concordou:

— Você tem razão... E verdade! Já são dez horas... Almoço, vou ao museu, consulto as notas da besta do Kramer e, antes do fim do mês, tenho a “pequena” e o resto... E, se alguns desconfiados, pessimistas e despeitados disserem que a ciência, no

Brasil, não leva longe, não dá fortuna, independência, eu posso dizer bem alto: aqui estou eu!

E bateu, com força, no peito, como se dissesse para a escolta do fuzilamento: atirem que eu não preciso ficar amarrado, nem vendado. Sei morrer!

No dia seguinte, completamente armado com as notas do famoso geólogo *yankee*, o notável brasileiro Alexandre Ventura Soares, homem grave e sábio, tanto mais grave e mais sábio por ser jovem, continuou a sua memória casamenteira assim:

“III — O hábitat de tais ‘orelhas-de-burro’, como lhes chamam as crianças do Rio de Janeiro, é um barracão úmido e quente que fica ao pé do morro de Santo Antônio, no centro da cidade, e serve muitas vezes de depósito de jornais europeus de modas e joias de aluguel que correm, em vários corpos, as capitais de segunda ordem do globo, exibindo-as como riquezas próprias”.

— Diabo!, exclamou Soares, manuseando as notas. Este Kramer tem cada ideia! Isso é impossível! Adiante, pois é preciso! Enfim ponho umas aspas e vai a coisa por conta dele:

“Convém — e com humildade peço aos senhores acadêmicos — que esqueçam (não fossem Esquecidos) das mais corriqueiras noções de botânica, pois o nosso excêntrico sábio vai desvendar órgãos pouco fáceis de aceitar em ‘mijos-de-sapo”.

— Está salva a minha responsabilidade, monologou o notável preparador do Museu de História Natural. Vamos! E preciso não esquecer o teu ideal científico! A Nenê está ali! Vamos! Esta “memória” é a tua sorte grande!

E, tomando fôlego, continuou:

“Eles deveriam ser semelhante às espécies criptógamas que formavam com outras a flora do período carbonífero; e, para justificar isso, encontraram-se entre eles alguns exemplares do *Lepidodendron elegans*<sup>6</sup>, do gênero *Atanephae*”.

“Parecia a pessoas pouco versadas em geologia e paleontologia que tais criptógamos não alcançassem, nos nossos dias, mais do que alguns centímetros de altura; mas, aos senhores, que delas sabem mais do que eu, não parecerá estranho que afirme tê-los visto com 1,50m e 1,80m de altura”.

“Sob a forte lente de um microscópio de Zeiss, encontrou o

---

<sup>6</sup> Plantas que faziam parte das florestas de carvão durante o período carbonífero.

doutor Kramer, na parte mínima do disco superior que tais cogumelos possuem, alguma coisa semelhante ao cérebro humano”.

“Analisando esse pedacito de cabeça pacientemente, com a paciência característica de um professor da Harvard College, deparou-se o doutor Kramer, coroando as suas cansativas pesquisas, com os nervos óptico, auditivo, olfativo, gustativo etc. em estado rudimentar, e, de todos esses, o mais rudimentar e grosseiro era o auditivo. Usando, então, de um paradoxo fácil, o sábio de Cambridge (USA) denominou-os cogumelos auditivos (*agaricus auditae*)”.

“Das saliências (o singular Kramer ainda admite a teoria de Gall), só lhes restava a da memória. As funções da vida vegetativa tinham neles um completo e pleno desenvolvimento, tanto assim que, apesar de agárlicos, sabiam comer demasiadamente”.

“O que torna tais cogumelos dignos de nota, além de outros caracteres — observa o doutor Kramer —, é que possuem sexos. Há machos e há fêmeas. Embora fiel às regras da ciência, no entanto, por honestidade científica, julgo-me obrigado a transcrever aqui essa blasfêmia. Mas, se ela foi imposta à ciência por um sábio com o distinto professor do Harvard University, claro é que nós não devemos senão aceitá-la, embora assim parecendo ser. Se não nos parece verdade inquestionável, partindo de onde parte, ignorantes como somos, temos o dever de tomá-la como tal. Diz o professor americano que há os exemplares de uma coloração negra, intensamente negra, tendo na parte superior um canudo também negro, lustroso, como uma espécie de rabo de ave — são os machos —; e os outros claros, róseos, cabeludos, seminus, cheios de pedrarias são as fêmeas”.

“Nessas diferenças, todas superficiais, que o extraordinário professor julga traduzirem sexos, no choque delas, no seu atrito é que reside a agitação, a fermentação daquele principado vegetal dos *agaricus auditae*”.

“Tocando isto à sociologia dos ‘orelhas-de-burro’, em que não sou versado, não me animo a discutir a questão e adio o debate para mais tarde...”.

— Que é, José?

— Esta carta da casa do doutor Monteiro.

O criado retirou-se, e o sábio abriu o bilhete e leu:

“Meu querido,

Já não apareces, não te vejo mais. Deixa essa história de

memória. Papai é maníaco, isso não é preciso. É melhor que arranjes um soneto, uns versos, enfim, que talvez façam o mesmo efeito; e, se quiseres, posso mandar um poeta fazê-los por dez mil-réis. Queres? Que tal? Responde.

Nenê”.

O sábio Alexandre, homem ilustre da ciência brasileira, respondeu:

“Nenê.

Tem fé em mim e na Ciência.

Alexandre”.

Em seguida, o original cientista Ventura considerou de si para si:

— Bem, por hoje, basta. Amanhã irei determinar a origem e, no sábado, lerei a memória ao desembargador; e ainda não foram passados dois meses! A ciência brasileira tem os seus lados notáveis e singulares — continuou Alexandre na sua meditação —, e um deles é essa rapidez nos seus trabalhos. Isso é devido ao fato de que, para os outros sábios, o objeto da ciência está no mundo, exigindo pesquisas, observações e experiências demoradas; nós, porém, pouco nos importamos com o mundo. Há livros; fazemos ciência. Com eles, revistas, memórias dos outros, sem ir diretamente à natureza, estudam-se detalhes, arquiteta-se uma teoria nova que escapou aos grandes mestres das grandes obras. A questão é combinar um com outro, embora antagônicos... Oh! Este Brasil não é um país perdido! É um grande país!

Na quinta-feira, tinha o nosso bacharel concluído a sua memória e fez isso de modo feliz e completo. Eis o resultado:

“IV — Desnecessário dizer que, desde logo, procurei motivar e determinar as origens de tão estranha vegetação; e, sem nada encontrar, já me desesperava, quando o acaso, constante amigo dos sábios, auxiliou-me de forma eficaz, como quando foi ao encontro de Newton, com a maçã, e de Galileu, com a lâmpada da catedral de Pisa”.

“V — Há pouco mais de um ano, andando eu na Itália, em comissão do governo, vi, na praia de Nápoles, brotando sobre uns farrapos sujos e abandonados de um mendigo, uns cogumelos de um cromatismo vário e minúsculos. Naturalista, eles me impressionaram, e tive o capricho de trazer a colorida aglomeração dos pequeninos cogumelos, junto com os farrapos, para

o Rio de Janeiro. Aqui chegado, depusitei-os em um quarto ao lado do quarto do meu criado José, que, ora tocando valsas e polcas mais em voga em uma flauta de bambu ou em sanfona, ora, lendo notícias de fitas de cinema, distraía-se, sem esquecer, de vez em quando, de entoar com indecifrável voz peças das óperas da moda, que ele ouvia pelas ruas. Sem que tal saiba bem explicar, a não ser a flauta, o cantochão as crônicas do José, as ‘orelhas-de-burro’ napolitanas começaram a vingar, a crescer e têm atualmente quase meio metro de altura”.

“VI — Atribuo, portanto, senhores acadêmicos Esquecidos, aos fortes agaricus do doutor Kramer as mesmas origens que os meus; e o seu desenvolvimento, às mesmas causas que os daqueles trazidos por mim da Itália, tanto mais que perto do hábitat dos primeiros existe a banda de música da Brigada Policial e o Teatro Lírico”.

O doutor Alexandre Ventura Soares, bacharel em ciências físicas e naturais pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, preparador, por concurso, do Museu de História Natural do Rio de Janeiro, terminando a memória, levou-a ao desembargador Monteiro, que gastou seis meses em lê-la e meditar sobre ela. Ao fim dos quais, mandou chamá-lo e, logo que veio, **apresentando-o** à filha, assim falou:

— Nenê, é este o teu noivo que, pelo seu talento e pela sua erudição, acaba de penetrar na Academia Brasileira dos Esquecidos. Casados, desejo que vocês continuem o número deles, para grandeza e fama do Brasil.

Casaram-se, e a primeira coisa que fizeram, graças ao dote dela, foi comprar um chalé na “curiosa floresta” dos agaricus auditaes.

# Adélia

— A nossa filantropia moderna feita de elegância e exhibições é das coisas mais inúteis e improdutivas que se pode imaginar. Entre todas as pessoas do povo aqui, no Rio de Janeiro, há uma condenação geral para as moças que se casam, no dia de santa Isabel, e saem da Casa de Expostos<sup>1</sup>. Isso se dá para uma casa **semirreligiosa**, que só visa, penso eu, não a felicidade terrena, mas o resgate de almas das garras do demônio. Agora, imagina tu o que de transtorno na vida de tantos entes não vão levar esses “dispensários”, essas creches etc., que amparam seus primeiros anos de vida e, depois, os abandonam à sua sorte!... Antes a sala do banco da Misericórdia, que receita remédios de uma cor única e cuja dieta só varia na inversão dos pratos... É sempre a mesma... Essa caridade é falsa e perversa... Antes deixar essa pobre gente entregue à sua sorte...

— És mau... É impossível que ela não aproveite muitos.

— Alguns, talvez; mas muitos, ela estraga e desvia do seu destino, que talvez fosse alto. Nelson legou Lady Hamilton à Inglaterra; e tu sabes quais foram os começos dela. Chegaria até isso se andasse em creches, dispensários?

— Não sei; mas não nos devemos guiar por exceções.

— É uma frase; mas vou contar uma história bem singela e espero que não me interrompas. Prometes?

— Prometo.

— Vou contar.

— Conta lá.

O narrador fez uma pausa e começou vagarosamente:

— Quando a portuguesa Gertrudes, que “vivia” com o italiano Giuseppe, um amolador ambulante, apresentou Adélia, sua filha, à sublimada competência do doutor Castrioto, do dispensário, a criança era só um olhar. As pernas eram uns palitos, os braços descamados, esqueléticos, moviam-se nas convulsões de choro sinistramente. Com tais membros e o ventre ressequido e a boca umedecida de uma baba viscosa, a criança parecia oprimida por todas as forças universais, físicas e espirituais. O seu olhar, entre-

<sup>1</sup> Antiga Casa de Roda, local onde crianças eram deixadas para ser criadas por freiras ou levadas a outras instituições.

tanto, era calmo. Era azul-turquesa, e doce, e vago. No meio da desgraça do seu corpo, a serenidade do seu olhar tinha um tom zombeteiro. O doutor melhorou-a muito; mas, assim mesmo, até a puberdade, seu corpo foi um frangalho, e o olhar sempre o mesmo, a ver caravelas ao longe que a viessem buscar para países felizes. Depois de adolescente, porém, o brilho claro das pupilas se perturbava, estremecia. Ninguém descobriu seu olhar — quem repara no olhar de uma menina de estalagem? Olham-se suas formas, os quadris e os seios; ela não os tinha bem desenvolvidos; contudo casou-se. O casamento realizou-se a pé, e a garotada assoviou pelo caminho. A noiva com calma estúpida olhou-os. Por quê? **Casava-se** a pé; era horrível. O padrinho não notou modificação sensível nela. Não chorara, não soluçara, não tremiera; unicamente mudou num instante de olhar, que ficou duro e perverso. O primeiro ano de casamento fez-lhe bem. A intensa vida sexual arredondou suas formas, disfarçou as quinas e as saliências — emprestou-lhe beleza. Além do mais, o ócio desse primeiro ano afinou-a, melhorou-a; mas sempre com aquele olhar fora do corpo e das coisas reais e palpáveis. No fim de dois anos de casada, o marido começou a tossir e a escarrar, a escarrar e a tossir. Não trabalhava mais. Adélia implorou, pediu, chorou. Andou por aqui e por ali. Encontrou alguém amável que a convidou:

— Vamos até lá, é perto.

— Ó... Não... “Ele”...

— “Ele”!... Vamos!... “Ele” não sabe; não pode mais. Vamos.

“Foi, e foi muitas vezes; mas sempre sem pesar, sem compreender bem o que fazia, à espera das caravelas sonhadas. Ia e voltava. O marido tossia e tomava remédios.

— Trouxeste?

— Sim; trouxe.

— Quem te deu?

— O doutor.

— Como ele é bom.

“Aos poucos, infiltravam-se nele gostos novos. Um sapato de abotoar, um chapéu de plumas, uma luva... Morreu o marido. O enterro foi fácil, e o luto ficou bem nela. O seu olhar vago, fora dos homens e das coisas, atravessava o véu negro como um firmamento com uma única estrela em um céu nublado. Um ano depois corria confeitarias, à tarde; mas o seu olhar não pousava nunca nos espelhos e nas armações. Andava longe dela, longe daqueles lugares.



SCHLÖSSER

---

Histórias e Sonhos

- Toma vermute?
- Sim.
- É melhor coquetel.
- É.
- Antes cerveja.
- Vá cerveja.

Não custou a embriagar-se um dia. Colocaram-na num carro. Estava que nem uma pasta mole e desconjuntada.

- Que tem você?
- Nada, não vejo.
- Você por que não abre mais os olhos?
- Não posso, não vejo!
- Lá vão os trabalhadores... Você não vê?
- Ouço a música.

Teve carros. **Frequentou** teatros e bailes duvidosos, mas seu olhar sempre saía deles, procurando coisas longínquas e indefinidas.

Recebeu **joias**. Olhava-as. Tudo lhe interessou e nada disso amou.

Parecia em viagem, a bordo. A mobília e a louça da embarcação não lhe desagradavam; queria a riqueza, talvez; mas era só. Nada se acorrentava na sua alma. Correu cidades elegantes e as praias.

- Hoje, ao Leme.
- Sim, ao Leme.

A curva suave da praia e a imensa tristeza do oceano prendiam-na. Defronte do mar, animava-se; dizia coisas altas que passavam pelas cabeças das companheiras, cheias de mistério, como o **voou** longo de patos selvagens, à hora do crepúsculo.

Veio um ano que se examinou. Estava quase magra, quase esquelética. Foi-se murchando daí por diante. Diminuíram suas **joias** e os vestidos. Morreu aos trinta e poucos anos como a criança que se fora: um frangalho de corpo e um olhar vago e doce, fora dela e das coisas. Que é que adiantou o dispensário?”

- Calou-se o que narrava, e o outro só soube dizer:
- Vou-me embora... Até amanhã.

## Uma noite no Lírico

Poucas vezes, ia ao antigo Pedro II, e as poucas vezes em que lá fui, era das galerias que assistia ao espetáculo.

Munido do bilhete, às oito horas, entrava, subia, procurava o lugar marcado e nele mantinha-me durante a representação. De forma que aquela sociedade brilhante que eu via formigar nos camarotes e nas cadeiras me parecia distante, colocada muito afastada de mim, em lugar inacessível, no fundo de cratera de vulcão extinto. Cá do alto, debruçado na grade, eu absorvia o vazio da sala com o prazer de uma atração de abismo. As casacas corretas, os uniformes aparatosos, as altas roupas das senhoras, semeadas entre eles, tentavam-me, hipnotizavam-me. Decorava os movimentos, os gestos dos cavalheiros e procurava descobrir a harmonia oculta entre eles e os risos e os trejeitos das damas.

Nos intervalos, encostado a uma das colunas que sustentam o teto, observando os camarotes, apurava o meu estudo das coisas discretas, do distinto, com os espectadores que ficavam nas lojas.

Via correrem suas cortinas e os cavaleiros bem encasacados juntarem os pés, curvarem ligeiramente o corpo, apertarem ou mesmo beijarem a mão das damas que se mantinham eretas, encostadas a uma das cadeiras, de costas para a sala, com o leque em uma das mãos caídas ao longo do corpo. Quantas vezes não tive impulsos de ali mesmo, com risco de parecer doido ao policial vizinho, imitar aquele cavalheiro?

Quase tomava notas, desenhava esquemas da postura, das maneiras, das medidas do elegante senhor...

Havia naquilo tudo, na singular concordância dos olhares e gestos, dos trejeitos e posturas dos interlocutores, uma relação oculta, uma vaga harmonia, uma deliciosa equivalência que, mais do que o espetáculo do palco, me interessavam e seduziam. E tal era a influência que tudo isso tinha sobre o meu espírito que, ao chegar em casa, antes de deitar, quase repetia, com o meu velho chapéu de feltro, diante do meu espelho barato, as performances do cavalheiro.

Quando cheguei ao quinto ano do curso e os meus destinos me impuseram, resolvi habilitar-me com uma casaca e uma

assinatura de cadeira do Lírico. Fiz empréstimos e toda espécie de agiotagem com os meus vencimentos de funcionário público e para lá fui.

Nas primeiras representações, pouco familiarizado com aquele mundo, não tive grandes satisfações; mas, por fim, habituei-me.

As criadas não se fazem em instantes duquesas? Eu me fiz logo homem na sociedade.

O meu colega Cardoso, moço rico, cujo pai enriquecera na indústria das indenizações, muito concorreu para isso.

Fora simples a ascensão do pai à riqueza. Pelo tempo do governo provisório, o velho Cardoso pedira permissão para instalar uns poucos de postos agrícolas, com colonos javaneses, nas nascentes do Purus; mas, não os tendo instalado no prazo, o governo seguinte cassou o contrato. Aconteceu, porém, que ele provou ter construído lá um rancho de palha. Foi para os tribunais, que lhe deram ganho de causa, e recebeu de indenização cerca de quinhentos contos.

Encarregou-se o jovem Cardoso de me apresentar ao “mundo”, de me informar sobre toda aquela gente. Lembro-me bem que, certa noite, me levou ao camarote dos viscondes de Jacarepaguá. A viscondessa estava só; o marido e a filha tinham ido ao bufê. Era a viscondessa uma senhora idosa, de traços empastados, sem relevo algum, de ventre proeminente, com um pincenê de ouro trepado sobre o pequeno nariz e sempre a agitar o cordão de ouro que prendia um grande leque.

Quando entramos, estava sentada, com as mãos unidas sobre o ventre, tendo o fatal leque entre elas, o corpo inclinado para trás e a cabeça repousando sobre o encosto da cadeira. Mal desmanchou a posição em que estava, respondeu maternalmente aos cumprimentos, e interrogou o meu amigo sobre a família.

— Não desceram de Petrópolis, este ano?

— Meu pai não tem querido... Há tanta bexiga...

— Que medo tolo! Não acha, doutor?, dirigindo-se a mim.

Respondi:

— Penso assim também, viscondessa.

Ela ajuntou então:

— Olhe, doutor... como é a sua graça?

— Bastos, Frederico.

— Olhe, doutor Frederico; lá em casa havia uma moça... uma negra... boa moça...

E, por aí, desandou a contar a história vulgar de uma pessoa que trata de outra atacada de moléstia contagiosa e não apanha a doença, enquanto a que foge vem a morrer dela.

Depois da sua narração, houve um curto silêncio; ela, porém, o quebrou:

— Que tal o tenor?

— É bom, disse o meu amigo. Não é de primeira ordem, mas se pode ouvi-lo...

— Ah! O Tamagno<sup>1</sup>!, suspirou a viscondessa.

— O câmbio está mau, refleti; os empresários não podem trazer notabilidades.

— Nem tanto, doutor! Quando estive na Europa, pagava por um camarote quase a mesma coisa que aqui... Era outra coisa! Que diferença!

Como houvessem anunciado o começo do ato seguinte, despedimo-nos. No corredor, encontramos o visconde e a filha. Cumprimentamo-nos rapidamente e descemos para as cadeiras.

Meu companheiro, segundo o costume elegante e desgracioso, não quis entrar logo. Era mais chique esperar o começo do ato... Eu, porém, que era novato, fui tratando de sentar-me. Ao entrar na sala, dei com o Alfredo Costa, o que me causou grande surpresa, por sabê-lo, apesar de rico, o mais feroz inimigo daquela gente toda.

Não foi durável o meu espanto. Juvenal tinha posto a casaca e cartola, para melhor zombar, satirizar e estudar aquele meio.

— De que te admiras? Venho a este barracão imundo, feio, de falso brilho, que faz todo o Brasil roubar, matar, prevaricar, adulterar, a fim de rir dessa gente que tem as almas candidatas ao piche ardente do inferno. Onde estás?

Disse-lhe eu, ao que ele me convidou:

— Vem para junto de mim... Ao meu lado, a cadeira está vazia, e o dono não virá. E a do Abrantes, que me avisou disso, pois, no fim do primeiro ato, me disse que tinha de estar em certo lugar especial... Vem que o lugar é bom para observar.

Aceitei. Não tardou que o ato começasse e a sala se enchesse. Ele, logo que a viu assim, falou-me:

---

<sup>1</sup> Francesco Tamagno, famoso tenor à época.

---

Histórias e Sonhos

— Não te dizia que, daqui, tu poderias ver quase toda a sala?

— É verdade! Bela casa!

— Cheia, rica!, observou o meu amigo com um acento sarcástico.

— Há muito que não via tanta gente poderosa e rica reunida.

— E eu há muito tempo que não via tantos casos notáveis da nossa triste humanidade. Estamos como que diante de vitrines de um museu de casos de patologia social.

Ficamos calados, ouvindo a música; mas, ao surgir na boca de um camarote, à minha direita, já pelo meio do ato, uma mulher, alta, esguia, de grande porte, cuja pele moreno-clara e as **joias** rutilantes saíam muito friamente do fundo negro do vestido, discretamente decotado em quadrado, eu perguntei:

— Quem é?

— Não conheces? A Pilar, a “Espanhola”.

— Ah! Como pode?

— É um lugar público... Não há provas... Além disso, todas as “outras” a invejavam... Tem **joias** caras, carros, palacetes...

— Já vens tu...

— Ora! Queres ver? Vê o sexto camarote de segunda ordem, contando de lá para cá! Viste?

— Vi.

— Conheces a senhora que lá está?

— Não, respondi.

— É a mulher de Aldong, que não tem rendimentos, sem profissão conhecida ou com a vaga de que trata de negócios. Pois bem: há mais de vinte anos, depois de ter gasto a fortuna da mulher, ele a sustenta como um príncipe. Adiante, embaixo, no camarote de primeira ordem, vês aquela moça que está com a família?

— Vejo. Quem é?

É a filha do doutor Silva, a quem, certo dia, encontraram em uma festa campestre, naquela atitude que tem alguma coisa de luta e de amor... E os homens não ficam atrás...

— És cruel!

— Repara naquele que está na segunda fila, quarta cadeira, primeira classe. Sabes de que vive?

— Não.

— Nem eu. Mas, ao que corre, é banqueiro de casa do jogo. E aquele general, acolá? Quem é?

— Não sei.

— O nome não importa; mas sempre ganhou as batalhas... nos jornais. Aquele almirante que tu vêes, naquele camarote, possui todas as bravuras, menos a de afrontar os perigos do mar. Mais além, está o desembargador Gensérico...

Costa não pôde acabar. O ato terminava: palmas entrelaçavam-se, bravos soavam. A sala toda era uma vibração única de entusiasmo. Saímos para o saguão e eu me pus a ver todos aqueles homens e mulheres tão maldosamente catalogados pelo meu amigo. Notei suas feições transtornadas, o tormento do futuro, a certeza da instabilidade de suas posições. Vi todos eles arrombando portas, arcas, ansiosos, febris, preocupados em não fazer tumulto, em correr ao menor sinal...

E ali, entre eles, a “Espanhola” era a única que me aparecia calma, segura dos dias a vir, sem pressa, sem querer atropelar os outros, com o brilho estranho da pessoa humana que pode e não se atormenta...

## Um músico extraordinário

Quando andávamos juntos no colégio, Ezequiel era um franzino menino de quatorze ou quinze anos, triste, retraído, a quem os festejos colegiais não atraíam. Não era visto nunca jogando “barra, carniça, quadrado, peteca”, ou qualquer outro jogo dentre aqueles velhos brinquedos de internato que hoje não se usam mais. O seu grande prazer era a leitura e, dos livros, os que mais gostava eram os de Júlio Verne. Quando todos nós líamos José de Alencar, Macedo, Aluísio e, sobretudo, o infame Alfredo Gallis, ele lia a *Ilha misteriosa*, o Heitor Servadac, as *Cinco semanas em um balão* e, com mais gosto, as *Vinte mil léguas submarinas*.

Podia-se dizer que a sua alma ansiava por estar só com ela mesma, mergulhada, como o Capitão Nemo do romance vernesco, no seio do mais misterioso dos elementos da nossa misteriosa Terra.

Nenhum colega o entendia, mas todos gostavam dele, porque era bom, tímido e generoso. E porque ninguém o entendesse nem as suas leituras, ele vivia consigo mesmo; quando não estudava as lições de que dava boas contas, lia seu autor predileto.

Quem poderia pôr na cabeça daquelas crianças fúteis pela idade e cheias de anseios de carne para a puberdade exigente o sonho que o famoso autor francês injeta nos cérebros dos meninos que se apaixonam por ele, e o conforto que os seus livros dão aos delicados que prematuramente adivinham a injustiça e a brutalidade da vida?

O que faz o encanto da meninice não é que essa idade seja melhor ou pior que as outras. O que a faz encantadora e boa é que, durante esse período da existência, nossa capacidade de sonho é maior e mais força temos em identificar os nossos sonhos com a nossa vida. Penso, hoje, que o meu colega Ezequiel tinha sempre no bolso um canivete, no pensamento de, se viesse a cair em uma ilha deserta, possuir à mão aquele instrumento indispensável para o imediato arranjo de sua vida; e aquele meu outro colega Sanches andava sempre com uma nota de dez tostões, para, no caso de arranjar a “sua” namorada, ter logo em

seu alcance o dinheiro com que lhe comprasse um ramalhete.

Era, porém, falar ao Ezequiel, em Heitor Servadac, e logo ele se punha entusiasmado e contava toda a novela do mestre de Nantes. Quando acabava, tentava então outra; mas os colegas fugiam um a um, deixavam-no só com o seu Júlio Verne, para irem fumar um cigarro às escondidas.

Então, ele procurava o mais afastado dos bancos do recreio e ficava lá, só, imaginando, talvez, futuras viagens que havia de fazer para as aventuras de Roberto Grant, de Hatteras, de Paspartout, de Keraban, de Miguel Strogoff, de César Cascavel, de Phileas Fogg e mesmo daquele curioso doutor Lindenbrock, que entra pela cratera extinta de Sueffels, na desolada Islândia, e vem à superfície da terra, num elevador de lavas, que o Estrômboli vomita nas terras risonhas que o Mediterrâneo afaga...

Saímos do internato quase ao mesmo tempo e, durante algum tempo, ainda nos vimos; mas, bem depressa, perdemo-nos de vista. Passaram-se anos, e eu já havia de todo o esquecido, quando, no ano passado, vim a encontrá-lo em circunstâncias bem singulares.

Foi em um domingo. Tomei um bonde do Jardim, aí, na avenida, para visitar um amigo e, com ele, jantar em família. Ia me ler um poema; ele era engenheiro hidráulico.

Como todo o sujeito que é rico ou se supõe ou quer passar como tal, o meu amigo morava para as bandas de Botafogo.

Ia satisfeito, pois havia muito que não me perdia por aquelas bandas da cidade e me aborrecia com a monotonia dos meus dias, vendo as mesmas paisagens e olhando sempre as mesmas fisionomias. Fugiria, assim, por algumas horas, ao cansaço visual de contemplar as montanhas nuas na margem da Central, da estação inicial até Cascadum. Morava eu nos subúrbios. Fui visitar, portanto, o meu amigo, naquele bonito Botafogo, Meca das ambições dos nortistas, dos sulistas e dos... cariocas.

Sentei-me nos primeiros bancos; e já havia passado o Lírico e entrávamos na rua Treze de Maio, quando, no banco de trás do meu, se levantou uma discussão com o condutor, uma dessas vulgares discussões comuns nos nossos bondes.

— Ora, veja lá com quem fala!, dizia um.

— Faça o favor de pagar sua passagem, dizia o recebedor.

— Tome cuidado, disse o outro. Olhe que não trata com nenhum cafajeste! Veja lá!

— Pague a passagem, senão o carro não segue.

E como eu me virasse para ver melhor tão ridículo caso, dei com a fisionomia do disputador que me pareceu vagamente minha conhecida. Não tive de fazer esforços de memória. Como uma ducha, ele me interpelou desta forma:

— Vejas tu só, Mascarenhas, como são as coisas! Eu, um artista, uma celebridade, cujos serviços a este país são inestimáveis, vejo-me agora maltratado por esse brutamontes que exige de mim, desafortadamente, uma quantia ínfima, como se eu fosse da laia dos que pagam.

Aquela voz; de súbito, pois ainda não sabia bem quem me falava, reconheci o homem: era o Ezequiel Beiriz. Paguei sua passagem, pois, não sendo celebridade, nem artista, podia perfeitamente e sem desonra pagar quantias ínfimas; o veículo seguiu calmamente o seu caminho, levando o meu espanto e a minha admiração pela transformação que se havia dado no temperamento do meu antigo colega de colégio. Pois era aquele fanfarrão o tímido Ezequiel?

Pois aquele presunçoso, que não era da laia dos que pagam, era o cismado Ezequiel do colégio, sempre sonhando viagens maravilhosas, à Júlio Verne? Que teria havido nele? Ele me pareceu inteiramente são, no momento e para sempre.

Travamos conversa e mesmo a procurei, para decifrar tão interessante enigma.

— Que diabo, Beiriz! Onde tens andado? Creio que há bem quinze anos que não nos vemos, não é? Onde andaste?

— Ora! Por esse mundo de Cristo. A última vez que nos encontramos... Quando foi mesmo?

— Quando eu ia embarcar para o interior do estado do Rio, visitar a família.

— É verdade! Tens boa memória... Despedimo-nos no largo do Paço... Ias para Muruí, não é isso?

— Exatamente.

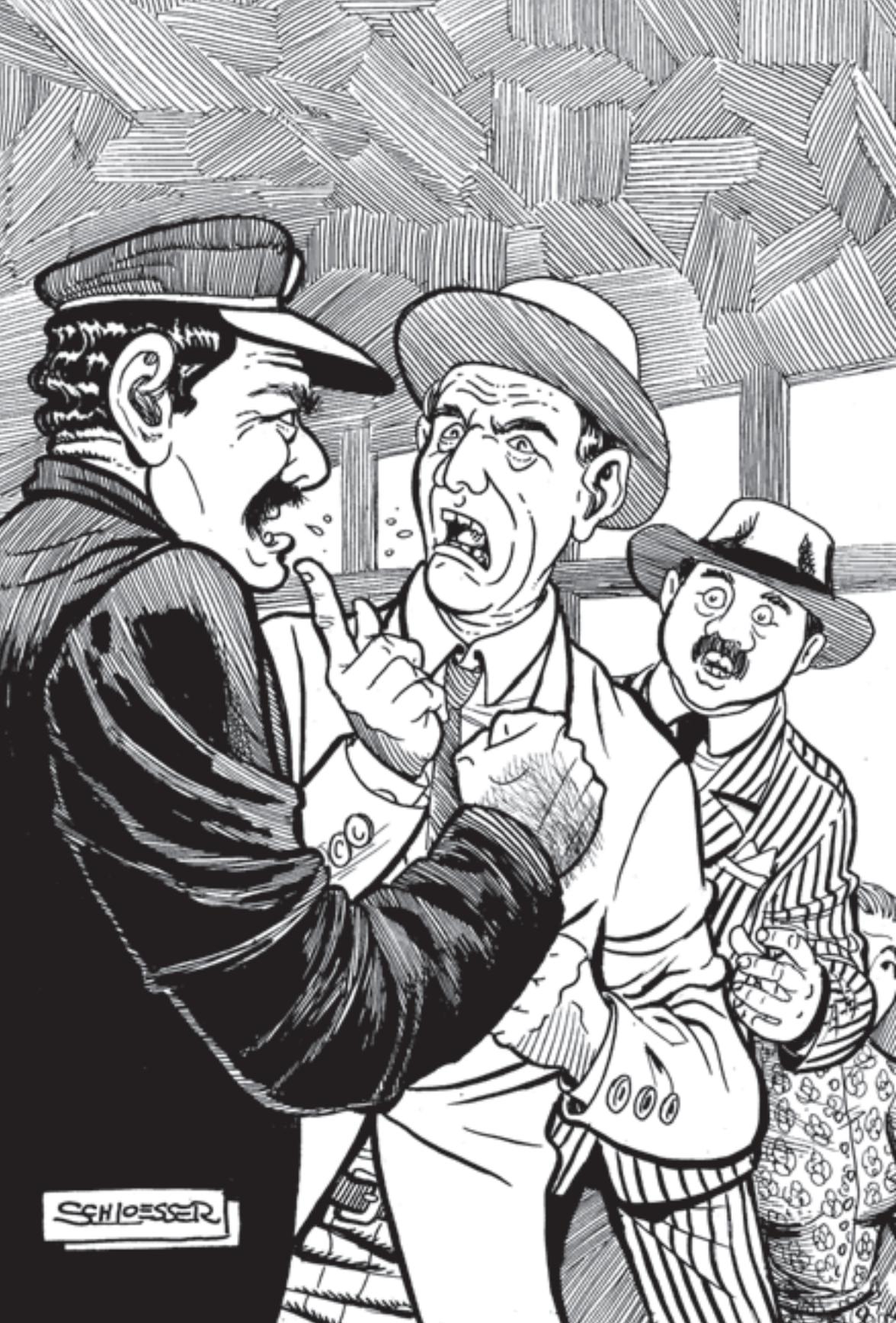
— Eu, logo em seguida, parti para o Recife para estudar direito.

— Estiveste lá este tempo todo?

— Não. Voltei para aqui, depois de dois anos passados lá.

— Por quê?

— Aborrecia-me aquela “arenga” de direito... Aquela vida



SCHLOSSER

Histórias e Sonhos

---

solta de estudantes de província não me agradava... São vaidosos... A sociedade lhes dá muita importância, daí...

— Mas que tinhas com isso? Fazias vida à parte...

— Ora! Não era bem isso o que eu sentia... Estava era aborrecidíssimo com a natureza daqueles estudos... Queria outros...

— E tentaste?

— Tentar! Eu não tento; eu os faço... Voltei para o Rio a fim de estudar pintura.

— Como não tentas, naturalmente...

— Não acabei. Enfadou-me logo tudo aquilo da Escola de Belas-Artes.

— Por quê?

— Ora! Deram-me uns bonecos de gesso para copiar... Já viste que tolice? Copiar bonecos e pedaços de bonecos... Eu queria a coisa viva, a vida palpitante...

— É preciso ir às fontes, começar pelo começo, disse eu sentenciosamente.

— Quê! Isto é para toda gente... Eu vou de um salto; se erro, sou como o tigre diante do caçador: estou morto!

— De forma que...

— Foi o que me aconteceu com a pintura. Por causa dos tais bonecos, errei o salto e a abandonei. Fiz-me repórter, jornalista, dramaturgo, o diabo! Mas, em nenhuma dessas profissões me dei bem... Todas elas me desagradavam... Nunca estava contente com o que fazia... Pensei, de mim para mim, que nenhuma delas era a da minha vocação e a do meu amor; e, como sou honesto intelectualmente, não tive nenhuma dor de coração em largá-las e ficar à toa, vivendo ao deus-dará.

— Isto durante muito tempo?

— Algum. Conto-te o resto. Já me dispunha a experimentar o funcionalismo, quando, certo dia, descendo as escadas de uma secretaria, onde fui levar uma recomendação, encontrei um parente afastado que as subia. Deu-me ele a notícia da morte do meu tio rico que me pagava colégio e, durante alguns anos, me dera pensão; mas ultimamente a tinha suspenso, devido, dizia ele, a eu não esquentar lugar, isto é, andar de escola em escola, de profissão em profissão.

— Era solteiro, esse seu tio?

— Era, e, como já não tivesse mais pai (ele era irmão de meu pai), ficava sendo o seu único herdeiro, pois morreu sem testa-

mento. Devido a isso e mais posteriores ajustes com a Justiça, fiquei possuidor de cerca de duas centenas e meia de contos.

— Um príncipe! Hein?

— De algum modo. Mas escuta, filho! Possuidor dessa fortuna, larguei-me para a Europa a viajar. Antes — é preciso que saibas — fundei aqui uma revista literária e artística — Vilbara — em que apresentei as minhas idéias budistas sobre a arte, apesar do que nela publiquei as coisas mais horríveis possíveis, poematos ao suicídio, poemas em prosa à Vênus Genitrzx, junto com sonetos, cantos, glosas de coisas de livros de missa de meninas do colégio de Sion.

— Tudo isto de tua pena?

— Não. A minha teoria era uma; e a da revista, outra, mas publicava as coisas mais antagônicas, porque eram dos amigos.

— Durou muito a tua revista?

— Seis números e custaram-me muito, pois até em três cores publiquei, e tu vais adivinhar que foram de quadros contrários ao meu ideal budista. Imagina tu que até estampej uma reprodução dos Horácios, do idiota do David<sup>1</sup>!

— Foi para encher, certamente?

— Quê! A minha orientação nunca dominou a publicação... Bem! Vamos adiante. Embarquei quase como fugido deste país em que o ideal de arte baseado na renúncia, no aniquilamento do desejo era tão traduzido em versos obscenos e apocalípticos e em quadros elogiando a força da guerra. Fui-me embora!

— Para onde?

— Pretendia ficar em Lisboa, mas, no caminho, veio uma tempestade; e deu-me vontade, durante ela, de ir ao piano. Esperava que saísse o “bitu”; mas qual não foi o meu espanto quando surgiu e ecoou, dos meus dedos, o tremendo fenômeno meteorológico, toda a sua música terrível... Ah! Como me senti satisfeito! Tinha encontrado a minha vocação... Eu era músico! Poderia transportar, registrar no papel e **reproduzi-los** artisticamente, com os instrumentos adequados, todos os sons, até ali intraduzíveis pela arte, da Natureza. O ruído das grandes cachoeiras, o marulho soluçante das ondas, o ganido dos grandes ventos, o roncar divino do trovão, o som seco do raio — todos esses ruídos, todos esses sons não seriam perdidos

---

<sup>1</sup> *Juramento dos Horácios*, do pintor francês Jacques-Louis David.

## Histórias e Sonhos

para a Arte; e, através do meu cérebro, seriam postos em música, idealizados de forma transcendente, para mais fortemente, mais intimamente, prender o homem à Natureza, sempre boa e sempre produtiva, variada e surpreendente; mas...

— Tu sabias música?

— Não. Mas continuei a viagem até Hamburgo, em cujo conservatório me matriculei. Não me dei bem nele, passei para o de Dresden, onde também não me dei bem. Procurei o de Munique, que não me agradou. **Frequentei** o de Paris, o de Milão...

— De modo que deves estar muito profundo em música?

Calou-se meu amigo um pouco e logo respondeu:

— Não. Nada sei, porque não encontrei um conservatório que prestasse. Logo que o encontre, fica certo que serei um músico extraordinário. Adeus, vou saltar. Adeus! Gostei de te ver.

Saltou e seguiu por uma rua transversal que não me pareceu ser a da sua residência.

# Lívia

E todos os dias quando ela, de manhã cedo, ia, ainda sonolenta, preparar o café matinal da família, ia toda envolvida num nevoeiro de sonhos, sonhados durante um demorado dormir de oito horas a fio. Por vezes — lá na cozinha, só, vigiando pacientemente a água que fervia —, ao lhe chegarem as lembranças deles em tumulto, juntas, borbulhava nos seus lábios uma interjeição qualquer, eco desconexo do muito que lhe falavam por dentro.

De vez em quando, segurando um gesto glorioso de satisfação, dizia “é ele”, e isso de leve traduzia a grande carícia de que gozava naquele instante, refazendo aquele sonho bom — tão bom e acariciador que parecia uma embriaguez de inebriantes perfumes dissipando-se do Mistério vagorosamente, suavemente... Depois, logo que o café se aprontava e, na sala de jantar, todos ao redor da mesa se punham a bebê-lo, mastigando o pão de cada dia, ela, olhos parados, presos a uma linha do assoalho, levando compassadamente a xícara aos lábios, ficava a um canto pensando, remoendo a cisma, procurando decifrar naqueles traços nebulosos, tão mal grudados pela memória, a figura viva daquele com quem, em sonhos, se vira indo de braço dado ruas afora.

Esforço a esforço, de evocação em evocação, aparecia aos poucos a sua figura, o seu ar; e, após esse paciente trabalho de reconstrução, vinha a sua mente, anunciado por um sorriso reprimido que modificava riosamente seu semblante, o seu nome sílaba por sílaba... Go-do-fre-do. Então, com desejo, ela pesava seus recursos: ganhava cento e vinte, no emprego da Central, talvez, em breve, viesse a ter mais. Quarenta para casa e o resto para o vestuário e alimentos.

Era pouco, mas servia, pois assim ficaria livre da tirania do cunhado, das inconveniências do pai; teria sua casa, seus móveis e, certamente, o marido lhe dando algum dinheiro, ela — quem sabe! —, que tão bons sonhos tinha, arriscando no “bicho”, aumentaria a renda do casal; e, quando assim fosse, havia de comprar um corte de fazenda boa, um chapéu, de jeito que, sempre, pelo Carnaval, iria melhorzinha à rua do Ouvidor, assistir passarem as pessoas da sociedade.



SCHLOSSER

O café já se havia acabado; e ela ficara ainda distraída e sentada, quando soou de lá da sala de visitas a voz vigorosa do cunhado:

— Lívia! Traz o meu guarda-sol que ficou atrás da porta do quarto. Depressa!... Anda que faltam só oito minutos para o trem!

E, como se demorasse um pouco, o Marques, redobrando de vigor no timbre, gritou:

— Oh! “Cos” diabos! Você ainda não achou! Ora! Que gente mole!

Humildemente, Lívia lá foi aos pulos, como uma corça domesticada, entregar o objeto pedido, para ser arrancado bruscamente das suas mãos...

Envolvida ainda naquele sonho que tornara sua manhã tão boa, ela, através das frestas da veneziana, viu o cunhado atravessar a rua e se perder por entre as casas.

Certa disso, abriu a janela. O subúrbio todo despertava preguiçosamente.

As montanhas, verde-negras, quase desnudas de vegetação, confusamente surgiam do seio do nevoeiro fino e espalhado. As casas listravam de branco e amarelo o cinza geral, enquanto bocados de neblina, finos, estreitos, flutuavam sobre elas como sombras sem rumo.

As ruas descalças e enlameadas eram atravessadas por alguns pedestres cabisbaixos, mal vestidos, andando rápidos em busca do embarcadouro.

Corria, de resto, como sempre, lentamente o viver diário; e a Lívia, sacudida pelo assobio agudo de uma locomotiva, levantou de repente os olhos, até ali fitos na estação que surgia do ambiente cinza clareando-se, para pregá-los numa retalha do céu que o sol abria, por entre a névoa, furiosamente, vitoriosamente.

Repentinamente, sua alma voou, asas abertas, **VOO** rasgado, para outras bandas, outras regiões. Voou para a cidade de luxo e elegância que, ao fim daquelas fitas de aço, refulgia e brilhava.

Representaram-se a ela os teatros de luxo, os bailes do tom, a rua da moda onde triunfavam as belezas. Ao considerar isso, viu-se ali também, ela, sim!, ela, que não era feia, tendo o seu porte flexível e longo, envolvido de rendas, despreendendo essências caras e aqueles seus dedos de unhas rosadas, enfeitados de ouro e pérolas, escolhendo, na mais chique loja, tecidos, baptistes, voiles...

Numa galopada de sonhos, supôs maiores coisas e — lembrando-se do que lhe contara a madrinha (oh! como era rica!) — imaginou a Europa, aquelas terras soberbas, por onde a “Dindinha” passeava a sua velhice e o seu egoísmo.

Doidamente revirava a alma e as cismas... Calculou-se lá também, na alameda de um grandioso jardim, de carruagem, com ricas vestes unidas ao corpo, ressaltando delas o esplendor de suas formas e a elegância de seu corpo. Imaginou que, através de um caro chapéu de palhinha branca, se coasse a luz macia do sol da Europa, salpicando sua tez de ouro, em cujo fundo brilhassem muito seus olhos vivos, negros e redondos.

— Oh!, que bom! Quem me dera!, quase exclamou por esse tempo.

De reviravolta, Lívia adivinhou outra coisa no sonho. Não pensara bem; era outro que não o Godofredo, o rapaz que imaginara.

Aquele nariz grosso, aquela testa alta, o bigode ralo, não eram dele; eram antes do Siqueira, estudante de farmácia, filho do agente. Esse poderia lhe dar aquilo — a Europa, o luxo —, pois formado ganharia muito.

Dessa forma, resolvera-se que “fecharia a cara” para o Godofredo e “se abriria” com o Siqueira. E era muito melhor! O Siqueira, afinal, ia formar-se, seria um marido formado, ao braço do qual, se não fosse à Europa, viria a gozar de maior consideração...

Além do mais a Europa era desnecessária — para quê? Era querer muito. Quem muito quer nada tem; e ela, para ter alguma coisa, devia querer pouco. Bastava pois que lhe tirassem dali, fosse esse, fosse aquele; mas... se em todo o caso pudesse ser um mais assim... seria muito melhor.

E desde quando vinha ela querendo aquilo? Havia muitos anos; havia dez talvez. Desde os doze que namorava, que “crescia” só para aquele fim; entretanto, apesar de haver tido mais de quinze namorados, ainda ali estava, ainda ali ficava, sob o mando do cunhado.

Quinze namorados!

Quinze! De que lhe serviram?

Um levava seus beijos; outro, abraços; outro, uma e outra coisa; e sempre esperando casar-se, isto é, libertar-se, ela ia devagar, passivamente deixando. Passavam um, dois meses, e

os namorados iam-se sem causa. Era feio, diziam; mas que fazer? como casar-se? Por **consequência**, como viver? A sua própria mãe não lhe aconselhava? Não lhe dizia: “Filha, anda com isso; preciso ver este cheque descontado”?

De resto, o amor lhe desculparia, pois não é o amor o máximo tirano? Não é a própria essência da vida, das coisas mudas, dos seres, enfim?

Por acaso ela os amara? Teria ela amado aquela legião de namorados? Amara um, sequer? Não sabia...

— O que é amar?, interrogava agitada.

Não é escrever cartas doces? Não é corresponder a olhares? Não é dar aos namorados as ameaças da sua carne e da sua sensualidade?

— Se era isso, ela amara a todos, um a um; se não era, a nenhum amara...

E o que era amar? Que era então?

Ao lhe chegar essa interrogação metafísica, para o seu entendimento, ela se perdeu no próprio pensamento; as **ideias** se baralharam, turbaram-se; e, depois, cansada, foi passando vagarosamente a mão esquerda pela testa, correu-a pacientemente pela cabeça toda até a nuca.

Por fim, como se fosse um suspiro, concluiu:

— Que amor! Que nada! A questão é casar e, para casar, namorar aqui, ali, embora por um se seja roubada em beijos, por outro em abraços, por outro...

— Ó, Lívia! Você hoje não pretende varrer a casa, moça? Que fazes há tanto tempo na janela?!

Obedecendo ao chamado de sua mãe, Lívia foi mais uma vez retomar a dura tarefa, da qual, na sua opinião, só um casamento havia de livrá-la para sempre, eternamente...

# Mágoa que rala

## CAPÍTULO I

Dos chefes de Estado que tem tido o Brasil, o que mais amou, e muito profundamente, o Rio de Janeiro foi sem dúvida Dom João VI; e a população da cidade e arredores ainda tem na memória, nos dias contemporâneos, mais de um século após a sua chegada a estas terras, a lembrança do seu nome. Nos bairros afastadas do antigo Município Neutro, que conservam até hoje uma forte feição roceira, a recordação do rei bondoso e bonachão é mais viva e o seu nome é pronunciado pela gente mais humilde de tais lugarejos, sofrendo uma abreviatura singular — “Dom Sexto”. Os que o precederam e nos governaram como vice-reis e governadores gerais portaram-se na capital da ilimitada colônia portuguesa como simples funcionários, executores de ordens dos reis, ministros, conselhos, mesas disto e daquilo, sem olhar sequer as árvores, o céu, as cenas que os cercavam e muito menos a gente da terra. Acredito que, com o seu orgulho de nobres falidos, muitos deles duvidassem da humanidade e se aborrecessem com a natureza local, fervilhante e grandiosa. Não se pareciam com as coisas semelhantes de Portugal e não se podiam medir por elas; não prestavam, portanto. A gente, para eles, um pouco mais que animais, eram uns negros à toa; e a natureza, uma catástrofe de mosquitos e cascavéis, sem possuir uma proporcionalidade com o homem, como a de Portugal, que parecia um jardim, feito para o homem. Mesmo os nossos poetas mais velhos nunca entenderam a nossa vegetação, os nossos mares, os nossos rios; não compreendiam as nossas coisas naturais e nunca alcançaram sua alma, o substractum; e se queriam dizer alguma coisa sobre ela caíam no lugar-comum amplificado e no encadeamento de adjetivos pomposos, quando não voltavam para a sua arcadiana e livresca floresta de álamos, plátanos, mirtos, com ninfas muito vagabundas e faunos idiotas, segundo a retórica e a poética didáticas das suas cerebrinas

escolas, cheias de pomposos textos, de rapé, de latim e regras de catecismo literário.

Se, nos poetas, o sentimento da natureza era esse de paisagens de poetas latinos, numa diluição já tão exaustiva que fazia que os autores do decalque se parecessem todos uns com os outros, como se poderia exigir de funcionários, nobres limitados na sua própria linhagem, uma maior força original de sentimento diante dos novos quadros naturais que a luminosa Guanabara lhes dava, cercando as águas de mercúrio de suas harmoniosas enseadas?

Dom João VI, porém, nobre de alta linhagem e príncipe do século de Rousseau, mal versado na literatura palerma dos árcades, dos desembargadores e repentistas, estava mais apto para senti-los de primeira mão, diretamente. Podia ele, perfeitamente, amar o passaredo alegre na plumagem e triste no canto, a gravidade rústica de cenários severos, os morros cobertos de árvores de insondável verde-escuro, que descem pelas encostas amarradas umas às outras, pelos cipós e trepadeiras, até o mar fosco que muge ao pé deles.

O sucesso de Rousseau entre a alta nobreza do seu tempo foi um estranho acontecimento que hoje surpreende a todos nós, tanto mais que não se passa uma geração e vem ele a ser amaldiçoado pelos filhos e netos dos que o festejaram, como sendo um dos autores do 89 e do vermelho 93.

Antes disso, foi ele a criança mimada da grande nobreza e da grande burguesia, assemelhando-se àquela nos gestos, nos gostos, nos vestuários, em tudo, enfim, até no modo de assinar o nome.

Depois dos seus primeiros sucessos musicais e literários, mesmo antes com a sua mãe-amante, Madame de Warens, Jean-Jacques foi o mimo, o autor predileto da alta nobreza e da grande burguesia, que esperavam a guilhotina da Grande Revolução<sup>1</sup> lendo as suas declamações e censuras contra a civilização. Sempre lido por elas, sempre por elas agraciado e socorrido, ambas absorveram com lágrimas nos olhos as palavras do genebrino, cujas obras deviam inspirar e sustentar o ânimo do sumo pontífice da guilhotina — Robespierre. E Rousseau, nas festanças e bailes do rico financeiro Dupin, avô ou coisa parecida de George Sand, que, numa edição das Confessions,

<sup>1</sup> Revolução francesa.

prefaciada por ela, se confessa fiel ao espírito do convidado de seu avô, naquele castelo de Chenonceaux, erguido a capricho sobre as águas do Cher, é Madame d'Épinay, é a marechala de Luxembourg, é o marquês de Girardin, é o príncipe de Conti, é Frederico II, é o marechal, governador de Neuchâtel, em nome deste último, e tantos outros magnatas do tempo.

Dom João VI devia tê-lo lido e, sendo desgraçado três vezes, como filho, como marido e como rei, havia de encontrar a sua alma bem aberta para receber suas lições e compreender de modo mais amplo a natureza, de modo a ser solicitado para um convívio mais íntimo com as árvores, com os riachos, com as cascatas, fossem elas civilizadas, bárbaras ou selvagens.

Fugindo do seu reino, trazendo consigo a mãe louca, que pedia, ao embarcar em Lisboa, que andassem mais devagar, para não parecer que fugiam; obrigado pelo seu nascimento e pelas condições particulares do seu estado, a suportar uma mulher que perdera toda a conveniência, toda a vergonha e todo o respeito a si própria, nos seus desregramentos sexuais, o pobre rei, gordo, comilão, tido como estúpido, desconfiado da sua paternidade oficial, só encontrava na música e nos aspectos naturais meio para a sua muito humana necessidade de extravasamentos sentimentais.

Na sua vida de grandes mágoas e profundas dores, o seu desembarque no Rio com certeza foi para a sua alma uma aleluia. A beleza do cenário natural, a sua originalidade imprevista e grandiosa — sem atingir o incompreensível do desmedido e do colossal, a manifestação filial de toda uma bizarra população de brancos, índios, negros e mulatos, quase toda chorando, provocaram muito naturalmente a simpatia — fizeram logo brotar no seu coração uma grande afeição pelo lugar, animaram-no novamente a viver, sentir-se rei de fato — Rei —, o chefe aceito voluntariamente, como pai e senhor, por todos aqueles súditos longínquos que o viam pela primeira vez.

Dom João, diz Oliveira Lima, caminha calmo, com a melancolia misturando-se ao calor da simpatia que o estava acolhendo.

Para bem ver a terra, então, ele se esqueceu das quinze mil pessoas que o acompanhavam desde as margens do Tejo, daqueles quinze mil “desembargadores e repentistas, vadios e dondocas, frades e freiras, mosenhores e castrados — enxame de parasitas imundos”, como diz Oliveira Martins, que aporta-

va em São Sebastião para esvaír quotidianamente a despesa Real e enchê-la em troca de zumbidos de intrigas, mexericos e bisbilhotagem.

E o rei pagou bem o carinho filial com que o Rio de Janeiro o recebeu; foi grato. Tratou logo de arranjar uma nobreza da terra, que ele mesmo dizia não ser “nobreza”, mas “fineza”; protegeu José Maurício e autorizou que a sua desgraciosa, mas sagrada figura de rei, de nobre da mais alta e pura nobreza, apesar da filha do Barbadão, fosse pintada na tela por um pobre pintor mulato, José Leandro, que nunca vira a Itália, nem museus, nem academias e talvez até nem tivesse mestres.

Mas, não foi só aí que mostrou a sua gratidão para os afagos recebidos por ele, na sociedade da Guanabara; não o foi também, unicamente, nas instituições de ensino e outras que criou; foi para a terra que o seu agradecimento se voltou, foi para a sua beleza de que se enamorou, onde quis deixar as marcas e o esforço do grande amor que ela lhe inspirara.

De fato, não há lugar no Rio de Janeiro que não tenha uma lembrança do simplório rei erisipeloso e gordo. De Santa Cruz à Ilha do Governador, numa distância de vinte léguas, existem por toda parte; da Ilha do Governador à Gávea, também; e no centro da cidade são inúmeras.

Com as más entradas daqueles tempos, talvez pouco piores que as de hoje, é incrível como esse homem, tido por preguiçoso, desleixado, vadio, vencesse tão grandes distâncias, andando de um lado para o outro, só para aproveitar os pinturescos e pitorescos recantos de sua improvisada capital ultramarina.

Hoje, com bondes elétricos, automóveis e o mais, os nossos grandes burgueses, alguns, dados todos os descontos, mais ricos do que o príncipe regente, só sabem amontoar-se em Botafogo, em palacetes de um gosto afetado, pedras falsas de arquitetura, com as tabuletas idiotas de “vilas” disto ou daquilo.

E não era só o rei; a própria rainha foi-se para Botafogo, hoje “melindroso” e “encantador”, mas, naquele tempo, roça perfeita; Von Langsdorff, cônsul-geral da Rússia, tinha uma fazenda na raiz da serra, onde cultivava em larga escala a mandioca; Chamberlain, também cônsul-geral, mas da Inglaterra, era proprietário de uma chácara em Santa Tereza, para caçar borboletas e plantar café; um emigrado político, o conde de Hogendrop, foi morar como simples roceiro da terra, nas Águas

Férreas; e o pintor Taunay, membro do Instituto de França, que veio com a missão artística de Lebreton, foi residir com toda a família nas proximidades da cascatinha da Tijuca.

A nossa burguesia atual, porém, é panurgiana<sup>2</sup> e, por isso, banaliza tudo em que toca ou de que se utiliza. Darwin, quando passou por aqui, em 1832, habitou durante os belos meses cariocas de maio e junho uma pequena casa de roça, nas cercanias da baía de Botafogo. É impossível, diz ele, sonhar com algo mais delicioso do que essa residência de algumas semanas em país tão admirável! Hoje, se ele visse esse subúrbio do Rio de Janeiro, com as suas casas quase todas iguais em vaidade; com os seus jardins econômicos de terra e, mais do que isso, avarento; com a sua aristocracia de dondocas desfrutáveis e encantadoras, com o espírito nas pontas dos dedos, ambos, machos e fêmeas, apreciadores de cinemas; com os seus verdadeiros e falsos ricos, arrogantes e desejosos; com os seus criados e admiradores do luxo de feira que lá impera; como não se recordaria da meiguice primitiva do lugar, quando por ali ele caçava “planárias”, classificadas por Cuvier como vermes intestinais, mas que, por sinal, não se encontram nos intestinos de qualquer animal; como lhe dariam saudades a música desarmônica iniciada à tarde pelas cigarras estridentes, seguida pelo coaxar de rãs e sapos e pelo chiar dos grilos, com a iluminação instantânea dos pirilampos? Mas a nuvem pardo-azul, que nos grandes dias de luz funde ao longe as cores e os tons, observada pelo sábio inglês, ainda se pode ver naquele célebre recanto do Rio de Janeiro. Os burgueses não se erguem da terra; não escalam o céu. Isso é coisa para titãs... A nossa plutocracia<sup>3</sup>, como a de todos os países, perdeu a única justificação da sua existência como alta classe, mais ou menos viciosa e privilegiada, que era a de educadora das massas, propulsora do seu levantamento moral, artístico e social. Nada sabe fazer de acordo com o país, nem inspirar que se faça. Ela copia os hábitos e opiniões uns dos outros, amontoa-se num lugar só, e deixa os lindos recantos do Rio de Janeiro abandonados aos carvoeiros ferozes que, afinal, saem dela mesma.

Encarando a burguesia atual de todo gênero, os recursos

<sup>2</sup> Termo usado por Lima Barreto para criticar a sociedade da época, que assimila as ideias e os costumes de outros países, especialmente os da Europa.

<sup>3</sup> Sistema político no qual o poder é exercido pelo grupo mais rico.

e privilégios de que dispõe, como sendo unicamente meios de alcançar fáceis prazeres e baixas satisfações pessoais, e não se compenetrando ela de ter, para com os outros, deveres de todas as espécies, falseia a sua missão e provoca a sua morte. Não precisará de guilhotina...

É bom lembrar, porém, já que falávamos em Darwin, que ele — e não podia deixar de fazê-lo — se refere também ao Jardim Botânico; e este recanto do Rio de Janeiro, tão peculiar à cidade que é até um dos seus símbolos, fala ainda de Dom João VI. Até bem pouco tempo, era o lugar predileto para os passeios burgueses e familiares. Era o lugar dos piqueniques; e, aos domingos e dias de festas, quem lá fosse, encontraria, à sombra das suas árvores, famílias e amigos, criados e mucamas e noivos, comendo leitão assado e peru recheado, obrigatório à boa harmonia e à felicidade dos lares, em dias de sacrifício doméstico do nosso culto aos lares. Foram proibidos, e o Jardim Botânico só ficou lembrado por causa de uma casa rústica que havia defronte dele, espécie de hospedaria disfarçada em que, à noite, se realizavam pagodes alegres de rapazes e moças que não tinham o que perder. Assim mesmo, entretanto, ele não se **aguentou** na memória dos cariocas passeadores. Como Silvestre, a Tijuca e o moderno Sumaré, passou da moda. Hoje é em Copacabana e redondezas que se realizam as festas e se resumem tragédias ou comédias conjugais. O Jardim Botânico, porém, ficou sossegado, quieto entre o mar bem próximo e a selva verde-negra que cobre os contrafortes do Corcovado ao fundo, polvilhada de prata após as grandes chuvas, lançando sobre os que o abandonaram o desdém de suas palmeiras altivas e titanicamente para o céu, à espera de que, para as suas alfombras, voltem as famílias em festança e os amorosos irregulares em transportes sagrados, a fim de abençoar, quer umas, quer outros, debaixo dos seus antigos bambus veneráveis.

Embora tenha norteadado, para o seu portão, a primeira linha de bondes que se construiu no Rio de Janeiro, de uns tempos pra cá o jardim deixou de ser falado nos jornais, nas crônicas elegantes, não mais foi escolhido para festividades a estrangeiros de fama rápida; e a massa dos cariocas, desabituaando-se de ouvir seu nome, nem vendo a sua alameda de palmeiras nas notas do Tesouro, esqueceu-se daquele pedaço da cidade, que é bem e só ele mesmo, ele unicamente, sem semelhança com outro.

Um belo dia de anos passados, porém, nas primeiras horas da manhã, logo após o café, abrindo os jornais, deram os cariocas com a primeira página de quase todos os quotidianos ocupada com uma longa notícia, cheia de gravuras macabras e fisionomias satisfeitas de policiais em serviço.

Cada gazeta tinha mais títulos e subtítulos e cada um destes era mais bombástico e inexplicável. Leram a notícia e, em suma, tratava-se do seguinte: tendo fechado o jardim, os guardas, conforme mandava o regulamento, passaram revista a todo ele. Davam-na por acabada, quando um deles encontrou, na borda de um gramado, um punhal esquisito, “esquinado”, dizia ele, com uma inscrição na face da lâmina. Era simples e em espanhol o mote: “Soy yo!”<sup>4</sup>. O achado intrigou-o, examinou melhor os arredores e veio a dar, escondido em uma moita, com o cadáver de uma mulher com o rosto roxo e congestionado, inteiramente vestida, só com chapéu fora do lugar, mas posto por outra mão ao lado dela. Parecia estrangeira. De súbito e de forma tão fúnebre, foi arrancado do esquecimento a lembrança do velho jardim real; e ele surgiu a todos da cidade com uma auréola de martírio, feita da ingratidão de toda uma população a cujos pais e avós, sem nada lhes pedir, ele soubera dar tantos instantes de alegria e amor.

Os jornais lembraram a sua história, a sua fundação pelo rei Dom João VI, os benefícios que havia prestado com fornecimentos de sementes de plantas úteis ou mudas de variedades de cana-de-açúcar; lembraram a plantação de chá que lá houvera, sem esquecer de louvar as esguias e majestosas palmeiras, uma das quais, plantada pelas próprias mãos do rei, estava morrendo de velha.

O inquérito veio a correr, ou melhor, a arrastar-se sem esperança de resultado; e a inscrição em espanhol, no punhal, fazia com que as autoridades policiais prendessem não só todos os súditos do rei da Espanha que encontravam à mão, como também colombianos, argentinos, chilenos, e até um filipino moreno foi preso, apesar de ser um simples e inofensivo malaio vagabundo e cabeludo, que vivia catando ervas medicinais para vendê-las aos herbanários da rua Larga e aos chefes de macumbas e candomblés dos subúrbios longínquos. Tudo em vão.

A vítima foi identificada. Era uma criada alemã, arrumadei-

<sup>4</sup> Sou eu!



DIARIO  
MONONOMO  
MONOMONO

DIARIO

SCHLOESSER

ra de um grande hotel de luxo do Silvestre ou de Santa Tereza, que, nos seus dias de folga ou licença, gostava de passear pelos arredores da cidade e beber cerveja em toda parte. Todos os frequentadores de casas de chopes conheciam aquela pequena alemã, de Baden, rechonchudinha, polpuda que nem um repolho, com as maçãs do rosto sempre rosadas, possuidora de um perfeito aspecto de boneca alemã de carregação, que bebia mais do que os patrícios, rindo e estalando as palavras no duro e gutural alemão, cuja família diziam ser de camponeses de um lugarejo do grão-ducado. Os seus papéis eram cartas dos pais, de irmãos e parentes, além de lembranças de uns e outros, como retratos, sem mais outro traço sentimental que não este da família; e sobre o seu cadáver foram encontradas as joias que a sua modesta condição permitia possuir: um anel de pouco preço, umas peças de ouro e brilhantes, mas de valor pouco considerável, um par de pulseiras, algum dinheiro e mais nada.

## CAPÍTULO II

O doutor Matos Garção era quem conduzia o inquérito; mas esse moço, feito delegado de polícia por ajuda de políticos do interior e sendo ele mesmo de São Sebastião de Passa Quatro, pecava por inteiro desconhecimento do Rio de Janeiro, de forma que, apesar de ter alguma inteligência, andou dando por paus e por pedras, cego, tonto, numa descontinuidade de esforços de causar riso e pena.

Houve até uma ocasião que, inspirada por ele, parecia encaminhá-lo para a descoberta do assassino da pequena Graüben Hunderbrok; mas que ele não a soube aproveitar. Tendo observado que muitos desses imigrantes espontâneos chegam ao Rio de Janeiro, com passagem por Buenos Aires, conseguiu obter da polícia argentina informações a respeito da alemãzinha assassinada. De lá, noticiaram que ela estivera naquela cidade do Prata, havia já quatro anos, quando, tendo vinte e três de idade, viera de França, de Paris, acompanhando uma família rica argentina, como criada. Meses depois, poucos, quatro, se tanto, despedira-se bruscamente e subitamente embarcara para a Guanabara. Era o que informaram as pessoas da família

Avendaña, com a qual aportara em Buenos Aires. Um casal de alemães, cujo marido tinha um emprego secundário nas oficinas da Cervejaria Brama, sem ser solicitado, depôs perante o delegado. O que havia de importante, no depoimento dele, era que Graüben tinha na sua companhia um filho de quatro anos, a que dera à luz alguns meses após a sua chegada de Buenos Ayres. O exame médico-legal tinha já indicado essa maternidade que ela parecia querer ocultar.

O punhal foi bem examinado; mas apesar de parecer a todos uma arma de luxo e antiga, cabo de prata lavrada, guarda de aço com arabescos desenhados e a tal inscrição — “Soy yo!” — na lâmina também desenhada de arabescos, nenhum dos armeiros, chamados para investigação, se animavam a dizê-lo autêntico, hesitavam na determinação de sua procedência; uns queriam-na toledana, outros italiana das primitivas armas da Renascença e alguns mesmo chegaram a pensar em uma imitação, para iludir os colecionadores exibicionistas da América do Sul. A bainha não foi encontrada; a adaga estava sem sangue, pois a morte se dera por estrangulamento, tendo o assassino simplesmente esganado a moça com ambas as mãos.

la assim o inquérito, cansando todos: delegado, escrivão, comissários, guardas, agentes, policiais de farda, “encostados”, jornalistas e o público; e já o doutor Matos, de São Sebastião de Passa Quatro, se resolvera a fechar a semana “espanhola” e inaugurar a “germânica” com a detenção de muitos alemães, quando, a 22 de junho, isto dias depois do assassinio, surge na delegacia um rapaz de vinte e poucos anos de idade, boa aparência, que se acusa como autor do homicídio do jardim.

Chamava-se ele Lourenço da Mota Orestes e era empregado nos Telégrafos, em um modesto lugar, sendo muito querido pelos chefes, superiores e colegas, pela sua reserva, sua assiduidade e obediência. Fora, antes, empregado no comércio, onde seu pai era também muito querido e considerado pela sua honestidade e rigor no cumprimento das suas obrigações. Tinha este um grande “bazar” pelas bandas do Estácio de Sá, onde comerciava com toda a honestidade, não tendo por isso grande fortuna, empregando quase toda a renda da loja nas suas despesas de família.

Lourenço, ao entardecer daquele úmido dia de junho de..., chegou à delegacia e disse precisar falar ao delegado sobre o

assassínio da alemãzinha. Estava já a autoridade muito entediada com o caso e demorou razoavelmente em recebê-lo. Devido à insistência do rapaz, veio a ser ouvido duas horas depois de sua chegada. Logo que se aproximou do doutor Matos, disse-lhe sem mais detença que confessava ser ele o matador de Graüben. O jovem bacharel de São Sebastião de Passa Quatro estremeceu na ampla cadeira, levantou-se como se fosse impulsionado por uma mola e, acompanhando a fala com um olhar desorientado, perguntou ao rapaz, para quem tinha a mão direita estendida, apontando-o dramaticamente, com o dedo indicador:

— Foste tu, então?

— Fui, doutor, disse o rapaz calmamente.

Tocou o delegado a campainha, chamou os seus auxiliares, aos quais disse em tom de grande satisfação:

— Está ali (apontou) quem matou a alemã no jardim.

Todos exclamaram a um só tempo:

— Este!

O delegado, de novo apontando para o rapaz, confirmou:

— Sim; é este.

Perguntou em seguida ao Lourenço:

— Não foste tu?

— Fui, doutor.

Determinou, então, o doutor Matos Garção que o metessem no xadrez; que o vigiassem muito e não deixassem conversar com ninguém. Logo que o rapaz se encaminhou para a prisão da delegacia, onde estavam as celas, ordenou ao prontidão que telegrafasse ao chefe, aos auxiliares, à Associação de Imprensa, a todos os jornais, convidando todos para assistir à confissão do criminoso.

Com tal notícia, a cidade teve um contentamento de alívio e alguns, curiosos de ver o assassino e talvez ouvir sua confissão que a notícia estampada nos jornais tinha feito encaminharem-se para o posto policial longínquo, tiveram que esperar até quase às onze horas da noite o momento de serem satisfeitos e dele saíram nas imediações da madrugada.

O chefe e os policiais graúdos chegaram às nove horas, os repórteres dos principais jornais pouco depois, mas faltava o do O Arauto do Povo, um jornal ainda novo, mas de grande venda, que chegou pelas proximidades das onze horas e foi

esperado devido às ordens do chefe, pois O Arauto fazia uma oposição cega a ele e queria ele provar à sua redação o quanto eram infundados os seus artigos.

Tendo chegado, afinal, o repórter, seguido de fotógrafo como alguns outros, o criminoso foi apresentado.

Antes, tinham os jornalistas tirado aspectos da comissão, como chefe de polícia, auxiliares, delegados, escrivão, sentados, e, de pé, às costas destes, inspetores, guardas, policiais, etc.

O moço entrou e puseram-no em uma cadeira próxima ao delegado distrital, que esperou, para tomar a confissão, que os fotógrafos “batessem” a chapa.

No começo, correu tudo em ordem, e o acusado, com voz firme, articulando palavra por palavra, disse o seu nome, a sua filiação, ter vinte e cinco anos de idade, etc., etc. Narrou como se dera o crime. Tendo, todos os anos, quando podia gozar férias, aí pelo mês de junho, o hábito de vir passar quinze dias na casa de seu amigo Leopoldo Martins Barroca, nos arredores da praia do Pinto, da lagoa Rodrigo de Freitas, viera como de costume naquele ano.

Gostava de passá-los aí, pois, até os quatorze anos, antes de estabelecer-se seu pai, ao deixar de ser feitor do jardim, ele residira naquelas redondezas das quais guardava as mais suaves recordações. Naquele dia, 14 de junho de..., o do assassinio, tendo almoçado com a mulher e os filhos do seu amigo, sem ele, pois o fazia mais cedo para não perder o seu ponto no Arsenal de Marinha, onde era escrevente, saiu e foi ler o Jornal do Comércio na venda do “seu” Eduardo, que ficava justamente na praia, fazendo esquina com a rua do Pau, em que estava a casa do seu hospedeiro amigo.

Lera a folha vagorosamente, e dera-lhe vontade de ir ao jardim passear. Assim fizera e, vagando pelas alamedas, naquele dia de semana, silenciosas e desertas, encontrara com aquela alemã, que, só agora, pela leitura dos jornais, soube chamar-se Graüben. Travara, a propósito não se lembra de quê, conversa com ela. Ria-se muito a moça, com um riso estreito e de pouca duração, com propósito ou não, e pareceu-lhe, por diversos gestos, ter-se ela apaixonado por ele. Em um dado momento, quis beijá-la, ela o repeliu, mas continuou conversando com ele como se nada tivesse havido, no seu mau português.

Chegando a um lugar mais sombrio, repetiu a tentativa de abraçá-la e beijá-la e repetiu com mais força e decisão. Ela, a alemã, se enfureceu e arrancou não sabia de que dobra do vestido o punhal que foi encontrado, tentando feri-lo. Foi por esse tempo que, tomado pela luxúria, pelo despeito, pelo medo — tudo isto misturado e multiplicado —, agarrou a moça pelo pescoço, com ambas as mãos, cheio de frenesi, apertou-o loucamente, cegamente e, quando pôde refletir, viu que ela estava morta. Vendo-a assim, escondeu o cadáver em uma moita e saiu muito naturalmente, aí pelas três horas da tarde. Foi para a casa de que era hóspede e, ao dia seguinte, de noite, embarcava para São Paulo, onde estivera até a véspera daquele dia 22.

Essa parte principal do depoimento correu bem, mas, logo que o acusado deu por finda a acusação que fazia a si mesmo, todos começaram a interrogá-lo, quase a um só tempo — chefe, delegados, comissários, jornalistas, homens do povo e até policiais.

Apesar da confusão, a todos respondia com calma e precisão, mesmo porque, em geral, as perguntas eram as mais idiotas possíveis ou não tinham relação alguma com o crime do Jardim Botânico.

No dia seguinte, os jornais, repletos de retratos e outras gravuras, traziam longas notícias, com os comentários do costume, e alguns elogiavam o chefe, outros calavam-se a tal respeito; mas, todos concordavam em tachar de revoltante o criminoso, tipo verdadeiramente mau, pelas feições e pela cínica calma dos **delinquentes** natos.

A não ser a calma, não havia nada de verdade nisso. O rapaz era bem parecido e conformado de corpo e rosto, mais alto que baixo, branco, forte mais do que a média; e tinha um olhar agudo, por vezes agudíssimo, mas sempre meigo e triste, onde havia muito de vago e de melancolia.

No dia seguinte, começaram a interrogar as pessoas aludidas na confissão pelo criminoso. Dois guardas do jardim reconheceram-no; um, porém, dizia que o vira entrar na véspera do crime, no dia de santo Antônio; entretanto, o outro jurava que ele estivera no jardim, a 14, por sinal que o avistara, nas proximidades do chafariz, quando ia o visitante dobrar a alameda à esquerda e perpendicular à principal da entrada.

Este depoimento, se bem que fosse confirmado mais tarde e em acareação com o protagonista da tragédia, estava em contradição com muitos outros. Dona Zilda, a mulher do amigo em cuja casa Lourenço estivera hospedado, depôs dizendo que, no dia do crime, o seu hóspede chegara a sua casa, aí pelas três horas e pelos fundos, pois era seu hábito, depois de ler o jornal na venda, descer a praia, embrenhar-se na restinga, chupar cambuim, pitangas, frutas de cardo, mexerica, qualquer fruta silvestre, e voltar para a casa pelos fundos que davam para a restinga do Leblon. Perguntada se era costume dele ir ao jardim, disse que sim, parecendo-lhe até que, no dia de santo Antônio, lá fora.

O proprietário da venda, o senhor Eduardo Silveira, mais ou menos confirmou o depoimento de dona Zilda. Disse que, deixando o senhor Lourenço de ler o Comércio pelas duas horas, o vira descer à praia, como era do seu hábito, procurar um atalho que levava à restinga; e não acreditava que tivesse ido ao jardim, naquele dia, por aquelas horas, pois estava sem colarinho nem gravata, não se entrando, como é sabido, naquele logradouro público sem esses complementos do vestuário.

O marido de dona Zilda, o amigo de Lourenço, pouco sabia, mas afirmava que ele fora ao jardim, a 13, dia de santo Antônio, pois, tendo ficado em casa para remendar uma cerca e concertar o galinheiro, o vira sair completamente vestido, **convidando-o**, a ele, depoente, a acompanhá-lo, o que não fez, e com isso desculpou-se por ter de executar aqueles servicinhos caseiros.

Investigando novamente, à vista do depoimento do vendeiro, a respeito de como tinha podido entrar no jardim sem colarinho, nem gravata, explicou Lourenço que obtivera esses dois objetos no caminho de Jorge Turco, nas Três-Vendas, e os colocara no pescoço, nos fundos do botequim do canto da estrada de Dona Castorina.

Jorge Turco, convidado a depor, afirmou nunca ter vendido um alfinete ao rapaz, que conhecia, entretanto, por lhe passar pela porta do negócio em companhia do “seu” Leopoldo da rua do Pau, um dos seus bons fregueses e a mulher também.

O dono do botequim dissera que, de fato, um dia destes da semana passada, tinha permitido que ele fosse aos fundos do seu negócio, mas não sabia ao certo o dia e não podia garantir

que, para lá entrasse sem colarinho e gravata. Com eles, saiu; disso, tinha memória.

Apesar de toda essa confusão de depoimentos que resultava em mostrar não ter ele **coparticipação** nem ser autor do crime, Lourenço continuava afirmando com a mais convincente das firmezas que era autor do assassinio; que fora só ele quem matara a alemã; que merecia castigo e ajuntava detalhes esclarecedores da sua luta com a alemã que dizia ter matado, nas condições do seu primitivo depoimento.

Vindo a saber-se que, nos dias entre o do crime e o da confissão, ele não estivera em São Paulo, mas na barra da Guaratiba, em casa de uns antigos serviçais de seu pai, muito chegados à família — sendo ele até padrinho de um dos filhos deles —, vindo a saber-se disso, explicava a falsidade do seu primeiro depoimento nessa parte, como tendo por objetivo não querer comprometer aqueles pobres pretos aos quais muito estimava e amava.

Toda a sua confissão ia assim se desmoronando com as informações que traziam pessoas conceituadas e indicadas implícito ou explicitamente nos depoimentos do acusado, as quais, procuradas para elucidar os passos dados por ele naquele sinistro entardecer de 14 de junho de..., vinham todas elas mostrar a impossibilidade de suas afirmações, fazendo-o claramente inocente. Não se sabia o que pensar de tão esquisito caso...

O pai, como informante, depôs longamente sobre o caráter e os hábitos do filho. O seu depoimento foi tocante e longo. Era um velho português forte e firme, com um olhar esperto, mas bondoso, inspirando toda a sua pessoa retidão e franqueza. Contou ele que desde uns cinco ou seis anos para cá o gênio do seu filho se transformara. Até os vinte anos era alegre, até brincalhão, gostava de regatas, de festas, de vestuário e o mais. Logo, aos dezesseis anos, pedira que o empregasse, porque não tinha inclinação para os estudos. Ele, pois, se entristecera, pois o julgava, como todos os seus mestres, inteligente e aplicado. Fazendo sua vontade, apesar de isso desgostá-lo e também à mulher, empregara-o em uma casa comercial, onde fez carreira, sendo de ano para ano aumentado de vencimentos. Deu em morar fora da casa paterna, sob o pretexto de ficar mais perto do clube de regatas de que era sócio e não precisar acordar tão

cedo para comparecer aos “ensaios”. Não se opôs, já por **ulgá-lo** ajuizado, já por apreciar o seu desenvolvimento físico e o ar de saúde que ia ganhando.

Aos dezenove anos para os vinte, sem explicação alguma (aí a sua voz tremeu), soube que o seu filho tinha abandonado o emprego e fugira não sabia para onde. Fora ao patrão, **pagou-lhe** uns pequenos adiantamentos que a casa fizera ao rapaz e, quase dois anos depois, veio a saber que o filho estava na maior miséria em São Paulo, exercendo os duros e humildes ofícios de varredor e carregador de uma venda num bairro qualquer. Com a insistência de sua mulher, partiu para aquela capital, trouxe-o e, um ano inteiro, Lourenço ficou em sua casa, trocando raras palavras com ele e os irmãos, só se abrindo mais longamente com a mãe. Não entendia a mágoa do filho e temia que se matasse. Vivia lendo livros de religião e espíritas, cujos títulos ele, o pai, não sabia repetir. Não queria ver jornais, nem revistas. Seus cuidados com a integridade mental do filho eram grandes, tanto mais que, várias vezes, a mulher lhe dissera que, quase sempre, quando ia ao quarto, o encontrava chorando ou com a fisionomia de quem tinha acabado de fazer isso. Por intermédio dela, sempre lhe fornecia dinheiro, para as suas pequenas necessidades; e, longe de usá-lo, seu filho dava a maior parte aos criados da casa, às crianças da vizinha, só reservando uma pequena e diminuta quantia para a compra de cigarros baratíssimos e fósforos. Quisera mandá-lo para a Europa, e ele não aceitara, dizendo à mãe que tinha medo do oceano. Preferia que lhe arransassem um pequeno emprego público modesto; com as suas relações, conseguira ele, o pai, obter; e, desde que o exercia, como que tinha melhorado de estado de espírito. Quanto ao crime, não sabia nada; mas não julgava seu filho capaz de tanta maldade, antes o achava louco, com a mania do martírio e, em tempo, havia pedido o devido exame de sanidade mental.

A parte do depoimento do pai que se referia à fuga do filho para São Paulo impressionou o repórter d’O Arauto, que, daqui e dali, veio a saber e publicou o motivo dela. Ele tinha ido para lá, pois tinha dado um desfalque na casa em que era empregado, no valor de dois ou três contos, que foram pagos pelo pai.

A polícia, que já estava disposta a não acreditar na sua confissão, à vista de tal precedente, voltou à carga, encerrou o inquérito e mandou-o ao juiz competente. As contradições e



SCHLESSER

incongruências entre a confissão do réu e os depoimentos de testemunhas e informantes continuaram enchendo de mistério o caso.

O juiz ficou completamente atrapalhado, doido até, com tal crime e tal criminoso. Não havia uma hipótese a fazer, quase todos os depoimentos levavam à convicção de que a confissão de Lourenço era falsa; ele, porém, confessava com tal firmeza! Que havia de pensar?

Quem sabe se ele não queria despistar a polícia, mas com que interesse? Os seus amigos do peito eram poucos, e todos eles podiam dar numerosas testemunhas como tinham passado todo o dia 14, quase todo, nas suas repartições. Por dinheiro? Era absurdo.

O advogado, chamado pelo pai, disse-lhe logo:

— Aceito, mas o meu maior adversário é seu filho... Não **para** de confessar que foi ele e justificar mais ou menos bem os desmentidos às suas afirmações. Olhe como se saiu daquela “enrolada” de São Paulo. Perfeitamente aceitável... É o diabo! Mas... aceito!

O advogado, em desespero de causa, pediu exame de sanidade mental para o seu cliente. O juiz com muita alegria deferiu o pedido. Lourenço foi para o hospício, onde esteve internado dois meses. Da comissão, fazia parte o doutor Juliano Moreira, que empregou todo o seu saber e toda a sua quente simpatia para decifrar aquele angustioso enigma psicológico.

Observado cuidadosamente, virado o seu espírito pelo avesso, interrogado dessa e daquela forma, escrevendo e falando não revelou qualquer perturbação nas suas faculdades mentais. Era o homem comum, o médio, sem nenhuma degenerescência ou psicose, inferior ou superior, acentuada.

Foi pronunciado; mas, antes que entrasse em júri, uma pequena revista lembrou um caso muito semelhante acontecido na Alemanha, em Essen, e contando em um livro do senhor Hugo Fridlaender e resumido, no *Le Temps*, por Th. de Wyzewa. Tratava-se de um tal Alfred Land, que, tendo praticado uma pequena falcatura, um furto doméstico, se sentiu tão angustiado, tão cheio de mágoa que não teve medo de se acusar como autor de um assassinio misterioso, o qual ele estava materialmente impossibilitado de executar.

Citando Wyzewa<sup>5</sup>, o autor do artigo dizia que, em Lourenço, a consciência de ter desonrado o seu nome, de ter cometido um crime vil e covarde, de ter ofendido, manchado a honra dos pais e da família, era o que o roía interiormente, o que tirava seu sossego, o ralava dia e noite, silenciosamente, sem que ele avaliasse bem a tensão desse estado d'alma, até o dia em que a notícia do assassinio da pequena alemã, num recanto afastado do Jardim Botânico, sugeriu-lhe a **ideia** de resgatar o seu erro de rapazola com uma condenação por assassinio. Levava-o a júri uma espécie de necessidade de resgatar a sua falta de um modo "**heroico**, romanesco e místico"; uma determinação planejada de expiação do seu crime de furto, determinação que invadira aos poucos, traiçoeiramente, a sua vontade, no silêncio de suas meditações e nas horas angustiosas do remorso e do arrependimento.

Ninguém aqui, como aquele juiz de instrução do *Crime e castigo*<sup>6</sup> se balança a ler as pequenas revistas de rapazes, para estar a par da psicologia mórbida dos criminosos cerebrais e inexplicáveis; e, por isso, muito naturalmente, não houve quem interpretasse de modo plausível a atitude daquele rapaz que parecia desejar uma condenação por crime hediondo e horrível.

Foi a júri e não foi difícil absolvê-lo. Ninguém acreditava na sua criminalidade, nem o promotor, nem jurados, nem juiz, ninguém!

Quando, porém, o juiz, à vista das respostas do júri, mandou-o pôr em liberdade, se por "al" não estivesse preso, conforme a linguagem forense, Lourenço se levantou, pediu permissão ao juiz e, perante este e os jurados, protestou contra a sua absolvição, nos seguintes termos:

— Senhor juiz e senhores jurados, eu protesto contra a minha absolvição, que é mau e injusta, em face da minha consciência. Sou um criminoso, ninguém melhor do que eu pode afirmá-lo; quero sofrer, para resgatar-me e poder, então, viver outra vez com alegria e satisfação, no convívio dos meus semelhantes. Nenhuma justiça, nenhum homem tem o direito de se opor a esse meu sincero desejo... Protesto, portanto!

Sentou-se; mas o promotor não apelou.

---

<sup>5</sup> Crítico de arte, musical e literário francês.

<sup>6</sup> *Crime e Castigo*, uma das mais conhecidas obras do escritor russo Fiódor Dostoiévski.

# Clara dos Anjos

A Andrade Murici

O carteiro Joaquim dos Anjos não era homem de serestas e serenatas, mas gostava de violão e de modinhas. Ele mesmo tocava flauta, instrumento que já foi muito estimado, não o sendo tanto atualmente como outrora. Acreditava-se até músico, pois compunha valsas, tangos e acompanhamentos para modinhas.

Aprendera a “artinha” musical na terra de seu nascimento, nos arredores de Diamantina, e a sabia de cor e salteado; mas apenas isso. Pouco ambicioso em música, ele o era também nas demais manifestações de sua vida. Empregado de um advogado famoso, sempre quisera obter um modesto emprego público que lhe desse direito a aposentadoria e assistência médica, para a mulher e a filha. Conseguira aquele de carteiro, havia quinze para vinte anos, com o qual estava muito contente, apesar de ser trabalhoso e o ordenado ser pequeno.

Logo que foi nomeado, tratou de vender as terras que tinha no local de seu nascimento e adquirir aquela casita de subúrbio, por preço módico; mas, mesmo assim, o dinheiro não chegara, e o resto ele pagou em prestações. Agora, e mesmo há vários anos, estava de plena posse dela. Era simples a casa. Tinha dois quartos, um que dava para a sala de visitas, e outro, para a de jantar. Correspondendo a um terço da largura total da casa, havia nos fundos um puxadinho que era a cozinha. Fora do corpo da casa, um barracão para banheiro, tanque, etc.; e o quintal era de superfície razoável, onde cresciam goiabeiras maltratadas e um grande tamarineiro frondoso.

A rua desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava que nem um pântano; entretanto, era povoada e dela se descortinava um lindo panorama de montanhas que pareciam cercá-la de todos os lados, embora a grande distância. Tinha boas casas a rua. Havia até uma grande chácara de outros tempos com aquela casa característica de velhas chácaras, de longa fachada, de teto baixo, forrada de azulejos até a metade do pé-direito, um tanto feia, é fato, sem elegância, mas casando-se perfeitamente com as mangueiras, com as robustas jaqueiras e

com todas aquelas grandes e velhas árvores que, talvez, os que as plantaram não tivessem visto frutificar.

Por aqueles tempos, nessa chácara, haviam se estabelecido as “bíblias”. Os seus cânticos, aos sábados, quase de hora em hora, enchiam a redondeza. O povo não os via com hostilidade, mesmo alguns humildes homens e pobres moças simpatizavam com eles, porque, justificavam, não eram como os padres que, para tudo, querem dinheiro.

Chefiava os protestantes um americano, Mr. Sharp, homem forte e dono de uma palavra bíblica que devia ser magnífica em inglês; mas que, no seu duvidoso português, se fazia simplesmente pitoresca. Era Sharp daquela raça curiosa de yankees que, de vez em quando, à luz da interpretação de um ou mais versículos da Bíblia, fundam seitas cristãs, propagam-nas, encontram adeptos logo, os quais não sabem bem por que foram para a nova e qual a diferença que há entre esta e a de que vieram.

Fazia seguidores e, quando se tratava de iniciar uma turma, os noviços dormiam em barracas de campanha, erguidas no terraço da chácara ou entre as suas velhas árvores maltratadas e desprezadas. As cerimônias preparatórias duravam uma semana, cheia de cânticos divinos; e a velha propriedade, com as suas barracas e versos, adquiria um aspecto esquisito de convento ao ar livre de mistura com um certo ar de acampamento militar.

Da redondeza, poucos eram os adeptos ortodoxos; entretanto, muitos lá iam por mera curiosidade ou para se deliciar com a oratória de Mr. Sharp.

Iam sem nenhuma repugnância, pois é próprio do nosso pequeno povo fazer um mistura de religiões e crenças de toda sorte e socorrer-se desta ou daquela, conforme os transe de sua existência. Se for para afastar atrasos de vida, apela para a feitiçaria; se for para curar uma doença insistente e resistente, procura o espírito; mas não falem à nossa gente humilde em deixar de batizar o filho pelo sacerdote católico, porque não há quem não se zangue: “Meu filho ficar pagão! Deus me defenda!”.

Joaquim não fazia exceção desta regra, e sua mulher, a Engrácia, ainda menos.

Eram casados há quase vinte anos, mas só tinham uma filha, a Clara. O carteiro era pardo claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso.

Na pele, a filha puxava o pai; e, no cabelo, a mãe. Na estatura, ficara entre os dois. Joaquim era alto, bem alto, acima da média, ombros quadrados; a mãe, não sendo muito baixa, não alcançava a média, possuindo uma fisionomia miúda, mas regular, o que não acontecia com o marido que tinha o nariz grosso, quase chato. A filha, a Clara, tinha ficado em tudo entre os dois; média deles, era bem a filha de ambos. Habituada às musicatas do pai, crescera cheia de vapores das modinhas e enfumagara a sua pequena alma de moça pobre com os dengos e a melancolia dos cantos e cantarolas.

Com dezessete anos, tanto o pai como a mãe tinham por ela grandes desvelos e cuidados. Mais depressa ia Engrácia à venda de “seu” Nascimento, buscar isto ou aquilo, do que ela. Não que a venda de “seu” Nascimento fosse lugar de badernas; ao contrário: as pessoas que lá faziam “ponto” eram de todo o respeito.

O Alípio, uma delas, era um tipo curioso de rapaz, que, apesar de pobre, não deixava de ser respeitador e bem comportado.

Tinha um aspecto de galo de briga; entretanto, estava longe de possuir a ferocidade repugnante desses galos, não possuindo — é preciso saber — nenhuma.

Um outro que aparecia sempre lá era um inglês, Mr. Persons, desenhista de uma grande oficina mecânica das imediações. Quando saía do trabalho, passava na venda, lá se sentava naqueles característicos tamboretos de abrir e fechar e **deixava-se** ficar até o anoitecer bebericando ou lendo os jornais do senhor Nascimento. Silencioso quase sombrio, pouco conversava e implicava muito com quem o tratava por mister.

Havia lá também o filósofo Meneses, um velho hidrópico, que se tinha na conta de sábio, mas que não passava de um simples dentista clandestino e dizia tolices sobre todas as coisas. Era um velho branco, simpático, com um todo de imperador romano, barbas brancas e cheias.

Aparecia, às vezes, o J. Amarante, um poeta, verdadeiramente poeta, que tivera o seu momento de celebridade em todo o Brasil, se ainda não a tem; mas que, naquela época, devido ao álcool e a desgostos íntimos, era uma triste ruína de homem, apesar dos seus dez volumes de versos, dez sucessos, com os quais todos ganharam dinheiro menos ele. Amnésico,

semi-imbecilizado, não seguia uma conversa com tino e falava desconexamente. O subúrbio não sabia bem quem ele era; chamava-o muito simplesmente — o poeta.

Um outro **frequentador** da venda era o velho Valentim, um português dos seus sessenta anos e pouco, que tinha o corpo curvado para diante, devido ao hábito contraído no seu ofício de chacareiro, que já devia exercer há mais de quarenta. Contava “casos” e anedotas de sua terra, pontilhando tudo de ditados portugueses do mais saboroso pitoresco.

Apesar de ser assim decente, Clara não ia à venda; mas o pai, em alguns domingos, permitia que fosse com as amigas ao cinema do Méier ou ao Engenho de Dentro, enquanto ele e alguns amigos ficavam em casa tocando violão, cantando modinhas e bebericando parati.

Pela manhã, logo nas primeiras horas, os companheiros apareciam, tomavam café, iam em seguida para o quintal, para debaixo do tamarineiro, jogar baralho, com o litro de cachaça ao lado; e aí, sem dar uma vista d’olhos sobre as montanhas circundantes, nuas e empedrouçadas, deixavam-se ficar até a hora do “ajantarado” que a mulher e a filha preparavam.

Só depois deste é que as cantorias começavam. Certo dia, um dos companheiros dominicais do Joaquim pediu-lhe licença para trazer, no dia do aniversário dele, que estava próximo, um rapaz de sua amizade, o Júlio Costa, que era um exímio cantor de modinhas.

Concordou. Veio o dia da festa, e o famoso trovador apareceu. Branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo, não tinha as tais cabeleiras denunciadoras, nem outro qualquer traço de malandro. Vestia-se seriamente com um apuro muito suburbano; sob a tesoura de alfaiate de quarta categoria. A única pilantragem aparente consistia em trazer o cabelo repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente pelo meio. Acompanhava-o o violão. A sua entrada foi um sucesso.

Todas as moças das mais diferentes cores que aí a pobreza harmonizava e destacava logo o admiraram. Nem César Bórgia<sup>1</sup>, entrando mascarado, num baile à fantasia dado por seu pai, no Vaticano, causaria tanta emoção.

Afirmavam umas para as outras:

— É ele! É ele, sim!

<sup>1</sup> Príncipe italiano da Renascença **europeia**.

Os rapazes, porém, não ficaram muito contentes com isso; e, entre eles, puseram-se a contar histórias escabrosas da vida galante do cantor de modinhas.

Apresentado aos donos da casa e à filha, ninguém notou o olhar guloso que deitou para os seios empinados de Clara.

O baile começou com a música de um “terno” de flauta, cavaquinho e violão. A polca era a dança preferida, e quase todos dançavam com requiebrs próprios de samba.

Num intervalo Joaquim convidou:

— Por que não canta, “seu” Júlio?

— Estou sem voz, respondeu ele.

Até ali, ele tinha tomado parte no “remo”; e, repinicando as cordas, não deixava de devorar com os olhos os bamboleios de quadris de Clarinha, quando dançava. Vendo que seu pai convidara o rapaz, animou-se a fazê-lo também:

— Por que não canta, “seu” Júlio? Dizem que o senhor canta tão bem...

Esse “tão bem” foi alongado maciamente. O cantador acudiu logo:

— Ora, meu senhor! São bondades dos camaradas...

Concertou a “pastinha” com as duas mãos, enquanto Clara dizia:

— Cante! Vá!

— Já que a senhora manda, disse ele, vou cantar.

Com todo o dengue, agarrou o violão, fez estalar as cordas e anunciou:

— Amor e sonho.

E começou com uma voz muito alta, quase berrando, a modinha, para depois arrastá-la num tom mais baixo, cheio de mágoa e langor, sibilando os “ss”, carregando os “rr” das metáforas horrendas de que estava cheia a cantoria. A coisa era, porém, sincera; e mesmo as comparações estrambóticas levantavam nos singelos cérebros das ouvintes largas perspectivas de sonhos, erguiam desejos, despertavam anseios e visões douradas. Acabou. Os aplausos foram entusiásticos, e só Clarinha não aplaudiu, porque, tendo sonhado durante toda a modinha, ficara ainda embevecida quando ela acabou...

Dias depois, vindo à janela por acaso — era de tarde — sem grande surpresa, como se já o esperasse, Clara recebeu o cumprimento do cantor magoado. Não pôs malícia na coisa,

tanto assim que disse candidamente à mãe:

— Mamãe, sabe quem passou aí?

— Quem?

— “Seu” Júlio.

— Que Júlio?

— Aquele que cantou nos “anos” de papai.

A vida da casa, após a festança de aniversário do Joaquim, continuou a ser a mesma. Nos domingos, aquelas partidas com o Eleutério, servente da biblioteca, e com o Augusto, guarda municipal, acompanhadas de copitos de cachaça, e o violão, à tarde. Não tardou que se viesse agregar um novo convidado: era o Júlio Costa, o famoso modinheiro suburbano, amigo íntimo do Augusto e seu professor de trovas.

Júlio quase nunca jantava, pois tinha sempre convites em todos os quatro pontos cardeais daquelas paragens. Tomava parte nas partidas de baralho e pouco bebia. Apesar de não demorar-se pela tarde adentro, pôde ir cercando a moça, a Clara, cujos seios empinados, volumosos e redondos fascinavam-lhe extraordinariamente e excitavam a sua gula carnal insaciável. No começo foram só olhares, que a moça, com os seus úmidos olhos negros, grandes, quase cobrindo toda a parte branca, correspondia disfarçadamente e com medo; depois, foram pequenas frases, galanteios, trocados às escondidas, para, afinal, vir a fatídica carta.

Ela a recebeu, meteu-a no seio e, ao se deitar, leu-a, sob a luz da vela, medrosa e palpitante. A carta era a coisa mais fantástica, no que diz respeito à ortografia e à sintaxe, que se pode imaginar; tinha, porém, uma virtude: não era copiada do secretário dos amantes, era original. Contudo a mensagem fez estremecer toda a natureza virgem de Clara, que, com a sua leitura, sentiu haver nela surgido alguma coisa de novo, de estranho, até ali nunca sentida. Dormiu mal. Não sabia bem o que fazer: se responder, se devolver. Viu o olhar severo do pai; as recriminações da mãe. Ela, porém, precisava casar-se. Não seria toda a vida assim como um cão sem dono... Os pais viriam a morrer, e ela não podia ficar pelo mundo desamparada... Uma dúvida lhe veio: ele era branco; ela, mulata... Mas que tinha isso?

Tinham-se visto tantos casos... Lembrou-se de alguns... Por que não havia de ser? Ele falava com tanta paixão... Ofegava,

suspirava, chorava; e os seus seios duros estouravam de virgindade e de ansiedade de amar... Responderia; e assim fez, no dia seguinte. As visitas de Costa tomaram-se mais demoradas, e as cartas, mais constantes. A mãe desconfiou e perguntou à filha:

— Você está namorando “seu” Júlio, Clarinha?

— Eu, mamãe! Nem penso nisso...

— Está, sim! Então não vejo?

A menina pôs-se a chorar; a mãe não falou mais nisso; e Clara, logo que pôde, mandou pelo Aristides, um molecote da vizinhança, uma carta ao cantor de modinhas, relatando o fato.

Júlio morava na estação próxima, e a situação de sua família era bem superior à sua namorada. O seu pai tinha um emprego regular na prefeitura e era, em tudo, diferente do filho. Carrancudo, grave, sério, ia até a imponência grotesca do bom funcionário; e não seria capaz de admitir que a namorada do filho dançasse na sua sala. Sua mulher não tinha o ar solene do marido; era, porém, relaxada de modos e hábitos. Comia com a mão, andava descalça, catava intrigas e “novidades” da vizinhança; mas tinha, apesar disso, uma pretensão íntima de ser grande coisa, de uma grande família. Além do Júlio, tinha três filhas, uma das quais já era adjunta municipal; e, das outras duas, uma estava na Escola Normal e a mais moça cursava o Instituto de Música.

Puxaram muito ao pai, no gênio superior, no orgulho da família; e tinham ambição de casamentos doutorais. Mercedes, Adelaide e Maria Eugênia, eram esses os nomes, não suportariam de nenhuma forma Clara como cunhada, embora desprezassem o irmão pelos seus maus costumes, pelo seu violão, pelos seus plebeus galos de briga e pela sua enorme ignorância.

Pequeno-burguesas, sem nenhuma fortuna, mas, devido à situação do pai e a terem frequentado escolas de certa importância, elas não admitiriam, para Clara, senão um destino: o de criada de servir.

Entretanto, Clara era doce e meiga, inocente e boa. Podia-se dizer que era muito superior ao irmão delas pelo sentimento, ficando talvez acima dele pela instrução, embora fosse rudimentar, como não podia deixar de ser, dada a sua condição de moça pobríssima.

Júlio era quase analfabeto e não tinha poder de atenção

suficiente para ler a sinopse de um filme. Muito estúpido, a sua vida mental se resumia na composição de modinhas melosas, recheadas das mais estranhas imagens que a sua imaginação erótica, sufocada pelas conveniências, criava, tendo sempre perante seus olhos o ato sexual.

Mais de uma vez, ele se vira nos braços da polícia por causa de defloramento e seduções de menores.

O pai, desde a segunda vez, recusara se intrometer; mas a mãe, dona Inês, com muitas súplicas, choro, apelo — para a pureza de sangue da família —, conseguira que o marido, o capitão Bandeira, procurasse influenciar, a fim de evitar que o filho casasse com uma negrinha de dezesseis anos, a quem o Júlio “tinha feito mal”.

Apesar de não ser totalmente má, os seus preconceitos junto à estreiteza da sua inteligência não permitiram ao seu coração que agasalhasse ou protegesse o seu infeliz neto. Sem nenhum remorso, deixou-o por aí, à toa, pelo mundo...

O pai, desgostoso com o filho, largara-o de mão; e quase não se viam. Júlio vivia no porão da casa ou nos fundos da chácara onde tinha gaiolas de galos de briga, o bicho mais hediondo, mais repugnantemente feroz que é dado a olhos humanos ver. Era a sua indústria e o seu comércio, esse negócio de galos e as suas brigas em rinhas.

Barganhava-os, vendia-os, chocava as galinhas, apostava nas rinhas; e, com o resultado disso e com alguns cobres que a mãe lhe dava, vivia e obtinha dinheiro para vestir-se. Era o tipo completo do vagabundo doméstico, como há milhares nos subúrbios e em outros bairros do Rio de Janeiro.

A mãe, sempre temendo que se repetissem os seus ajustes de contas com a polícia, esforçava-se sempre por estar informada dos seus amores. Veio a saber do seu último com a Clara e repreendeu-o nos termos mais diretos. O filho ouviu-a respeitosa e, sem dizer uma palavra; mas achou bom dizer, a seu modo, por carta, tudo à namorada. Assim escreveu:

“Queridinha confesso-te que ontem quando recebi a tua carta minha mãe viu e fiquei tão louco que confessei tudo à mamãe que lhe amava muito e fazia por você as maiores violências, ficaram todos contra mim é a razão porque te previno que não liguês ao que lhe disserem, por isso peço-te que leve em consideração o meu sofrimento. Pense bem e veja se estás

resolvida a fazer o que lhe pedi na última cartinha. Saudades e mais saudades deste infeliz que tanto lhe adora e não é correspondido. O teu Júlio”.

Clara já estava habituada com a redação e ortografia do seu namorado, mas, apesar de escrever muito melhor, a sua instrução era insuficiente para desprezar um galanteador tão analfabeto. Ainda por cima, a sua fascinação pelo cantador de modinhas e a sua obsessão pelo casamento lhe tiravam toda a capacidade crítica que pudesse ter. A carta produziu o efeito esperado por Júlio. Choro, palpitações, anseios vagos, esperanças nevoentas, vislumbres de céus desconhecidos e encantados — tudo isso aquela carta lhe trouxe, além de um ar de dedicação e amor por ela com que Clara fez resplandecer, na imaginação, os cabelos do violeiro. Daí a dias, fez o prometido, isto é, deixou a janela do quarto aberta para que ele entrasse no aposento. Repetiu a façanha quase todas as noites seguidas, sem que ele se demorasse muito no quarto.

Nos domingos, aparecia, cantava e fingia que entre ambos não havia nada. Um belo dia, Clara sentiu alguma coisa de estranho no ventre. Comunicou ao namorado. Quê! Não era nada, disse ele.

Era, sim; era o filho. Ela chorou, ele acalmou-a, prometendo casamento. O ventre crescia, crescia...

O cantador de modinhas foi fugindo, deixou de aparecer aos poucos; e Clara chorava. Ainda não tinham percebido sua gravidez.

A mãe, porém, com auxílio de certas intimidades próprias de mãe para filha, desconfiou e colocou-a em confissão. Clara não pôde esconder, disse tudo; e aquelas duas humildes mulheres choraram abraçadas diante do irremediável... A filha teve uma **ideia**:

— Mamãe, antes da senhora dizer a papai, deixa-me ir até a casa dele, para falar com a sua mãe?

A velha meditou e aceitou a proposta:

— Vai!

Clara vestiu-se rapidamente e foi. Recebida com desdém por uma das filhas, disse que queria falar à mãe de Júlio. Esta recebeu-a grosseiramente; mas a moça, com toda a coragem e com sangue-frio difícil de crer, confessou-lhe tudo, o seu erro e a sua desgraça.

— Mas o que é que você quer que eu faça?

— Que ele se case comigo, fez Clara num só gesto.

— Ora, esta! Você não se enxerga! Você não vê mesmo que meu filho não é para se casar com gente da sua laia! Ele não amarrou você, ele não amordaçou você... Vá-se embora, mocinha! Ora já se viu! Vá!

Clara saiu sem dizer nada, reprimindo as lágrimas, para que na rua não descobrissem sua vergonha. Então, ela? Então ela não podia se casar com aquele vagabundo, sem nenhum título, sem nenhuma qualidade superior? Por quê?

Viu bem a sua condição na sociedade, o seu estado de inferioridade permanente, sem poder aspirar à coisa mais simples a que todas as moças aspiram. Para que seriam aqueles cuidados todos de seus pais? Foram inúteis e improdutivos, pois evitaram que ela conhecesse bem justamente a sua condição e os limites das suas aspirações sentimentais... Voltou para casa depressa. Chegou; o pai ainda não viera.

Foi ao encontro da mãe. Não lhe disse nada; abraçou-a chorando.

A mãe também chorou e, quando Clara parou de chorar, entre soluços, disse:

— Mamãe, eu não sou nada nesta vida.



SCHLOSSER

## Uma vagabunda

É um caso bem curioso o que vou contar e que me parece digno de registro. Para muitos parecerá fantástico; mas, como tu sabes, já houve quem dissesse que a realidade é mais fantástica do que imaginamos.

— Dostoievski<sup>1</sup>?

— Sim; creio que foi ele, embora não afirme com certeza que fosse com estas palavras. Sabes bem como são as palavras dele?

— Não; mas estou certo de que tu não traís o pensamento dele... Enfim! Isso não vem ao caso. Conta lá a história.

— Conto-a a ti com todos os detalhes, para que possas tirar dela todo o profundo sentido que tem. Se tratasse de outro, havia de abreviá-la, transformá-la em piada; mas, tratando-se de ti, não há nada que seja prolixo<sup>2</sup> para a compreensão de semelhante fato.

Eles estavam no Campo de Sant'Ana, e aquelas cutias sempre ariscas e aquelas saracuras de galinheiro, apesar de tudo, não deixavam de dar um toque selvagem naquele jardim educado.

O narrador continuou:

— Foi isto há alguns anos passados. Bebia eu muito nesse tempo, muito mesmo, porque tinha por lema de vida ou tudo ou nada. Além disso, adotam uma frase não sei de que autor, como complemento desse lema.

— Qual é?, perguntou o outro.

— “O burguês bebe champanhe; o herói bebe aguardente”.

— Essas duas sentenças cobiçadas deviam dar resultados surpreendentes.

— Deram como tu sabes, mas eu quero te contar uma que tu não sabes.

— Duvido.

— Pois vais ver.

— Não acredito, pois sei todas as tuas proezas desse tempo.

<sup>1</sup> Escritor russo.

<sup>2</sup> Pessoa que fala ou escreve em demasia.

- Essa proeza, porém, não é minha; é de outro ou de outra.
- Que outra?
- Conheceste a Alzira?
- Sim! Aquela vagabunda que ia à casa do “Guaco”, na rua do Carmo.
- É isso mesmo: aquela vagabunda que ia à casa do “Guaco”, na rua do Carmo. É isso.
- Homem! Pelo modo por que falas, parece que tiveste paixão por ela...
- Não tive paixão, mas sou grato a ela.
- Por quê?
- Lembras-te bem que ela bebia conosco alguns copos.
- Lembro-me bem.
- E que ela tivera um passado de brilho, de riqueza, no alto do seu mundo?
- Perfeitamente. Contudo, Frederico, eu penso que ela exagerava um pouco.
- É verdade. Aquele caso que ela nos contou de ter perdido uma noite, não sei em que jogo, em São Paulo, oitenta contos, não me parece verdadeiro; entretanto...
- Não é só isso. Todas as sumidades da República haviam sido seus amantes. Ora, isso não é possível, pois muitas delas, quando começaram, eram pobretões que não podiam aspirar à semelhante “objeto de luxo”.
- Tens razão; mas...
- Uma coisa: quando me recordo da Alzira, só me vem à mente o seu famoso guarda-chuva de metal, com que, às vezes, quando embriagada, dava em um qualquer e ia parar no xadrez.
- Eu, quando me vem ela à lembrança, com a sua fisionomia triste, murcha, é com o seu orgulho de ter tido muito dinheiro, por meios tão baixos...
- A observação é boa. Ela não parecia ter dor em recordar os belos dias passados; parecia antes ter prazer... Afinal, que tem ela com a tua história?
- Estavas fora, lá, para Alagoas. Continuei a frequentar o “Guaco”, aonde ia todas as tardes encontrar os companheiros. Ocasionalmente topava com Alzira e pagava um cálice para ela. As nossas relações eram as mais amistosas possíveis. Ela me contava as histórias de aventuras passadas, quer as de jogo, quer as de amor; e eu as ouvia para aprender a vida com aquela

mulher batida pela sorte, pelo azar e pela maldade dos homens. Gostava até da emoção que ela sentia, narrando o seu triunfo, quando, trepada no alto dos carros de Carnaval, era aclamada pelas famílias, nas ruas cheias por onde passava. Pelo modo que ela me contava esses episódios, achei que Alzira nesses dias se supunha resgatada. Talvez tivesse razão...

— Coitada!, fez o outro.

— Bem. Como te contava, ia sempre ao “Guaco” e, em certo dia do pagamento, lá fui. Tinha os vencimentos quase intactos no bolso. Encontrei-a, sentei-me e pedi cerveja. Ela não quis, ficou no seu cálice habitual. Em dado momento, ao passar o proprietário, o Martins — tu te lembras dele?

— Pois não.

— Disse-lhe: Martins, vê quanto te devo. Ele respondeu e, logo que ele se afastou, Alzira perguntou-me: “Frederico, tens dinheiro?”. Disse-lhe que sim; e ela me pediu: “Podes ‘passar’ cinco mil-réis?”. Não me fiz esperar e dei-lhe uma nota de cinco mil-réis que tinha no bolso do colete. Ela guardou e continuou a conversa. Veio a hora de sair e de pagar a despesa atual e as passadas. Martins fez a soma e tirei do bolso da calça o grosso do dinheiro, dando-lhe uma nota que satisfizesse a conta. Logo que o Martins se dirigiu ao balcão, ela me disse ao ouvido: “Tu não podes dar mais cinco mil-réis?”. Disse-lhe decididamente: não! Não teve um momento de hesitação: levantou-se e atirou-me a nota na cara. Foi saindo e me xingando baixamente.

— Era muito malcriada.

— Pensei isso, e o Martins aconselhou-me a evitá-la, por isso. Um acontecimento posterior, porém, fez-me julgá-la melhor.

— É daí que...

— Vais ouvir: passaram-se meses e, para publicar um livro, meti-me em complicações. Se o livro deu dinheiro eu não sei, porque só perdi com ele; entretanto, fez um sucessozinho; mas... Uma noite estava sentado entre desanimados, como eu, num banco do largo da Carioca, considerando aqueles automóveis vazios, que têm algum encanto. Apesar disso, não pude deixar de comparar aquele rodar de automóveis, rodar em torno da praça, como que para dar ilusão de movimento, aos figurantes de teatro que entram por um lado e saem pelo outro, para fingir multidão; e me pareceu que aquilo era um truque do Rio de Janeiro, para se dar ares de grande capital movimentada... Estava

assim quando me bateram ao ombro: “Oh! Frederiquinho!”.

— Quem era?

— Era a Alzira.

— Queria ela alguma coisa?

— Queria dar-me. Nada mais.

— O quê?

— A passagem do bonde.

— Tu não a tinhas?

— Tinha. Disse-lhe isso até; mas o meu aspecto era da mais completa miséria. Minha roupa estava sebosa, meu chapéu de palha muito sujo, cabeludo, barba velha; e, além de tudo, **viera-me** uma fraqueza de pálpebras, que me obrigava a usar uns sinistros óculos escuros de mendigo semicego. Apesar da minha recusa, ela insistiu de tal modo, de forma tão cheia de piedade e ternura, que me pareceu uma cruel desfeita não aceitar.

— Aceitaste?

— Aceitei.

— Curioso.

— Está aí a vagabunda do “Guaco”, meu caro Chaves.

Levantaram-se, saíram do jardim, e a noite, misteriosa e profunda, era anunciada pelo acender dos lampiões de gás e o piscar dos globos de luz elétrica, naquele magnífico fim de crepúsculo.

## A barganha

E o “turco”, desde muito cedo, andava pelos subúrbios vendendo aqueles coloridos registros de santos. Havia um São João Batista, com a sua tanga, o seu cajado de pastor e o seu inocente carneiro, que olhava doce tudo o que via fora da estampa; havia um Cristo com o coração muito vermelho à mostra, coroado de espinhos e os olhos revirados para o Céu, que naquele dia estava lindo, de um profundo azul-cobalto; havia uma Ceia que Jesus presidia, calmo e conformado, apesar de se saber traído; e havia muitos outros santos e santas que o “turco” levava, alguns enrolados, mas outros diante do seu peito arquejante das suas caminhadas de humilde comerciante, daqueles modestos lugares da cidade.

E ele ia:

— “Cumpra”, “senhora”! Muita bonita!

Das casas, às vezes, lá saía uma mulher ou outra, de cores as mais variadas, e indagava com desprezo:

— Olá! O que é que você leva aí?

Miguel José parava, aproximava-se da porteira e respondia:

— Santa, “senhora”! “Muita” bonita!

— Que santos tem?

— Muitas, “senhora”. “Tuda” bonita.

Tirava os registros<sup>1</sup>, e a moça começava a examinar. De repente, à vista de uma daquelas oleogravuras<sup>2</sup>, ela gritava:

— Leocádia! Leocádia!

Lá do interior da casa respondiam:

— Que é?

A outra atendia:

— Vem cá. Vem ver uma coisa.

Vinha uma outra moça, e a que estava, recomendava, mostrando um dos quadros do “turco”:

— Vê só como é lindo este Menino Jesus.

A outra examinava e concordava. O “turco” se animava e perguntava:

— Não quer “compra” ele?

<sup>1</sup> Figura ou imagem de santo ou de outro objeto de devoção ou culto.

<sup>2</sup> Processo de reproduzir pela gravura um quadro pintado a óleo.

Uma delas ia ao encontro da pergunta do comerciante:

— Quanto é?

— “Barata”, “sinhora”.

— Quanto?

— Dois mil-réis.

— Chi, meu Deus! É caro, muito mesmo.

O pobre ambulante não fazia negócio algum; e continuava com a sua carga sagrada percorrendo aquelas ruas que são mais propriamente caminhos estreitos. Ainda se houvesse árvores, sombra que amaciasse aquela manhã quente, embora linda e cristalina, o seu ofício seria suportável; mas não as havia. Tudo era descampado, e as ruas eram batidas pelo sol em chapa. Lá ia ele. As calças ficavam pelos seus tornozelos; o chapéu era de feltro, mas não se sabia se era preto, azul, cinzento.

Tinha todas as cores próprias a chapéus dessa espécie. Em um pé calçava uma botina amarela; em outro, um sapato preto.

— “Cumpra”, “senhor”! Coisa bonita de Deus! “Cumpra”.

Foi dizendo isto a um negro atrevido, muito preto, cabeleira grande, gordurosa, repartida ao alto, e o chapéu a dançar em cima dela; foi dizendo isto a ele, a quem ia acontecendo uma grande desgraça naquela manhã. O negro, ao ouvi-lo, chegou muito junto ao “turco” e indagou com um ar autoritário:

— Que é que você está dizendo?

O humilde armênio pensou logo que tratava de um soldado de polícia à paisana, pois lhe parecia que, na terra em que estava, todos os pretos são soldados e podem prender todos os armênios. Com essa convicção, Miguel José respondeu cheio de respeito e acatamento:

— Dizia, senhor: “cumpra” santo “muita” “bonita”.

O negro perfilou-se todo, tomou uns ares judiciais ou policiais, chegou o chapéu de palha para a testa e disse:

— Você parece que não é civilizado.

— “Cumo”, senhor?

— Sim, você é herege, inimigo de Nossa Senhora.

— Não, senhor.

O negro desarmou-se um pouco de seus ares judiciais ou policiais, tornou-se mais suave, quis fazer de penetrante e esperto. Perguntou:

— Você come carne de porco?

E Miguel José olhou as montanhas pedregosas que ele via lá, longe, coloridas pelo azul profundo da manhã, ressaltando quase inteiramente na ambiência translúcida do dia, e lembrou-se da sua aldeia armênia, das suas cabras, das suas ovelhas, dos seus porcos.

A sua fisionomia dura contraiu-se um pouco, e os seus olhos de carneiro quiseram chorar de recordação, de sofrimento, de mágoa. Ele se encheu todo de uma pesada tristeza; mas pôde responder:

— Sim, “sinhora”, eu “coma”.

— Então você é cristão?, insistiu o negro.

— Sim, senhor; “diga” a senhor sou cristão.

— Admira.

— Por quê, senhor?

— Porque você diz “vender” “comprar” santos.

— “Cuma” se diz então?

— Troca-se. Aprenda. Está ouvindo! É falta de respeito, é sacrilégio dizer comprar ou vender santos. Aprendeu?

— Sim, senhor. “Obrigada”, senhor.

E o negro se foi, deixando o pobre armênio arrasado por mais aquela opressão que passava sobre a sua pobre raça; mas, mesmo assim, continuou no seu comércio. Lá se foi ele por aquelas ruas de tão caprichoso nivelamento que permite às carroças que por lá se arriscam andarem no ar com burros e tudo. Lá ia ele:

— “Cumpra”, senhor! Muita bonita.

Subia, descia ladeiras; parava nas portas; mas não fazia negócio algum.

Num pequeno campo, encontrou uma porção de crianças empinando papagaios. Parou um pouco para ver aquele divertimento interessante que as crianças da sua terra não conheciam.

Veio um pequenote:

— Ó, Zé! O que é que você leva aí?

— Santo, “menina”. Pede mamãe compra uma.

— Ora, esta! Lá em casa tem tanto santo, para que mais um? Vende ali, aos “bíblis”.

Miguel José percebeu bem a malícia da criança, pois uma vez caíra na tolice de oferecer um registro a essa espécie de religiosos e se vira atrapalhado. Não que o tivessem maltratado,

mas um deles, baixinho, com um pincenê muito puro de vidros cristalinos, o levava para o interior da casa, lera uma porção de coisas de um livro para ele e depois quisera que ele se ajoelhasse e abandonasse os registros. Noutra não cairia ele...

Continuou o caminho, mas estava cansado. Ansiava por uma sombra, onde repousasse um pouco. Havia muitas árvores, mas todas no interior das casas, nas chácaras, nos quintais ou nos jardins. Uma assim pública, na margem da rua, em terreno abandonado que o abrigasse aí, por uns dez minutos, ele não encontrava.

E seria tão bom descansar assim fazendo o seu pouco almoço, para continuar até a tarde o seu trabalho, vendo se ganhava pelo menos uns dez ou cinco tostões de comissão com a venda daquelas coisas sagradas. E continuou o seu caminho, tendo sempre exposta diante do peito a imagem de Cristo, coroadado de espinhos, mostrando o coração muito vermelho, com os seus misericordiosos olhos procurando o Céu, naquela manhã muito linda, de um profundo azul-cobalto...

Afinal, achou uma mangueira, maltratada, cheia de ervas parasitas crescendo em sua borda, num terreno desocupado. Sentou-se, tirou da bolsa um pedaço de pão dormido, uma cebola e pôs-se a comer, olhando as montanhas pedregosas que surgiam ao longe e lhe faziam lembrar a terra natal. Ele não tinha nenhum nítido pensamento sobre a vida, a natureza e a sociedade...

Não tardou que se lhe viesse juntar um companheiro. Era também um vendedor ambulante como ele; mas o seu negócio era outro, menos espiritual. Vendia sardinhas, de que trazia um cesto cheio. Era um português, cheio de saúde, de força, de audácia. Vinha suado, mais do que o armênio; entretanto, não dava mostras de ter ressentimentos nem do sol nem da dureza do seu ofício. O armênio olhou-o com inveja e pensou de si para si:

— Como é que esse homem pode ser alegre, pode ter esperanças?

O português, sem auxílio, arriou o grande cesto na sombra e sentou-se também, cheio de confiança e desembaraço.

Foi logo dizendo:

— Bons-dias, patrício.

Histórias e Sonhos

---

Miguel José fez uma voz sumida:

— Bom-dia, senhor.

O português, sem mais aquela, observou:

— Que senhor! Que nada! Cá entre nós, é você pra baixo. Isto de senhor é lá pros doutores, não é para nós que andamos aqui aos tombos.

E emendou comunicativo:

— Que diabo, ó, patrício!, que tu comes aí?

O “turco” disse-lhe, e o Manuel da Silva considerou:

— Lá na minha terra, há quem goste disto; mas eu nunca me acostumei. Cebola pra mim, só na comida. Numa bacalhoada, ah!...

Miguel José continuava mastigando sua cebola com pão, enquanto Manuel da Silva contava o lucro. Depois de contado, disse bem alto:

— Pela hora que é, as coisas não vão mal. Até o meio-dia vendo tudo...

Guardou o dinheiro na bolsa que tinha a tiracolo e perguntou subitamente ao companheiro de acaso:

— Você já vendeu muito hoje, patrício?

— Nada, senhor.

— Já vem você com o tal de senhor! Pergunto se você já vendeu alguma coisa hoje, homem!

— Nada.

— O que é que você vende?

— Santo, senhor.

— Santo?

— Sim; santo.

— Deixa ver isto, como é?, fez o português curioso.

O armênio passou-lhe os registros coloridos, e o vendedor de sardinhas pôs-se a olhá-los com espanto e deslumbramento artístico de aldeão simples. Achou tudo aquilo bonito: aquele Jesus, mostrando o coração; São João, com o carneirinho; o Menino Jesus — tudo muito lindo aos seus olhos maravilhados de camponês puro e enfeitado pelas coisas do senhor vigário.

Refletiu de si para si: “Coisas tão bonitas, se não as vendeu, é porque este ‘turco’ é mesmo burro. Comigo, já as tinha vendido, ganhado dinheiro e ficado com algumas, pra pôr lá no quarto”.

Veio-lhe uma **ideia**.

— Patrício! Você quer fazer um negócio?

Os olhos de carneiro do armênio brilharam mais forte e com mais esperança.

— Qual é?, perguntou ele.

— Tenho ali na cesta cerca de vinte mil-réis de sardinhas, vendidas a duas por um vintém. Se você vendê-las a vinte, ganha o dobro. Quer você trocar estes santos pelo cesto de sardinhas?

Miguel José rapidamente pesou os prós e contras da operação comercial. Sabia bem, por experiência própria, que a população, até as crianças, se mostrava antipática à mercadoria espiritual de que ele era portador; e, pelo que vira ainda agora nas suas mãos, a do seu companheiro não se portava da mesma forma.

Em se tratando de sardinhas, as coisas não corriam da mesma maneira como no tocante a santos. Considerou bem e logo respondeu:

— Tá “feita”, senhor.

Os dois se despediram e trocaram de carga. Miguel José voltou a passar pelos mesmos lugares em que oferecera os registros, sem nenhum resultado; mas, quando apregou as sardinhas, não teve dedos pra contar. Vendeu-as a vintém, então fez trocas de compensação e, de tal forma correram-lhe as coisas que, dentro de três horas, tinha vendido tudo, podia pagar os registros à loja e lucrava cinco mil e tanto.

Manuel da Silva, o alegre português das sardinhas, saiu muito orgulhoso com os seus registros; mas não foi logo **vendê-los**. A simplicidade do “turco” tinha-lhe dado uma fome extraordinária. Procurou um boteco e comeu bastante, acompanhado de um bom martelo de verdasco<sup>3</sup>.

Bem alimentado, satisfeito, dispôs-se a “trocar” o São João Batista, Menino Jesus, correndo a sua freguesia de peixes e crustáceos.

Batia as portas:

— Mamãe, dizia uma criança, está aí o seu Manuel.

A mãe perguntava lá de dentro:

— Ele traz camarão?

— Não, mamãe; quer vender santos.

— Para que deu agora, seu Manuel! Ora, vejam só! Vender santos. Diga a ele que não quero.

<sup>3</sup> Uma espécie de cachaça.

Dessa e de outra maneira, ele foi percorrendo em vão sua freguesia das sardinhas, sem mercar uma única estampa religiosa.

A sua alegria matinal se ia, e todo o seu desgosto se voltava terrível contra ele mesmo. Não fora o “turco” que o enganara; fora ele mesmo que propusera aquele negócio. Era castigo. Ia tão bem com as sardinhas, para que fizera aquela barganha?

Andou até quase a noitinha e nada vendeu. Ao **recolher-se**, ainda quis ver as oleogravuras que o haviam deslumbrado. Mirou uma, mirou outra e, olhando-as firmemente, refletiu:

— Se não fosse por faltar o respeito devido a Nosso Senhor Jesus Cristo, que aí está, eu havia de dizer que tudo isso são coisas do diabo que aquele “turco” me empurrou. Nunca mais! Tarrenego!<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Interjeição que demonstra censura, repulsão. Some! Vai-te!

# Uma conversa vulgar

O meu conhecimento com aquele venerável velho viera devido às relações que mantive com um seu neto, que fora meu colega de colégio. Isto que se passou comigo e ele, e conto agora, deu-se há anos.

Tinha eu totalmente, por aquela época, abandonado os estudos, o neto já havia falecido; e, abandonando os estudos, como se diz, procurara e já ocupava um emprego público. Apesar da irremediável falta do meu antigo colega, continuava a frequentar a casa do velho Florêncio, cujas conversas muito apreciava. A sua residência era fora da cidade, em um sítio lá pelas bandas de Campo Grande, bem tratado, com muita laranja, capados, galinhas, perus; e a casa de moradia era vasta e tinha muitos cômodos.

Ele morava com a filha, mãe do meu antigo colega, um mulherão, irmã deste, e um seu irmão, que poderia ter aí os seus cinquenta e poucos anos, um tipo acabado de pequeno proprietário rural das nossas terras.

Este irmão, o mais moço dos quatro, sendo que dois já eram mortos, tinha tido uma mocidade acidentada; e, aos quarenta e poucos anos, sossegara, fazendo-se o mais pacato roceiro que se pode imaginar.

Aposentando-se Florêncio no lugar de escrivão do almoraxarifado da Marinha, viera ele morar com o irmão ali, acompanhado da filha, viúva com dois filhos, um dos quais, o homem, como já disse, fora meu colega no internato secundário.

Quando cismava, sem mesmo me anunciar, ia aos sábados para lá, dormia e, todo o domingo, fosse a cavalo pelos arredores, fosse jogando o solo, nós três — ele, o irmão e eu — passava-o eu na maior satisfação.

Não era lugar bonito, mas era bom, e toda a gente do velho Florêncio era de uma meiguice para mim de me encher de saudades quando saía de manhã, segunda-feira, para vir para a tristeza da repartição.

Calhou aquela segunda-feira cair em dia que era do recebimento da sua aposentadoria no Tesouro. Florêncio disse-me logo, pela manhã, na segunda-feira:

— Você, Bandeira, acompanha-me até o Tesouro, que quero ir com você até o Pão de Açúcar, no tal bonde aéreo.

Sendo os primeiros dias do mês e eu não tendo faltado até ali, podia bem acompanhá-lo no passeio que planejava.

Florêncio contava perto de setenta anos, mas ainda era forte, pisava com liberdade e segurança, e a sua conversa tinha o pitoresco e o encanto singular de ser como as “memórias” vivas do Rio de Janeiro.

Muito observador, com uma memória muito fiel para data e fisionomias, tendo vivido em certas rodas de algum destaque, podia-se, conversando com ele, saber a vida anedótica do Rio de Janeiro, quase desde a coroação e sagração de Pedro II, em 1841, até nossos dias.

Apreciava-o muito por isso, e, sem precisar provocá-lo, bastava um incidente qualquer, uma velha casa avistada, em qualquer parte, um encontro, um sobrenome, para ele me contar histórias pitorescas da vida social, política, sentimental ou escandalosa do Segundo Reinado.

Sáímos do Tesouro logo que recebeu o seu dinheiro, e fomos ao largo de São Francisco.

Notei que ele olhava para um lado e outro, como procurando alguém. Quase no meio da praça, quando a atravessamos, em direção à rua do Ouvidor, veio a seu encontro um homem, não muito velho, pelos quarenta e poucos, mas envelhecido, sujo mesmo, barba por fazer. Era mulato claro, de feições regulares. Logo que se apertaram as mãos, Florêncio disse ao outro:

— Você não foi ao Tesouro!

— Atrasei-me...

E gaguejou, sem encontrar desculpa.

O velho meu amigo não esperou que ele a encontrasse e foi dizendo:

— Você não toma juízo... Onde você está morando?

— No mesmo quarto, “seu” Florêncio.

— Por que não vai para casa descansar um pouco?

— “Seu” Florêncio, é longe... Aqui sempre faço os meus bicos...

— Bem. Tome lá, Ernesto.

E puxou uma nota de dez mil-réis e lhe deu.

Senti no olhar do Ernesto uma doida vontade de ir embora, logo que sentiu o dinheiro no bolso.

Afinal deixamos o rapaz e seguimos o caminho da rua do Ouvidor. Eram quase duas horas da tarde, e o largo de São Francisco, se bem que sem o antigo movimento, quando todas as linhas de bonde de São Cristóvão e Tijuca nele paravam, tinha alguma agitação.

Emparelhávamos com a estátua, quando o velho Florêncio me disse:

- Você conhece esse homem?
- Não.
- É filho do visconde de Castanhal.
- Como? O capitalista?
- Sim; o capitalista.
- Não se acredita.

— Vou contar a você como ele é. Quando Castanhal chegou aqui era simplesmente José da Silva. Homem persistente, abriu, onde hoje é a luxuosa rua Gonçalves Dias, antiga dos Latoeiros, uma casa para vender leite em copos, em garrafas e laticínios. Não havia dessas casas na cidade, e logo a dele foi se enchendo de fregueses. Silva atendia à freguesia na sala; e, no interior, para encher as garrafas, lavar os copos, cozinhar para ele e tratar da sua roupa, tinha uma negra com quem vivia amigado. Na rua Gonçalves Dias, canto da rua do Ouvidor, naquela época, vinham parar os bondes do Jardim Botânico, cujo título era então em inglês. José da Silva lembrou-se de gelar o leite, isto é, pôr certo número de garrafas mergulhadas no gelo, que vinha da América do Norte, nos porões dos navios, pois ainda não se havia descoberto o processo de fabricá-lo artificialmente. O leite gelado “pegou”, como se diz; e sendo o lugar **frequentado**, em breve José da Silva viu-se obrigado a aumentar a casa que até aí só tinha duas portas.

Um outro seu patrício invejou sua sorte, e Silva, esperto que era, tratou logo de passar o estabelecimento adiante com grande lucro. Mas... eu não contei a você uma coisa.

— Qual é?

— O Silva e a negra tiveram um filho, e o mulatinho cresceu até os cinco ou seis anos na leiteria de Silva, conhecido dos fregueses como filho dele. Assim o conheci. Passaram-se cinco ou seis anos sem que eu soubesse do Silva, negra e filho, quando, indo a Catumbi e passando na porta de uma estalagem, vejo aproximar-se de mim uma negra que me tratava pelo nome.

SCHLOSSER



Disse-me que era a moça de José da Silva, em cuja casa de laticínios me conheceu. Há três anos — é ela dizendo — ele, o Silva, a abandonara para casar-se. Nada dera a ela nem ao filho; e a sua vida, com o pequeno Ernesto, havia sido até aquele dia um tormento de angústia e de misérias. Mandeí que me procurasse em casa. Morava por esse tempo com minha mãe e irmãos na rua do Senado, numa casa de altos e baixos, com uma chácara que dava para o morro já desaparecido. Falei a minha mãe que a admitisse em casa, o que ela aceitou; e, por minha vez, eu, que já estava na Marinha, consegui colocar o molecote no arsenal como aprendiz. Minha mãe morreu, etc., etc. O pequeno prosperou, aprendeu a ler, fez-se em breve oficial; e, quando acabamos com a casa paterna, ele pôde armar a sua e sustentar a mãe. Parecia marchar muito bem, e Ernesto nunca deixou de me procurar.

Gostei sempre dele, pois era bom filho, honesto, zeloso e digno de toda a proteção. Há não sei que desgosto recalcado nessa gente, não sei que ponto fraco, que rachadura, que eles acabam sempre arrebrandando de alguma forma. Este Ernesto depois da morte da mãe deu em beber. Perdeu o emprego e vive agora como você vê. Tenho muita pena dele, dou-lhe dinheiro, sabendo mesmo que é para beber; mas não sei que coisa me diz, que tenho alguma culpa nas bebedeiras que transformaram esse rapaz ou na razão da transformação que o levou a bebedeiras contínuas, que me apiedou dele, do seu vício e lhe dou dinheiro.

— Que pai!

— Não há muito que censurá-lo. Hoje, não sei; mas, naquele tempo, essas ligações preliminares, introdução e prefácio do venerável casamento com bênção sacerdotal e sacramental da igreja, eram admitidas; e as suas rupturas simples, inflexíveis, assim como a do Silva com a mãe do Ernesto, não vexavam ninguém. Os futuros sogros, para dar o “sim” aos futuros genros, só admitiam uma coisa: que elas, as rupturas, se realizassem, e os seus genros futuros nunca mais procurassem, não só as moças, o que era justo, mas o filho ou filhos também...

Nós tínhamos chegado à avenida Central. A moderna via pública tinha o movimento do costume: os mesmos corujas, os mesmos mal-amanhados com as mesmas caras idiotas para as mulheres e moças que passavam. Subitamente, Florêncio **pegame** pelo braço e, apontando, diz:

— Você sabe quem é aquela moça que vai ali?

Histórias e Sonhos

— Onde?

— Com aquelas duas senhoras?

— Quem é?

— É a filha mais moça do Castanhal; é irmã do Ernesto que acabamos de deixar.

Ainda demorei olhando pelas costas a moçoila que seguia em direção à rua do Ouvidor; e considerei bem o seu vestuário caro, na moda, de cujo corpete surgia o pescoço bem modelado e de uma linda tinta moreno-claro.

## Uma academia de roça

Na farmácia do Segadas — Farmácia Esperança — que exibia a sua enorme tabuleta na principal rua de Itaçarai, cidade do estado de..., cabeça da respectiva comarca, reuniam-se todas as tardes um grupo seleta dos habitantes do lugarejo, para discutir letras, filosofia e artes.

Era esse grupo formado das seguintes pessoas: doutor Aristogen Tebano das Verdades, promotor público; doutor Joaquim Petronilho, médico clínico na comarca; Sebastião Canindé, sacristão da matriz; e o doutor Francisco Carlos Kauffman, austríaco e tratador de animais de uma grande fazenda de criação nos arredores. Dele, também fazia parte o proprietário da farmácia — o Segadas.

O espanhol Santiago Ximénez, principal barbeiro da localidade, proprietário do Salão Verdun, aparecia, às vezes, no encontro; recitava um pouco de Campoamor ou citava Eschich; mas despedia-se logo, a fim de ir para o botequim do Cunha, onde podia unir o útil ao agradável, isto é, juntar a aguardente ou o aperitivo ao poeta de sua paixão — Campoamor — ou ao romancista de sua admiração — Pérez Eschich. Na farmácia, não havia disso, e a sua literatura necessitava de um acompanhamento de beberiques.

O presidente do grupo era espontaneamente o promotor, que sempre tinha versos para recitar e questões literárias a propor. A bem querida dele era indagar se mais valia a forma que o fundo ou vice-versa; inclinava-se pelo último, por isso gostava muito de Casimiro de Abreu e de Fagundes Varela.

O doutor Petronilho não tinha opinião segura sobre o caso, tanto mais que, a não ser Bilac, ele não suportava outro poeta; entretanto, vivia possuído de particular admiração por Aristogen e a sua versalhada aborrecida. Coisas...

Sebastião Canindé era, pela forma, parnasiano da gema; mas os versos que publicava no jornal da localidade eram horripelmente errados e rimados a martelo; eram piores do que os de Aristogen. Tinha as charadas por especialidade.

O austríaco não sabia nada dessas coisas. Lera os poetas de sua pátria, alguns alemães e italianos, a Bíblia, Shakespeare e o Dom Quixote.

Não percebia nada dessa história de épocas e escolas literárias. Ia à reunião para distrair-se.

Um belo dia, Aristogen lembrou aos companheiros:

— Vamos fundar uma Academia de Letras?

Canindé indagou:

— Daqui, do município?

— Sim, respondeu Aristogen. Vamos?

O doutor Petronilho observou:

— Quantos membros?

Aristogen acudiu logo:

— Quarenta, por certo!

O doutor Kauffman refletiu:

— Oh! Eu acho muito.

Aristogen fez objeção:

— Muito! Não tem isso! Tem, além dos residentes aqui nascidos ou não no lugar, muito filho do município ilustre que anda por aí. Olhe: o doutor Penido Veiga, nosso representante na Câmara Federal, é um fino intelectual; pode, portanto, fazer parte dela. O tenente Barnabé, que aqui nasceu, acaba de fazer com brilho o curso de aviação; pode também fazer parte. O Jesuíno, filho do Inácio, ali do “armazém”, vive em destaque no tribunal de contas, para onde entrou depois de um concurso brilhante: está naturalmente indicado a ser um dos membros. E, assim, muitos outros.

Com sujeitos portadores de semelhantes títulos literários, Aristogen organizou a sua academia de letras de quarenta membros, porque ela não podia ficar por baixo das outras, inclusive a brasileira, tendo menos imortais que elas.

Veio o dia da instalação solene que, em falta de local mais adequado, teve lugar na barraca de lona do circo de cavalinhos que trabalhava na cidade, por aquela ocasião.

Os acadêmicos presentes, inclusive o barbeiro Ximénez e o austríaco Kauffman, que eram do número deles, sentaram-se ao redor de uma longa mesa, que fora colocada no centro do picadeiro.

Os convidados especiais tomaram lugar nas cadeiras, arrumadas na linha da circunferência que fechava o círculo das acrobacias, palhaçadas e correrias de cavalos. As arquibancadas, para o povo miúdo, entrada franca.

Uma charanga, a Banda Flor das Dores de Nossa Senhora, tocava, à entrada da barraca, dobrados estridentes e polcas chorosas.

Aristogen tomou a presidência, tendo ao lado direito o presidente da câmara, coronel Manuel Pafúncio; e, à esquerda, o secretário-geral, o sacristão Canindé.

Depois de lido o expediente, começou a pronunciar o seu discurso em linguagem castigada, porque, se não o era no verso, na prosa ele era parnasiano e clássico.

Começou:

— Senhores: após longo decurso de tempo, lamentavelmente riçado por dificuldades, impedimentos, estorvos grandes, que adversaram a instituição definitiva desta Academia — é possível, alfim, realizar o ato de posse de sua diretoria, e eu procurarei salientar a determinante fundamental deste Instituto.

Logo neste período, o doutor Petronilho observou baixinho ao austríaco:

— É puro. Fala que nem o Aluísio. Não achas?

O austríaco respondeu em voz baixa também:

— Oh! Eu não sape essas coisas.

Aristogen continuou:

— Basta que, à fé sincera, eu vo-lo afirme: há, dentre os eleitos para esta Egrégia Companhia, os que desalentaram em meio da jornada; há os que se deixaram empolgar de tanta vaidade que já se sentem sobrelevados aos que lhes foram pares na eleição; há os que, do alto do seu valor, gozando a convicção própria de serem olímpicos, supremos, sorriram, num sorriso complacente de superior condescendência, aos pigmeus que lhes buscaram a honra eminente do convívio. É, pois, urgente, inadiável detergir esta Academia.

Petronilho, ainda cochichando, confidenciou aos ouvidos do alemão:

— Não te dizia? É mais que o Aluisio; é o próprio Rui<sup>1</sup>.

A assistência estava admirada com fraseado tão bonito, que, na sua maioria, ela mal compreendia.

<sup>1</sup> Rui Barbosa, grande intelectual brasileiro.

Chegava ao final com este período:

— Se procedermos concorde ao padrão que ora vos proponho, embora fosse ele discutido às rebatinhas, estou certo que ganharão timbre de verdade as palavras refregentes de Canindé, de Barnabé, de Kauffman e outros, quando, d'alma inspirada, anteviram no apogeu, esta Academia, qual nem eu quisera!

Não teve tempo de sentar-se o orador, porque, no exato momento em que acabava a sua oração, os cavalos do circo, livrando-se das prisões, invadiram a arena em que estavam os acadêmicos e os afugentaram a todos eles, unicamente pela presença.

Nunca mais a Academia de Letras de Itaçarai se reuniu.

# A mulher do Anacleto

Este caso se passou com um antigo colega meu de repartição.

Ele, no começo, era um excelente secretário, pontual, com magnífica letra, e todos os seus atributos faziam-no muito querido dos chefes.

Casou-se bastante moço, e tudo fazia crer que o seu casamento fosse dos mais felizes. Entretanto, assim não foi.

No fim de dois ou três anos de matrimônio, Anacleto começou a desandar furiosamente. Além de se entregar à bebida, deu-se também ao jogo.

A mulher muito naturalmente começou a censurá-lo.

A princípio, ele ouvia as observações da cara-metade conformado; mas, em breve, enfureceu-se com elas e deu em maltratar fisicamente a pobre moça.

Ela estava no seu papel; ele, porém, é que não estava no dele.

Motivos secretos e muito íntimos talvez explicassem a sua transformação; a mulher, porém, é que não queria entrar em indagações psicológicas e reclamava. As respostas a estas acabaram por pancadaria grossa. Suportou-a durante algum tempo. Um dia, porém, não **aguentou** e abandonou o lar precário. Foi para a casa de um parente e de uma amiga, mas, não suportando a posição inferior de agregada, deixou-se cair na mais relaxada vagabundagem de mulher que se pode imaginar.

Era uma verdadeira “catraia” que perambulava suja e rota pelas praças mais reles deste Rio de Janeiro.

Quando se falava a Anacleto sobre a sorte da mulher, ele se enfurecia doidamente:

— Deixe essa vagabunda morrer por aí! Que minha mulher, que nada!

E dizia coisas piores e injuriosas que não se podem pôr aqui.

Veio a mulher a morrer, na praça pública; e eu que suspeitei, pelas notícias dos jornais, que fosse ela, apressei-me em recomendar a Anacleto que fosse reconhecer o cadáver. Ele gritou comigo:

— Seja ou não seja! Que morra ou viva, para mim vale pouco!

Não insisti, mas tudo me dizia que era a mulher do Anacleto que estava como um cadáver desconhecido no necrotério.

Passam-se anos, o meu amigo Anacleto perde o emprego, devido à desordem de sua vida. Ao fim de algum tempo, graças à interferência de velhas amizades, arranja um outro, num estado do Norte.

Ao fim de um ano ou dois, recebo uma carta dele, **pedindo-me** arranjar na polícia certidão de que sua mulher havia morrido na via pública e fora enterrada pelas autoridades públicas, visto ter ele casamento contratado com uma viúva que tinha “alguma coisa” e precisar também provar o seu estado de viuvez.

Dei todos os passos para tal, mas era completamente impossível. Ele não quisera reconhecer o cadáver de sua desgraçada mulher e para todos os efeitos continuava a ser casado.

E foi assim que a esposa do Anacleto vingou-se postumamente. Não se casou rico, como não se casará nunca mais.

# Dentes negros e cabelos azuis

A Edgard Hasselman

Era dos mais velhos o conhecimento que eu mantinha com esse rapaz. Iniciadas na rua, nos ligeiros encontros dos cafés, as nossas relações se estreitavam dia a dia. Nos primeiros tempos, ele sempre me apareceu como uma pessoa jovial, indiferente às pequeninas coisas do mundo, descrente a seu modo; mas, em breve, sob essa máscara de polidez, fui percebendo nele um queixoso, um amargo a quem uma melancolia, provinda de desejos impossíveis, revestia de uma tristeza coesa. Depois o seu caráter e a sua organização muito concorriam para sua doída existência. Muito inteligente para amar a sociedade de que saíra e muito finamente delicado para se contentar em outra qualquer, Gabriel vivia isolado, bastando-se a si e aos seus pensamentos, como um estranho monge que fizesse, do agitado das cidades, esconderijo para seu recolhimento.

Às vezes ele nos surgia com uns ares de letrado chinês, lido em Sai-Tsê, calmo, superior, seguro de si e contente de se sacrificar à lógica das coisas. Não dava um ai, não se lamentava, talvez temendo que o alarido de seus queixumes não desassossegasse a viagem do seu espírito “par-dela du soleil, par-dela de l'éther, par-dela des confins de sphères étoilées”<sup>1</sup>.

Um dia o encontramos, eu e mais alguns da roda, e a um deles que lhe perguntava: “Que tu vais fazer agora?”, referindo-se às consequências do último desastre da sua vida, Gabriel responde:

— Nada! O bem maior não é agir.

Dias depois confessava-me que seguia idiotamente, pelas ruas e pelos bondes, os belos olhos negros de uma professora francesa.

Sua natureza era assim, dual, bifrontal, sendo que os seus aspectos, por vezes, chocavam-se, guerreavam-se sem nunca se colarem, sem nunca se justaporem, dando a crer que havia entre

---

<sup>1</sup> Referência ao poema *Élévation*, do poeta francês Beaudelaire. Em tradução livre, “para além do Sol, para além do éter, para além dos limites das esferas estreladas”.

as duas partes um vazio, uma falha a preencher, que à sua união se opunha um forte obstáculo mecânico...

Esta maneira de sua organização, a sua sensibilidade e uma tentação delirante para as satisfações materiais tinham transformado a sua vida num acúmulo de desastres; pelo que, em decorrer dela, de todo se lhe fora aquela película cética, faceta, gaiata, ficando mais evidente sua alegria e o gosto do filósofo pessimista, irônico, debicando a mentira para ter conhecimento da verdade, que é uma das povoadoras da imagem sem validade que é o mundo. Pelos seus trinta e quatro anos, eu o procurava em sua casa, uma pequena casinha, numa rua da ponta do Caju, junto daquele mar de morte que beija as praias desse bairro, olhando defronte o cinzelado panorama das montanhas.

Não vivia mal, o emprego exigia pouco e dava relativamente muito; e, solteiro, habitava a casinha com um africano velho, seu amigo, seu oráculo e seu cozinheiro; e um desgraçado poeta das ruas, semilouco e vagabundo.

Era uma colônia de desgraçados animados pela conformação africana.

Quando eu entrei em sua casa naquela tarde, a sua fisionomia brilhava. Pareceu-me que a iluminação interior que há muito sentíamos nele ia afinal exteriorizar-se. Seu rosto afinara-se, sua testa alongara-se, havia pelo seu olhar faiscações novas; era como se a graça descesse até ele, povoasse sua alma e a enchesse de tal modo que parecia extravasar pelo seu olhar brilhante, bondoso e agora calmo.

— Que tens hoje, fui lhe dizendo, a tua apaixonada **rendeu-se** ou achaste... o teu destino?

— Que paixão, que destino!, interrompeu ele. O sábio não tem paixões para melhor poder contemplar a harmonia do universo.

E, depois dessa sentença não sei de que filósofo hindu ou chinês, ele me leu o seguinte, escrito com letra miúda e irregular em duas dezenas de tiras de papel almaço, cheias de paixão.

Morava eu nesse tempo em rua distante de uma estação de subúrbio afastado. Sem calçamento e mal iluminada, eu a trilhava fora de hora em busca da casa reconfortante. Afazeres, e, em geral, a exigência do meu temperamento pela agitação, pela luz da cidade, faziam-me demorar nas ruas centrais. A esmo, por elas à toa, passeava, vagava horas e horas, olhando e conversando aqui

e ali; e, quando inteiramente cansado, buscava o trem e, durante uma meia hora, tímido, covarde, encostado a um canto, pensava, sofria à menor risadinha, e o mais imbecil comentário cortava-me a alma. Era a constante preocupação das minhas ideias passar meu sofrimento a outra pessoa, evitá-lo que atingisse alguém.

Sob a pressão daquela mágoa eterna, no meu íntimo ficava o seu segredo exigente de comunicação, mesmo que fosse a quem não tivesse o refinamento do meu espírito e que a substância imortal animasse sua vida, caso não tivesse sido adivinhado, e me sentia obrigado a comunicá-lo.

Era nessas ocasiões que eu pensava no amor, mas... Bem depressa, porém, meu espírito se perdia, caía em pensamentos, não encontrava prazer, sorria. Do homem ia aos cães, aos gatos, às aves, às plantas, à terra, em busca de confidente.

Uma vez, em frente ao mar, verde e translúcido, tive desejos de lhe contar o meu segredo, mas logo veio o temor de que os ventos voltassem e trouxessem para a vasta cidade as minhas palavras, tal como a planta que nasceu à confiança feita à terra do feitio das orelhas do rei Midas<sup>2</sup>.

Quando a percepção do meu estado, da maneira da minha existência, era mais clara aos meus olhos, arquitetava planos de fuga para lugares longínquos, livros vibrantes como indignações de Deus; mas nada disso executei. Qualquer coisa muito obscura na minha estrutura mental, talvez mesmo o sentimento de hostilidade de que me via cercado, impedia-me de reagir ativa ou passivamente. Agachava-me por detrás do meu espírito e então bebia em largos prantos o fogo claro, claro que enche os límpidos espaços e, por instantes, era feliz porque:

*Heureux celui qui peut d'une aile vigoureuse  
S'élançer vers les champs lumineux et sereins,  
Celui dont les pensées comme des alouettes  
Vers les cieux le matin prennent un libre essor  
Qui plane sur la vie et comprend sans effort  
Le langage des fleurs et des choses muettes*<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Personagem da mitologia grega a quem é atribuído o mito de transformar tudo que tocava em ouro.

<sup>3</sup> Do poema *Élévation*, de Baudelaire. Em tradução livre: “Feliz é aquele que pode, com asa vigorosa / Lançar-se pelos campos luminosos e serenos / Aquele cujos pensamentos, como ave melodiosa / Pelos céus de manhã voam livre / Pairando sobre a vida e facilmente compreendendo / A linguagem das flores e coisas silenciosas”.

Depois de ter carinhosamente ouvido essa linguagem, a amargura aumentava. O espírito dirigia, reclamava, queria qualquer coisa, não se bastava a si mesmo, esperava na sua prisão, no seu cárcere; e, para o meu caso, oh!, que blasfêmia, o provérbio se modificara: «não é só de espírito que vive o homem...».

Certa noite, demorando-me mais do que de costume, fui saltar à estação pelas duas horas da madrugada. Tudo era mudo e ermo. Um ventinho constante soprava, inclinando as árvores das chácaras e agitando as amareladas luzes como espectros aterradores. As casas imóveis, caídas, totalmente fechadas, pareciam sepulcros com portas negras. A escuridão aconchegava os morros nas suas dobras. Pus-me a andar rapidamente. A rua, pouco larga, bordada de bambuais de um e outro lado, iluminada frouxamente e tomada pelo nevoeiro, era como uma longa galeria de museu. No meio do caminho, alguém saltou na minha frente e, de faca em punho, disse-me:

— Olá! Passe o “bronze” que tem.

Não tinha francamente grande prática desses encontros, contudo me portei na altura da sua delicadeza. Calmamente tirei dos bolsos o pouco dinheiro que tinha e, de mistura com alguns cupons de bonde, pálido, mas sem tremer, entreguei-o ao opressor daquele minuto ligeiro.

O gesto foi belo e impressionou o bandido, a tal ponto que nem por sonhos desconfiou que eu poderia ter deixado algum dinheiro oculto nos forros da roupa. Há, já se disse, mais ingenuidade nos grandes criminosos do que a gente em geral supõe. Quase com repugnância ele recebeu o maço que lhe estendia; e já se retirava quando, a uma onda de luz que em um vaivém da chama de gás lançou-me, percebeu alguma coisa nos meus cabelos e com ironia indagou:

— Tens penas? És azul? Que diabo! Estes teus cabelos são especiais.

Ouvindo isso, eu o fitei com as pupilas em brasa, e minha fisionomia devia ter tão estranha expressão de angústia que o ladrão fechou a sua e estremeceu. É que as suas palavras lembravam toda minha existência envenenada por aquele singular acidente; as desastrosas hesitações de que ela ficara cheia; o gosto azedo perturbador, vestígio do fogo do ódio e das amarguras. Os suplícios a que meu próprio espírito impunha. E, de uma só vez, baralhado tudo isso, se ofereceu aos

olhos, como uma obsessão demoníaca, algo premente, cruel, vivendo em tudo, em todas as coisas, em qualquer boca, na boca de um ladrão.

— Pois até tu! Que mais queres de mim?, disse-lhe eu. Aca-so, além do dinheiro que trazem nos bolsos, mais alguma coisa te interessa nos passantes? És também da sociedade? Movem-te as considerações dela?

Olhei-o interrogativamente. O homem tinha o ar mudado. Os lábios estavam entreabertos, trêmulos, pálidos, o olhar agitado, fixo, cravado no meu rosto.

Olhava-me como se olhasse um duende, um fantasma. Contendo porém a comoção, pôde dizer:

— Dentes negros! Meu Deus! É o diabo! É uma alma penada, é um fantasma.

E o rosto dele dilatava-se, as pupilas estendiam-se; tinha os cabelos eriçados o homem que me assaltava; e desandaria a correr se o medo não lhe pusesse pesadas toneladas nas pernas.

Esteve assim minutos até que percebeu que a expressão do meu rosto era de choro e que nele havia a denúncia de uma grande mágoa fatal. O meu interlocutor mudou as contrações de horror estampadas nas suas feições, abrindo-as num suave sorriso de bondade.

— Desculpa-me. Desculpa-me. Não sabia. Quem não sabe é como que não vê.

E sem ligação continuou:

— Não pense que sou um miserável gatuno de estradas, um comum assaltante de ruas. Foi o momento que me fez. **Emprego-me** em mais altos “trabalhos”, mas preciso de uns “miúdos” e, para obtê-los, fui obrigado a fazer isso. Se me demorasse, a ocasião perdia-se. Bem sabes, a vida é um combate; se não se fere logo, morre-se. Mas... Deus me ajudará. Toma o teu dinheiro. Arranjarei sem ele como iniciar o meu grande “trabalho”, aquele que é a mira, o objetivo da minha existência, que vai me dar, enfim, o descanso (resplandecia), a consideração dos meus semelhantes e o respeito da sociedade. Vai... Tu és sem esperança. Vai-te... Desculpa-me.

Aqueles meus cabelos azuis, cabelos que eram o suplício da minha vida, e aqueles meus dentes negros compuseram-se, dignificaram-se para sorrir ao herói jovialmente, de reconhecimento e ternura.



SCHLOSSER

— Mas quem te faz sofrer, rapaz?, perguntou-me o desconhecido.

— Ninguém, falei-lhe eu, ninguém. E o meu espírito, meu entendimento, é a representação que ele faz do mundo ao meu redor.

Íamos nos separar, quando ainda ele insistia:

— Com isso deves sofrer muito?

Dessa vez, antes de lhe responder, pensei ligeiramente. Quem seria aquele homem?

Eu iria vê-lo ainda uma vez? Nunca mais, era certo. Depois daquele minúsculo incidente de sua carreira, continuaria inflexivelmente na sua grande missão sobre a terra. Teria todo o interesse em fugir de mim, em desaparecer dos meus olhos, ou então, reconhecido, encontrando-o eu não o denunciaria, iria se ligar a mim pela gratidão. Por que, sendo assim, não havia eu de lhe contar o meu segredo? Ouviria, não compreenderia bem; se o quisesse contar a outrem as palavras me faltariam. Certo disso e de que naquele indivíduo a ternura não era um jogo de sociedade, nem uma forma de elegância, quase espontaneamente, pus-me a lhe narrar a minha desgraça:

— Dói-me, sim! Dói-me muito. É o demônio que me persegue, é o perverso desdobramento da minha pessoa. É uma companhia má, amarga, persistente que me instiga e que me retalha. Ela vai junto a mim, bem junto, no caminho que trilho, haja luz ou haja trevas, seja povoada ou deserta a estrada. Não me abandona, não me larga. Dorme comigo, sonha comigo; se me afasto um instante dela ela volta logo, logo, dizendo-me ao ouvido baixinho, com um murmúrio cortante: “stou aqui!”. É um animal irritante que me faz caretas e pelas costas, pula na minha frente, dança, esperneia.

O ladrão tinha agora outra espécie de espanto: era o espanto das palavras, das altas palavras. A sua grosseria nativa, natural, sem limitações de qualquer educação, ia por elas alto, entendendo-as a meio, seu espírito aguçava-se e penetrava melhor no meu.

— Se, em dia claro e azulado, continuei, vou por entre árvores, pensando estar só e feliz, o miserável cão que passa deixa a inevitável busca do osso descarnado, para olhar as caretas do macaco que me torno e ri-se de mim, meio espantado, mas satisfeito. Então, como por encanto, o caminho se povoa.

Há por toda parte zumbidos, alaridos, risadinhas. Do farfalho das árvores ouço: “Olá, pintaste a cabeça no céu; mas onde enlameaste a boca?”. Os seixos rolam, estalam, e na sua maldade não escolhem palavras, não ensaiam deboches, gritam: monstrego, vergonha da terra.

O gatuno analisava minha fisionomia. Detinha-se nos meus olhos, no meu nariz, nos meus lábios; até as minhas mãos, os meus pés mereceram a análise do seu olhar inquieto. Foi por esse tempo que me lembrei de reparar quem estava na minha frente. Era um homem alto, de largas espáduas, forte, e que, em “sotaque” espanhol, me falou ainda:

— Tu és poeta. Fantasias... Vês demais.

— Talvez a minha sensibilidade... Mas não, não! Meu organismo não mente, fala a verdade: é como o microscópio descobrindo um mundo hostil onde nada se vê, disse eu...

— Não andas por aí, pelos teatros, pelos cafés. Como então é possível isso?, perguntou ele.

A pergunta me atrapalhava; era da minha natureza estas contradições ostensivas, entretanto pude lhe responder:

— É verdade... Mas percorro tais lugares escravo do meu gênio, servo dos meus sentidos, que são inimigos do meu corpo; posso fugir deles, mas muito me custa seguir o curso dos meus nervos. Não sei... Não sei... Eu devia fugir, desaparecer, pois mal ando, mal me escondo numa travessa, das janelas, dos mendigos, dos cocheiros, da gente mais vil e da mais alta, só uma coisa ouço: lá vai o homem de cabelos azuis, o homem de dentes negros... É um suplício! Tudo se apaga em mim. Só isso brilha. Se um amigo quer se referir a mim em conversa de outros, diz: “Aquele, aquele dos dentes negros...”. Os meus sonhos, as minhas leituras, são povoados pelos trejeitos do macaco. Se escrevo e faltam sílabas nas palavras, se estudo e não compreendo logo, o **sagui** salta na minha frente dizendo com escárnio: “Fui eu que a ‘cumi’, fui eu que não te deixei compreender...”.

Meu peito arfava, meus olhos deviam brilhar de forma anormal. A animação passava de mim ao ouvinte. Ele todo vibrava às minhas palavras...

— Mas trabalha, sê grande... combate, aconselhou-me.

— Bom conselho, bom... Ah! Como és mau estrategista! Não percebes que não posso oferecer resistência; que sou como um

exército que tem sempre um flanco aberto ao inimigo? A derrota é fatal. Se ainda houvesse me curvado à lei, podia... Agora... não posso mais. No entanto tenho que ir na vida pelo caminho estreito da prudência e da humildade, não me afastarei dela uma linha, porque à direita há os porretes dos imbecis, e à esquerda, a pedra da sabedoria **intelectualoide** ameaça me triturar. Tenho que avançar como um acrobata no arame. Inclino-me daqui; inclino-me dali; e em troca recebo a carícia do ilimitado, do vago, do imenso. Se a corda estremece, acovardo-me logo, o ponto de mira me surge recordado pelo berreiro que vem de baixo, em redor aos gritos: “Homem de cabelos azuis, monstro, neurótico”. E entre todos os gritos soa mais alto o de um senhora de cartola, parece oco, assemelhando-se a um grande corvo, não voa, anda chumbado à terra, segue um trilho certo cravado ao solo com firmeza — esse berra alto, muito alto: “Posso lhe afirmar que é um degenerado, um inferior, as modificações que ele apresenta correspondem a diferenças bastardas, desprezíveis de estrutura física; vinte mil sábios alemães, ingleses, belgas, afirmam e sustentam”... Assim vivo. E, como se todo dia, delicadamente, de forma a não interessar os órgãos nobres da vida, me fossem enterrando alfinetes, um a um aumentando cada manhã que viesse... “Até quando será? Até quando?”, fiz eu exuberante.

Uma rajada mais forte do vento que soprava quase apagava a lamparina próxima. Ao cantar dos galos já se juntava o barulho do rolar de carroças na rua próxima. O subúrbio ia despertar. Despedi-me do assaltante.

Andara alguns passos e, como parecesse que me chamavam, voltei-me e dei com a figura retangular do ladrão, **agitando-se** ao movimento de sua cabeça, como a venerável bandeira de misericórdia das execuções.

Pelos anos afora, pelos dias iguais e monótonos que minha vida presenciou, mais fundo que essa incurável mágoa muito sofrida na mocidade, doeu-me à minha alma mais, muito mais a sincera piedade que inspirei àquele homem.

## A indústria da caridade

Era dia de moda. A confeitaria regurgitava. Aqueles móveis de falsa cor, muito pebas e pretensiosos, davam a tudo um ar de vaidade e presunção. A **frequência** especial de cavadores, gigo-lôs, “melindrosas”, “guitarristas”, bobos-alegres, etc., enchiam o salão, sentados ao redor das mesinhas, olhando, de vez em quando, os espelhos que o circundavam.

A um canto, sentados a uma mesa, tendo uma garrafa de Canadian em frente, dois amigos conversavam. Eram habitantes desses lugares. Gozam em contar um ao outro o que sabem da vida faustosa dessa gente que, rica de uma hora para outra, se enfeitam de repente com coisas caras, tal e qual um líder africano que, nos salvados de um naufrágio, achando um fardão de oficial de marinha, o veste, põe o chapéu armado e fica de pés no chão. Os dois amigos tinham esse prazer, esse “gozo” de andar pelas reuniões públicas, tidas como da moda, para “biografar” os **frequentadores**.

Já tinham passado em revista a toda a sala e, com desgosto, viram que todo o pessoal era “conhecido”.

Afinal, deram com uma família “desconhecida” que procurava esconder as suas maneiras de Catumbi sob trajes caros no rigor da moda.

O mais velho, o Chichorro, perguntou ao mais moço, o Veiga:

— Quem é aquela gente? Tu conheces?

— Sim; conheço, Chichorro; aquela gente é típica, é a mais pura representação da época. É a família do major Almério, que é aquele de cinzento.

— Major! Então não é dos “novos”?

— Quê! É da Guarda Nacional, filho!

— Quem é aquele que tem uma pasta, no último mês de gravidez, e está ao lado do tal Almério?

— Aquilo não é uma pasta; é uma guitarra<sup>1</sup>. Aquele sujeito é um advogado que anda metido com contrabandistas e gente dessa laia.

— Compreendo... Ele, o tal Almério, é “guitarrista” também?

<sup>1</sup> Máquina que fabrica papel-moeda falso.

— Não. É homem honesto; exerce legalmente a Indústria da Caridade.

— Indústria da Caridade! Tens cada uma — sai pra lá!

— Lembras-te dos da Renée Mauperin?

— Lembro-me; e como não me lembraria desse livro que me causou tanta emoção?

— Pois bem. Há lá um personagem, cujo nome não me recordo agora, que diz: o furto é a maior indústria do nosso tempo. Os autores do Renée dizem que estudam, nesse livro, a burguesia ou um povo burguês de 64; há, portanto, quase sessenta anos que isso era corrente. Hoje ainda continua a ser; mas uma indústria nova apareceu ultimamente.

— Qual é?

— A da Caridade.

— Meu Deus! Isto é uma blasfêmia!

— Mas é uma verdade.

— Vou te mostrar como o é. Este Almério, há menos dez anos passados, morava em Bonsucesso, numa casinha, pela qual pagava trinta ou quarenta mil-réis. Vivia sabe Deus como. O aluguel da casa era pago com o produto das costuras da mulher e da filha mais velha, que tinha, por esse tempo, dezesseis anos; e o resto os vizinhos e amigos forneciam. Ele vinha todo dia à cidade, para ver se arranjava alguma coisa, qualquer lugar, mesmo de servente em qualquer repartição pública. Era, porém, azarento, nada obtinha; mas não desanimava. Veio uma agitação política, por ocasião de uma sucessão presidencial, e ele viu bem que o “caminho do burro” era ser do partido do candidato popular. Recordas-te da anedota de Diderot com Rousseau?

— Qual?

— Aquela da resposta a dar à Academia de Dijon: “Se o progresso das ciências e artes tinha contribuído para a felicidade do gênero humano?”.

— Sim; lembro-me, pois não. Rousseau queria responder afirmativamente; mas Diderot disse-lhe que seria burrice: devia responder negativamente.

— Foi o que fez o nosso major. No negócio presidencial, respondeu: “Não!”; foi contra a opinião geral e acertou. Entrou para uma junta a favor do candidato detestado; fizeram-no major da Guarda Nacional, e recebia uma diária pelo serviço de agente social, etc. Começou a jantar e a almoçar diariamente,

Histórias e Sonhos

e a família também. Os seus horizontes se alargaram. Não quis mais emprego, fosse qual fosse. Pensou coisa melhor.

— Que fez?

— Planejou um hospital de crianças. Falou a jornalistas e repórteres do partido. Recebeu donativos, o governo federal cedeu-lhe o velho edifício do hospital da brigada e casas da área, restauradas, deu-lhe uma doação em dinheiro; o governo municipal, outra. Ele se instalou num palacete, mobiliado com restos das doações, que lhe dão também para comer e vestir-se luxuosamente, ele, mulher e filhas.

— Como se mantém nessa “mamata”?

— À custa de manifestações de tudo que é impopular, portanto, do agrado do “poder”.

— Talvez tenha razão, porque nem tudo o que é popular é justo.

— Não há dúvida, caro Chichorro. Noto um fato social e mais nada.

— O papai Basílio fez pior, com o seu Asilo de Santa Rita de Cássia — caso que muito contribuiu para a fama do nosso atual desembargador Ataulfo... Como o tempo corre, hein?

— É verdade. Guardemos isto: Almério não repetiu o papai Basílio.

Beberam um trago de uísque e, com o pensamento longe, puseram-se a olhar a sala sem nada ver ao centro e sem trocarem palavra.

A família do major levantou-se e passou por perto dos amigos que sonhavam, mergulhados naquele burburinho de vaidade.

O homem da “guitarra” disse bem alto e cheio de suficiênciam:

— Concordo em ir jantar com “vocês”; mas com uma condição: eu pago o táxi.

# Uma conversa

— Disse-te ainda há pouco, falou o Zeca Magalhães, na mesa de chopos em que estávamos, que não tinha certeza das minhas sensações e, portanto, não tinha nenhuma das minhas ideias. Não é o momento de te citar filósofos, nem organizar raciocínios rimados. Conto-te somente um caso ilustrativo, cheio de proveitosos ensinamentos.

Pegou do copo e bebeu um segundo chope, enquanto eu via, numa mesa ao lado, um gordo alemão com um focinho de porco yorkshire, acompanhado da mais linda alemã que foi dado aos olhos de um carioca, que nunca saiu da sua cidade natal, ver e contemplar.

— Zeca, disse eu, a meia voz, vê que alemã bonita.

— Era disso mesmo que eu queria falar, fez ele descansando o copo.

— Da alemã?

— Pintura.

— Relaciona-se. Eu estava no teatro... Foi há vinte anos, ou mais. Estava no teatro, no jardim, quando vi uma mulher. Que beleza era! Tinha uns olhos, um nariz! E que boca!

— Quê! Ouve. Olhei-a demoradamente, analisei traço por traço, via-a na luz, pus-me mais perto, e a impressão continuava a mesma, e até crescia. Ao sair, acompanhei-a... tu sabes o resto? Pela manhã, quando acordei e contemplei a mulher, sob a luz do sol, não era a mesma! Com os diabos!, fiz eu. Querem ver que me trocaram a mulher? Nada disso, despedi-me com toda a conveniência e saí. O caso não me saiu da cabeça. Eu a tinha visto no teatro, em plena integridade dos meus sentidos; tinha analisado detalhadamente — como era então que a mulher que eu via, às oito horas da noite, não era a mesma de quem me despedi às seis da manhã do dia seguinte? Pintura? Não foi, eu tinha reparado bem. Voltei à sua casa dias seguintes. Examinei-a bem, traço a traço, comparei-a com as duas imagens que tinha dela — a das oito da noite e a das seis da manhã. Nada lembrava a primeira, sendo exatamente igual à segunda. Voltei ao teatro, estive a lhe falar — era ainda a segunda imagem, a mais próxima. Estava doido naquela noite!, pensei. Rememorei o que fizera naquele

dia e nos precedentes ao meu encontro com a tal italiana.

Lembrei-me que tinha recebido umas estampas de grandes obras de escultura e, na sua contemplação, gastara horas seguidas de uma atenção absorvente. Estava aí a causa do erro! Sobre os seus traços verdadeiros, ou, antes, os mais reais, eu tinha depositado a imagem anterior da grande beleza que tinha do livro que tinha ficado em mim; e, quando de manhã, com o cansaço, etc., ela se foi, ficou mais ou menos a mulher comum, fugindo por completo a **ideia** anterior com que eu a revestira. Daí concluí, rapidamente, que essa nossa mania de beleza é um contágio dos delirantes sonhos de alguns homens, dados a loucuras de Arte, empolgados com os delírios das tradições de antigas raças e sofrendo a tirania dos ideais belos; é que as nossas sensações são interpretadas pelo nosso entendimento, de acordo com as imagens de certos padrões, que já estamos predispostos a recebê-las...

— Concordo em parte; mas daí podias concluir que a Arte é útil, estimula o Amor, a eternidade da vida...

— Quanto a isto, não; há nas farmácias outras substâncias menos perigosas.

Não havia uma hora que eu o tinha visto calmo; agora estava abusado, cinicamente brutal, cobrindo com um sarcasmo o que sempre o vira engrandecer.

— Entretanto, observei, para que a visses assim, era preciso que ela tivesse alguma coisa da tal estampa que ficou gravada no teu cérebro.

— Estava parecida... No momento, possui uma disposição qualquer, nos seus elementos fisionômicos, capaz de suscitar e de emitir a imagem que eu já tinha, nos seus traços vivos.

Bebíamos o quinto chope, e, embora por estas alturas, eu sempre fique mais inteligente e animado, naquela noite, o cansaço não permitiu. Despedi-me.

## A cartomante

Não havia dúvida de que naqueles atrasos e atrapalhamentos de sua vida predominava alguma influência misteriosa. Era ele tentar qualquer coisa, logo tudo mudava. Esteve quase para arranjar-se na Saúde Pública; mas, assim que obteve um bom “pistolão”, toda a política mudou. Se jogava no bicho, era sempre o grupo seguinte ou o anterior que dava. Tudo parecia mostrar-lhe que ele não devia ir para adiante. Se não fossem as costuras da mulher, não sabia bem como poderia ter vivido até ali. Há cinco anos que não recebia vintém de seu trabalho. Uma nota de dois mil-réis, se tinha no bolso às vezes, era obtida com auxílio de não sabia quantas humilhações, apelando para a generosidade dos amigos.

Queria fugir, fugir para bem longe, onde a sua miséria atual não tivesse o realce da prosperidade passada; mas, como fugir?

Onde havia de buscar dinheiro que o transportasse, a ele, a mulher e aos filhos? Viver assim era terrível! Preso à sua vergonha como a uma cela, sem que nenhum código e juiz tivessem condenado, que martírio!

A certeza, porém, de que todas as suas infelicidades vinham de uma influência misteriosa, deu-lhe mais alento. Se era “coisa feita”, havia de haver por força quem a desfizesse. Acordou mais alegre e, se não falou à mulher alegremente, era porque ela já havia saído. Pobre de sua mulher! Envelhecida precocemente, trabalhando que nem uma condenada, doente, sua fragilidade transformava-se em energia para manter o casal.

Ela saía, virava a cidade, trazia costuras, recebia dinheiro, e aquele angustioso lar ia se arrastando, graças aos esforços da esposa. Bem! As coisas iam mudar! Ele iria a uma cartomante e descobriria o que e quem atrasavam a sua vida.

Saiu, foi à venda e consultou o jornal. Havia muitos videntes, espíritas, teósofos anunciados; mas simpatizou com uma cartomante, cujo anúncio dizia assim: “Madame Dadá, sonâmbula, extralúcida, deita as cartas e desfaz toda espécie de feitiçaria, principalmente a africana. Rua etc.”.

Não quis procurar outra; era aquela, pois já adquirira a convicção de que aquela sua vida vinha sendo trabalhada pela

## Histórias e Sonhos

mandinga de algum negro, pago por seu cunhado Castrioto, que jamais vira com bons olhos o seu casamento com a irmã.

Arranjou, com o primeiro conhecido que encontrou, o dinheiro necessário, e correu depressa para a casa de Madame Dadá.

O mistério ia desfazer-se, e o malefício ia ser cortado. A fartura voltaria à casa; compraria um terno para o Zezé, umas botinas para Alice, a filha mais moça; e aquela sofrida vida de cinco anos havia de lhe ficar na memória como pesadelo passageiro.

Pelo caminho tudo lhe sorria. Era o sol muito claro e doce, um sol de junho; eram as fisionomias risonhas dos passantes; e o mundo, que até ali lhe aparecia mau e nublado, repentinamente surgia para ele claro e doce.

Entrou, esperou um pouco, com o coração saltando do peito.

Um cliente saiu, e ele foi afinal à presença da profetisa. Era sua mulher.

## Na janela

— Você sabe: o Alfredo não me trouxe o broche.

— Que desculpa ele deu?

— Que o sete não tinha dado a noite toda...

— Vai ver, Mercedes, que ele foi gastar com a Candinha... Ah!

Os homens! São uns malandros!

— Não sei, mas... enfim todos eles são iguais.

— No começo é aquilo, parece que a gente é pouca ou que eles são muito mais. Vivem atrás de nós, descobrem, adivinham os nossos pensamentos; depois... não sei o que dá neles... esfriam, esfriam...

— Meu marido foi assim. No tempo de noivo, nem sabia falar quando estava perto de mim; só me olhava, e o seu olhar parecia que me vestia, que me beijava, que fazia carinho em mim... Meses depois de casada, deixou-me só, sem dinheiro, sem parentes, nesta cidade tão grande... Bem fez você que não se casou!

— Mas namorei...

— Muitos?

— Sem conta!

— Você não amou nenhum?

— Não sei... Creio que todos me agradavam o bastante para casar.

— É difícil compreender.

— Ora, é fácil... Eu fui sempre engraçada. Aos treze anos, quando saía com meu pai, todos na rua me olhavam. Um dia até, no bonde, uma senhora de aparência rica, muito grande, muito alta, perguntou a meu pai: “É sua filha?”; “Sim”, respondeu ele. A senhora olhou-nos muito, a mim e a ele, virou a cara e sorriu duvidosa. Aos quatorze, tive o primeiro namorado. Era o caixeiro da venda... Um portuguesinho louro, que dizia “binho”, “benda”, mas com uns olhos azuis cor do céu pelas bonitas manhã. E daí não parei mais. Tive um segundo, um terceiro... quando cheguei ao quinto já escrevia cartas. Minha mãe pegou uma e deu-me uma surra; mas não me emendei — continuei. Não sabia resistir... Eles choravam, juravam... e eu namorava quase ao mesmo tempo. Era como se — em grande riqueza inesgotável — não negasse esmolas. Você sabe: quando se tem muito vai se dando. Parece que não

---

Histórias e Sonhos

acaba; mas acaba e então chora-se pitanga. Fui assim: pediam-me beijos, abraços, cabelos; e eu dava por pena, unicamente. Se eu tivesse sido mais sovina, não estava “nesta vida”... É a sorte, que se há de fazer?

— Mas, e o “tal”?

— É verdade! Um dia fui a um baile; como sempre, tinha lá um monte de adoradores; mas apareceu um novo. Não sabia quem era, muito diferente de todos. Educado, parecia doutor ou estudante de verdade, de estudos difíceis. Olhou-me e eu olhei, e namorei-o. Não troquei palavra. Dancei com ele e o ouvi falar com um outro. Que voz! Antes da meia-noite saiu. No outro ano, em dia de festa na mesma casa, já não pude ir lá mais; tinha vindo a tal encrenca... corpo de delito... Você sabe... Não deu em nada; ou antes: deu “nisto”.

— Nunca mais você viu “ele”?

— O “tal”? Há dois anos que sempre o vejo na rua do Ouvidor, nos teatros...

— Ele não fala com você?

— Não. Olha-me um instante e baixa a cabeça.

— Engraçado! Outro qualquer...

— É verdade! Perguntei quem era, disseram é um doutor fulano de tal e é solteiro.

— Mas nunca você procurou falar com ele?

— Só uma vez. Cheguei-me e sem mais aquela sentei-me à mesa em que estava. Perguntei-lhe se não me conhecia. “De vista”, respondeu. Se não tinha ido a um baile assim, assim. “Nunca!”, afirmou. Contei-lhe então a história e indaguei-lhe caso fosse ele não se daria a conhecer. Hesitou e, por fim, respondeu-me umas coisas embrulhadas que, afinal, me pareceu quererem dizer que eu, a menina do baile, era outra coisa que não sou eu mesma atualmente; e quem me tinha visto no baile não me via ali, num jardim de teatro.

— Era um tolo; um...

— Não. Eu o vi, mais tarde, muito alegre, com uma outra no automóvel...

Nos carros que passavam, os passageiros que olhavam aquelas duas mulheres com olhares cheios de desejos não seriam capazes de adivinhar a inocência de sua conversa, na janela de uma casa suspeita.



SCHLOSSER

## Despesa filantrópica

Quando ele chegou à porteira da minha casa, acompanhado de outro sujeito mal-encarado, não o reconheci. Ele entrou a meu convite para a sala; sentou-se mais o companheiro, e mandei **servir-lhes** café. Enquanto o café era esperado, ele se deu a conhecer. Aí é que foi a minha surpresa.

— Por quê?, disse o amigo que ouvia o fazendeiro.

— Por quê?... Porque era um dos mais famosos assassinos do lugar.

— Diabo! Que visitante recebias tu com tanta distinção!

— Foi mesmo o diabo! E fiquei contrariado em recebê-lo em casa. Se soubesse quem era, teria dado “pouso” em qualquer dependência da fazenda e evitado que ele entrasse em minha casa; mas... o que estava feito, estava feito, tanto mais...

— Sim; porque se mostrasse qualquer contrariedade, ele talvez te afrontasse.

— Com toda a certeza! E, mesmo que já estivesse habituado à vida daqueles lugares bravios, onde a coragem pessoal, mesmo com certo orgulho, é indispensável, não me convinha absolutamente ter questão com semelhante sujeito que era o tipo acabado do interior do Brasil.

— Há esse tipo?

— Há, pois não.

— Qual é o traço característico?

— É a maneira natural do crime e a capacidade de matar a mandado de outrem. No interior, a mais simples rixa por causa de uma questão de compra e venda leva um sujeito ao assassinato. Uma frase assim, assim, que o Fagundes ouvia da boca do Antônio, como tendo, sobre ele, sido dita por seu inimigo Orestes, determina que o Fagundes mate Orestes. Conto-te um caso: o Madruga havia se separado da mulher que se prostituía e fora morar numa cidade distante. Passam-se anos, e Madruga vai prosperando com o seu negócio no vilarejo. Parecia esquecido de sua infelicidade conjugal, quando chega aos seus ouvidos que a sua mulher perdida, no auge daquelas grosseiras orgias sertanejas, o ofendia com frases pesadas. Ele que faz? Arma-se, monta a cavalo e vai procurar a mulher na sua triste residência. Engana-a e a mata. Consegue escapar, volta

ao vilarejo, onde tinha negócio; espalha a “boa nova” do que fizera; publica, no jornal local, o seu retrato e o da mulher, a peso de dinheiro; e espera **tranquilamente** a ação da justiça.

— É incrível!

— Pois é, meu caro Felício. O caipira, o matuto, o Jeca, como se diz atualmente depois de Monteiro Lobato, mata mais por vaidade do que mesmo por vingança, crueldade ou por tara. De forma que ser valentão, matador, é lá um título de honra, e os assassinatos cometidos são como condecorações de ordens reais e imperiais. Sendo assim, nada mais fácil do que achar quem aceite encomendas de “mortes”.

— O teu visitante quantas já tinha?

— Três; e era bem moço, de mais ou menos vinte e cinco anos.

— Como te livraste dele?

— Vou te contar. Estivemos conversando, e ele me narrava proezas, expondo, ao mesmo tempo, a maldade de seus inimigos e a vingança que havia de tirar deles. Certamente pensarás que falava com raiva.

— Não?

— Quê! Falava com a calma mais natural deste mundo, empregando os mais lindos modismos do dialeto caipira. Num dado momento sacou da cinta uma imensa pistola parabélum e disse: “Esta bicha tá ‘virge’, mas ela corre que nem veado”. Era uma magnífica arma de treze tiros, com alcance de mais de mil metros. Pedi-lhe que me deixasse vê-la. Examinei-a, pensando tristemente no esforço da inteligência que representava aquele aparelho, e que, entretanto, estava destinado a tão má aplicação. De repente perguntei ao assassino: “Aluísio, você quer vender esta arma? Dou trezentos mil-réis”. Ele não pensou — porque Jeca está sempre disposto a fazer negócio, barganha e rifas — e disse: “Dotô”, nós faz ‘negoço’”. Dei-lhe o dinheiro, fiquei com a arma; e ele se foi, para voltar mais tarde. Voltou, de fato; mas, sabes o que ele trazia quando voltou?

— Não.

— Um rifle Winchester que comprara por duzentos mil-réis. Eis em que deu minha despesa filantrópica.

## O caçador doméstico

O Simões era descendente de uma famosa família dos Feitais, do estado do Rio, de que o 13 de maio arrebatou mais de mil escravos. Uma verdadeira fortuna, porque escravo, naquelas épocas, apesar da agitação abolicionista, era mercadoria valorizada. Valia bem um conto de réis a cabeça, portanto os tais de Feitais perderam cerca ou mais de mil contos.

De resto, era mercadoria que não precisava muitos cuidados. Antes da lei do Ventre Livre, a sua multiplicação ficava aos cuidados das senhoras e depois... também.

Esses Feitais eram célebres pelo sadio tratamento de gado de engorda que davam aos seus escravos e também pela sua teimosia escravagista.

Se não eram requintadamente cruéis para com os seus cativos, tinham, em oposição, um horror extraordinário à carta de alforria.

Não davam uma, fosse por que pretexto fosse.

Conta-se até que o velho Feital, tendo um escravo mais claro que mostrava aptidões para os estudos, dera-lhe professores e o matriculara na Faculdade de Medicina. Quando o rapaz ia terminar o curso, retirara-o dela, trouxera-o para a fazenda, da qual o fizera médico, mas nunca lhe dera carta de liberdade, embora o tratasse como homem livre e o fizesse tratar assim por todos.

Simões vinha dessa gente que empobrecera de uma hora para a outra.

Muito tapado, não soubera aproveitar as relações de família, para formar-se em qualquer coisa e arranjar boas ocupações, entre as quais a de deputado, para a qual estava a calhar, pois, de família do partido escravagista-conservador, tinha o mais lindo estofa para ser um republicano do mais puro quilate brasileiro.

Fez-se funcionário público; e, logo que os vencimentos deram para a coisa, casou com uma Magalhães Borromeu, de Santa Maria Madalena, cuja família também se havia arruinado com a Abolição.

Na repartição, o Simões não se fez de trouxa. Aproveitou

as relações e amizades de família para promoções, desprezando toda a gente.

Quando chegou, aí, por chefe de seção, lembrou-se que descendia de gente de lavoura e mudou-se para os subúrbios, onde teria alguma **ideia** da roça, onde nascera.

Os restos de matas que há por aquelas paragens deram-lhe lembranças saudosas da sua mocidade nas fazendas de seus tios. Lembrou-se que caçava; lembrou-se da sua matilha para caititus e pacas; e deu em criar cachorros que adestrava para a caça, como se tivesse de fazer alguma.

No lugar em que morava, só havia uma espécie de caça rasteira: eram preás porém nos capinzais; mas, Simões, que era da nobre família dos Feitais de Pati e adjacências, não podia entregar-se a torneio tão vagabundo.

Como havia de empregar a sua gloriosa matilha?

À sua perversidade inata deu-lhe logo uma sugestão: caçar os frangos e outros galináceos da vizinhança que, fortuitamente, apareciam no seu quintal.

Era ver um frango de qualquer vizinho, imediatamente provocava a cachorrada que estraçalhava em três tempos o bicharoco.

Os vizinhos, acostumados com os pacatos moradores antigos, estranharam a maldade de semelhante imbecil que se fazia mudo às reclamações da pobre gente que morava em seu entorno.

Cansados com as proezas do caçador doméstico de frangos e patos, resolveram dar fim a elas.

Trataram de mal-assombrar a casa. Contrataram um moleque jeitoso, que se metia no forro da casa, à noite, e lá arrastava correntes.

Simões lembrou-se dos escravos dos seus parentes Feitais e teve remorsos. Um dia assustou-se tanto que correu louco para o quintal, alta noite, em trajes menores, com o falar transtornado. Os seus cães não o conheceram e o puseram no estado em que punham os inocentes frangos da vizinhança: estraçalharam-no.

Tal foi o fim de um dos últimos rebentos dos poderosos Feitais de Barra Mansa.



SCHLOSSER

## Sua alteza imperial Jan-Chothe

Abu-Al-Dhudut gozava placidamente o trono do país de Al-Patak, que ele tinha usurpado da maneira mais inconcebível.

Sabia que era impopular, que o povo ridicularizava com canções satíricas a sua pessoa feia e proclamava também os seus méritos intelectuais com piadas hilariantes.

Isto, porém, não o aborrecia, porque, tendo a mesa farta, um harém sortido e sobretudo honras das tropas, dos caids e presentes dos príncipes estrangeiros, ele se satisfazia e se achava um grande sultão igual àqueles que ilustraram o trono de Al-Patak.

De vez em quando, tinha desejos de se fazer notável e tomava decisões singulares. Certa vez quis ser protetor das letras e fundou uma academia no seu palácio. Nem de propósito: Dhudut juntou nela tudo quanto foi mau rimador na cidade.

Em outra, entendeu em dar casas baratas a toda gente e gastou na construção delas tanto dinheiro que foi preciso lançar pesados impostos para que o tesouro não ficasse vazio. Tal coisa veio surtir efeito no seguinte: o artífice pagava mais barata a casa, mas comprava pelo dobro a passagem e os alimentos. Assim mesmo, os engrossadores proclamaram-no élmézuar, que quer dizer, segundo alguns, o pai dos operários.

Para uma única coisa ele tinha jeito: era para criar adúladores. Calcularam os sábios que cada adúlador custava, uns pelos outros, ao tesouro público cinco libras por dia e que, com eles, Abu-Al-Dhudut gastou no seu curto reinado cerca de vinte mil contos na nossa moeda.

Impopular e odiado, por causa de seus vexames e crueldades, quis ter dedicações; e, para isso, abriu as portas das prisões aos criminosos condenados e não prendia os que eram apanhados em flagrante.

A capital do Estado ficou assim entregue aos malfeitores, que, não contentes com a ajuda que recebiam do chefe de polícia — kaïa —, extorquiam, sob ameaça, dinheiro dos mercadores.

Para os cargos do governo, para os principados vassallos, ele nomeava parentes obscuros e sem saber, chegando até a fazer ulemá<sup>1</sup> do Beit-El-Mal, juiz das heranças, um seu primo que não sabia ler o Corão.

O povo de Al-Patak é manso e disciplinado, por isso ele vivia sossegado, tramando violências com o seu ministro Pkent-Phin', um homem cruel e violento, que fora na sua mocidade criador e castrador de cavalos.

Não contava, portanto, com nenhum levante do povo e passava a vida na mesa e no harém, em passeio e festas, sem cuidados nem incômodos.

Os seus parentes também levavam a vida da mesma forma, tanto mais que haviam ficado ricos com as riquezas do Estado e com os presentes que recebiam em troca de proteção a este ou àquele.

Um dia veio, porém, que, não se sabe como, o povo se levantou, venceu a tropa, varou as muralhas que cercavam o palácio de Abu-Al-Dhudut e tratou de pô-lo na rua.

Embora o sultão tivesse ficado com muito medo, não quis logo sair pelo caminho secreto que lhe ensinava haver o seu fiel eunuco Brederodes. Quis ainda carregar algumas riquezas e correu aos subterrâneos do palácio.

Esperava encontrar lá moedas de ouro, aos sacos; diamantes, pérolas, rubis, topázios, safiras, barras de ouro, enfim, riquezas sem número que haviam sido amontoadas pela longa geração de vinte sultões.

Desceu escadas secretas, sempre acompanhado do seu fiel Brederodes, enquanto o povo gritava diante das portas do palácio e as mulheres do harém ganiam e soltavam gritos estridentes, os quais não lhe davam nenhuma pena. Descia com febre e obcecado.

Chegado que foi ao tesouro, o guarda veio abrir para ele a porta chapeada, couraçada e lenta de mover nos gonzos.

O sultão logo perguntou:

— Onde estão os diamantes, escravo?

O guarda respondeu:

— Saberá Vossa Majestade que o Vosso sublime irmão, sua Alteza Imperial Jan-Ghothe, levou-os todos?

— E as moedas? E a prata? E as pedrarias?

O guarda, com todo o respeito e muita calma, respondeu:

<sup>1</sup> Teólogo ou indivíduo sábio e versado em leis e religião, entre os muçulmanos.

— Saberá Vossa Majestade que o vosso sublime irmão, sua Alteza Imperial Jan-Ghothe, levou tudo.

Abu-AI-Dhudut quase desmaiou; e, chorando, disse para o eunuco:

— Brederodes, como sou desgraçado! Não ficou nada para mim!

## El kazenadji

O reinado de Abu-Al-Dhudut foi curto, mas cheio de episódios interessantes que o cronista argelino Mohâmmed Ben-Alá conta do modo mais ingênuo ao mesmo tempo florido, capaz de fazer o delicioso encanto dos mais habituados à literatura árabe.

A tradução que vamos dando, além da resumida, perde muito o viço da luxuriante floração do original; mas, se tempo houver e editor, havemos de dar uma completa, respeitando o mais possível as palavras do autor argelino, assim como o seu rendilhado pensamento. Contemos.

Escolheu Abu-Al-Dhudut, nos últimos dias de seu reinado, para ser o seu kazenadji (ministro dos negócios internos do reino), um levantino de nome Êrcu Ben-Lânod, muito estimado pelas suas letras e sabido nelas como o mais sábio ulemá<sup>1</sup>.

Cide<sup>2</sup> Êrcu Ben-Lânod tinha vivido muito tempo em Marseilha, como cônsul de Abu-Al-Dhudut; e, fosse pela sua origem infiel, fosse pelo tempo que levou naquela cidade da França, o certo é que contraiu todos os vícios dos cristãos, especialmente dos franceses. Feito kazenadji, ganhando muitos presentes e dispondo do tesouro do sultão, era de esperar que cide Ercu Ben-Lânod aumentasse as mulheres do seu harém e vivesse sabiamente entre elas, como mandam o Profeta e os livros sagrados. Não tinha em grande conta os preceitos do Corão e, apesar dos conselhos de um dos seus sogros, cide Glei Ben-Sério, continuou nos seus sacrílegos hábitos de passar as noites fora de sua casa, em visitas amaldiçoadas a certos lugares da feitoria francesa que ficava perto da capital de Al-Patak. Não contente com ir a tão daninhos lugares, seduziu muitos bons muçulmanos a fazer o mesmo. Um destes era o kaïa, Pessh Ben-Hoa, que vem a ser entre nós o chefe da polícia militar. Não deixava este funcionário de, todas as noites, acompanhar cide Êrcu Ben-Lânod nas suas profanações às regras do Profeta.

Ambos, chegados que eram à feitoria, logo se encaminhavam para uma grande casa de uma velha francesa, de nome Susah-Hana, a que chamavam Cidade das Flores; e entregavam-se

<sup>1</sup> Teólogo entre os muçulmanos.

<sup>2</sup> Forma de tratamento árabe equivalente a “senhor”.

a todos os pecados que a religião proíbe.

Deixavam-se arrastar pelo vício de beber licores espirituosos, coisa que mais depressa faz com que entreguemos as nossas almas aos espíritos malfazejos; e cercavam-se de mulheres infiéis, mediante algumas moedas de ouro.

A religião do Profeta dá a tal respeito tão grande liberdade que não se podia acreditar que aqueles fiéis tivessem prazer em fazer semelhante coisa, fora da comunhão dos crentes.

Mas cide Ercu Ben-Lânod tinha tomado tal gosto por aquele vinho dos francos que borbulha e ferve como os gases danados das entranhas da terra, que não havia meio de deixar de ir uma noite à casa da velha Susah-Hana.

O kaïa (o chefe da polícia militar) também se havia habituado e não deixava de acompanhar o kazenadji.

Certa noite, em que eles tinham bebido bem doze garrafas do tal vinho, estando, como de costume, na Cidade das Flores, cide Ercu Ben-Lânod deu em discutir com o seu companheiro:

— Tua tropa não presta pra nada! Os franceses sim é que têm tropa.

O kaïa, que era um chefe orgulhoso e patriota, ficou indignado com o despropósito do ministro e respondeu:

— Se tu queres ver, cide Ercu Ben-Lânod, vou agora mesmo formá-la e cercar o palácio de Abu-Al-Dhudut.

O kaïa, meio trôpego e balançando-se que nem uma jançada francesa no porto de Argel, levantou-se, veio até a porta, chamou um spahi (soldado de cavalaria) e deu as suas ordens.

Os dois ficaram dormindo, e a força do kaïa cercou o casbá (palácio do sultão), como lhe tinha sido ordenado.

Foi um espanto geral, e as tropas do agha (ministro da Guerra) atenderam; houve combate, morrendo de parte a parte cerca de dois mil homens.

Cide Ércu Ben-Lânod e o kaïa Sirdar Pessh Ben-Hoa despertaram na tarde seguinte e nunca a cidade pôde saber por que motivo as tropas do último tinham cercado o casbá e guarnecido as estradas que iam ter a ele.

## O juramento

Logo que Abu-Al-Dhudut se apossou do trono de Al-Patak, todos os seus companheiros e amigos quiseram também fazer o mesmo nos povos vassalos, embora muitos dos soberanos destes tivessem ajudado Abu na sua usurpação.

O primeiro agha (ministro da Guerra) ansiava por ocupar o governo de Al-Súgar, região rica e vasta, que até ali era governada pelo cã<sup>1</sup> Ross Al-Xeiroso.

Este príncipe não se incomodava muito com a administração dos seus domínios e vivia em passeios e festas, fora da sua capital.

Poderoso e rico, tinha ajudado muito Abu-Al-Dhudut a subir no trono de Al-Patak, de forma que todos supunham que as pretensões do agha não seriam favorecidas pelo novo sultão.

O agha, porém, não se incomodou com os serviços que Ross Al-Xeiroso tinha prestado a seu amo e senhor e tratou de encher a tribo de Al-Súgar de bombardeiros e outras tropas irregulares, sob o pretexto de que as tribos do deserto ameaçavam a capital da tribo e Ross Al-Xeiroso nada fazia, deixando-se ficar entregue aos prazeres e festanças.

Este príncipe, vendo que o agha continuava nos seus propósitos de usurpação, pediu uma audiência a Abu-Al-Dhudut, no que foi imediatamente atendido.

Recebeu-o Abu no divã do casbah (palácio imperial) e fez todas as promessas ao príncipe vassalo:

— Ross Al-Xeiroso, juro pelos santos livros, pelo Corão, que prefiro findar os meus dias do que te ver fora do governo de Al-Súgar.

Ross Al-Xeiroso saiu seguro de que continuaria no governo e que seu filho herdaria a sua coroa de príncipe, mantendo a sua descendência nela.

Em poucos dias, porém, soube que agha tinha mandado mais tropas para os seus domínios.

Correu de novo a Abu-Al-Dhudut, que lhe repetiu as promessas feitas.

Ross Al-Xeiroso voltou a se divertir alguns dias, quando

---

<sup>1</sup> Líder tribal, senhor de um território.

---

teve notícias de que o agha, à frente das tropas que para lá tinha enviado, tomara conta do governo de Al-Súgar e, como cã, fora reconhecido por todos, inclusive por Abu-Al-Dhudut.

Esperou ainda alguns dias para ver se o sultão se matava; ele, porém, continuou a viver a melhor das saúdes.

Ross Al-Xeiroso, contudo, espera até hoje que Abu-Al-Dhudut cumpra a sua palavra santa de sultão e chefe dos crentes.

## A firmeza de Al-Bandeirah

Abu-Al-Dhudut não usurpou o trono de Al-Patak sem que houvesse grande oposição por parte dos espíritos elevados e mesmo de províncias inteiras do país.

A todas estas, ele subjogou e dominou, excetuando a tribo de Al-Bandeirah, cuja riqueza e prosperidade eram muito admiradas no país.

Essa tribo era governada por quatro ou cinco famílias que, sob o pretexto de terem feito a independência de Al-Patak e o proclamado sultanato, se sucediam no governo da província e a exploravam em seu proveito, tanto nos altos cargos como no monopólio de bancos, indústrias e a exportação de tâmaras.

Sob o disfarce de auxiliar da lavoura desse fruto, os membros dessas quatro ou cinco famílias conseguiam dos soberanos privilégios e auxílios monetários que engrandeciam as suas indústrias, tornavam sem concorrentes os seus produtos e favoreciam grandes lucros nas suas explorações agrícolas.

Temendo que Abu-Al-Dhudut não continuasse, como os seus antecessores, a lhes dar tudo o que pediam, armaram uma grande oposição ao seu governo, agitaram os espíritos e fizeram com que muita gente perdesse bens, cargos e até a vida.

Abu-Al-Dhudut, quando se viu seguro no trono, tratou de invadir a província e castigá-la conforme entendesse.

Organizou tropas e dispôs as coisas de forma a vencer Al-Bandeirah.

O povo dessa província pôs-se como uma só pessoa ao lado dos oligarcas que o governavam com muita habilidade e tal era esta que ninguém podia supor que o que eles defendiam eram os seus interesses particulares de donos de bancos, de chefes de casas comerciais, de proprietários de minas e fábricas, de ricos cultivadores de tâmaras.

O entusiasmo e o ardor da população pela causa de sua autonomia eram tais que tudo indicava que a guerra civil rebentasse. Mas, como os membros das famílias que governavam Al-Bandeirah eram antes de tudo homens de negócios, de especulação comercial e não tinham interesse em guerrear, mas sim amedrontar Abu-Al-Dhudut de modo a que este não perturbasse

as suas existências fartas, trataram de arranjar as coisas de modo mais cômodo, tanto mais que o sultão continuava no seu propósito de intervenção.

Pondo de parte tudo o que tinham afirmado com tanta altivez, procuraram um príncipe da família de Abu e arranjaram, por alguns milhares e outros dons, que não houvesse a invasão projetada.

Dessa maneira eles continuaram a usar e a aumentar as suas riquezas, embora tivessem arrastado, com a agitação que fizeram, com os juramentos que juraram, muita gente à miséria, à prisão e à morte.

## O desconto

Como foi contado aos leitores, a tribo de Al-Bandeirah, depois de arrotar muita farofa, que fazia e acontecia, acabou por comprar a **não invasão** das tropas de Abu-Al-Dhudut por bom dinheiro.

Essa província de Al-Bandeirah, como se sabe, é governada por vários magnatas e algumas famílias, entre eles o cide Cinsin Ben-Nhato, que é, a bem dizer, o general da oligarquia do local.

Ele, quando os tais cultivadores de tâmaras gastam à vontade e ficam endividados, corre ao sultão e diz cheio de choro e lábia:

— Majestade; os cultivadores de tâmaras estão morrendo de fome; o produto da venda não paga as despesas que dá o seu cultivo; os grandes empregam toda a sua fortuna para que ele baixe.

Aí ele faz uma pausa e continua alteando a voz:

— É preciso que Vossa Majestade venha ao encontro das necessidades dessa pobre gente que tanto concorre para a grandeza do reino que é de Vossa Majestade.

— Mas como, cide?

— Como? Dando-lhes dinheiro, Majestade.

— Não tenho. O meu tesouro está esgotado.

— Majestade: o poder de Vossa Majestade é grande e há um meio.

— Qual?

— Vossa Majestade decreta um imposto sobre os mendigos do reino que haverá dinheiro para socorrer os miseráveis cultivadores de tâmaras.

Os sultões todos fazem sua vontade, e os de Al-Bandeirah se passam por ricos e trabalhadores.

Há outros casos que contarei, mas agora quero lembrar um muito típico.

Os tais de Al-Bandeirah tinham, como já foi narrado, comprado um príncipe irmão de Abu-Al-Dhudut para que este não invadisse com as suas tropas a tribo.

O príncipe, que era seguro, foi em pessoa buscar o preço do negócio.

---

Trotou várias e muitas léguas em camelo e chegou à capital da província ex-semirrebelde.

Falou ao clã, e este mandou ordem ao seu tesoureiro, para que lhe pagassem trezentos e cinquenta mil moedas.

O irmão de Abu foi logo à presença do funcionário, que lhe disse:

— Príncipe, Vossa Alteza poderá ir para o palácio de Vossa Alteza que o dinheiro irá para lá.

De fato assim foi e um empregado do tesouro lá chegou com os sacos de ouro.

Esperou este que o príncipe contasse o dinheiro. Acabou e exclamou furioso:

— Mas faltam trinta e cinco mil moedas.

— Príncipe, é a minha porcentagem. Dez por cento.

O irmão de Abu calou-se.

## A solidariedade de Al-Bandeirah

Dos principados vassalos que constituíam o reino de Al-Patak não foi só Al-Bandeirah que não quis reconhecer Abu-Al-Dhudut como sultão.

A tribo de Hbaya também, por intermédio do seu príncipe reinante, sempre protestou contra a usurpação. Ao contrário do primeiro, esse principado era trabalhado por grandes divergência internas. Havia mais de cinco ou seis pretendentes ao seu trono e não existia entre os seus habitantes nenhuma harmonia de opiniões.

A população, com o seu gênio cheio de vida, com a sua queda para a retórica, com a sua ligeireza de espírito, muito concorria para essas divisões e ela é de gênio muito oposto à de Al-Bandeirah, cuja gente é tardia, sombria e cheia de um ingênuo orgulho de que são os primeiros de Al-Patak. Explorado habilmente pelos governantes, sempre foi fácil obter desse último sentimento da população daquela província uma quase unanimidade. Faziam uma ponte, uma torre, um bueiro e logo mandavam proclamar que era o primeiro de Al-Patak. O povo de lá é ingênuo, como um alemão, acreditava na coisa, ficava muito contente e escolhia para as altas funções os membros de três ou quatro famílias que o exploravam.

Dessa forma, toda a resistência à usurpação de Abu-Al-Dhudut estava centralizada em Al-Bandeirah.

Acontece, porém, que, ao contrário do que era de esperar, Hbaya demonstrou mais firmeza, e o seu governo chegou a resistir às tropas que o invadiram, com armas na mão.

A coisa foi dolorosa e triste, pois a capital de Hbaya foi bombardeada, as suas casas incendiadas, o príncipe reinante andou daqui para ali, fugindo à fúria dos soldados de Abu-Al-Dhudut.

Infelizmente, devido às facções que dividiam a gloriosa província, a resistência não pôde ser eficaz e foi quase nula em resultados.

Esse episódio comovedor do bombardeamento da capital de Hbaya se deu justamente no dia em que o príncipe irmão de Abu-Al-Dhudut recebia no tesouro de Al-Bandeirah trezentos e **cinquenta** mil moedas, que, como já é sabido, ficavam reduzidas a trezentos e quinze mil.

# O reconhecimento

A organização política do Al-Patak não é assim tão absoluta como se pode supor.

Em tese o sultão tem todos os poderes, mas, devido à tradição, à liberalidade de alguns soberanos, o reino possui tribunais e juízes independentes que decidem soberanamente sobre os assuntos que lhes dizem respeito.

Além disto, Al-Patak possui uma espécie de parlamento — o “divã” — que representa o rei nas necessidades dos povos.

Cada província, conforme a população, dá um certo número de representantes, que o são durante alguns anos, uns durante mais anos e outros menos.

Logo que Abu-Al-Dhudut usurpou o trono, tratou de reformar essa espécie de conselho de Estado.

Não há quem não queira fazer parte dele, não só pelos vencimentos como também pelos presentes que recebem seus membros, graças à influência que possuem, podendo obter dos soberanos tudo o que desejam.

O príncipe irmão de Abu-Al-Dhudut foi logo eleito membro do “divã” e feito chefe dele.

Sendo homem esperto e sagaz, conhecendo perfeitamente os desejos de todos os habitantes de Al-Patak de serem do famoso conselho, tratou de regular a entrada nele, ao jeito mais propício aos seus interesses.

Com este, negociava isto; com aquele, barganhava aquilo.

la fazendo o seu negócio, quando se tratou do reconhecimento de cide Pen Ben-Forte. Tinha sido, esse ulemá, juiz durante muito tempo, de forma que conhecia o irmão do sultão, quando advogava.

O seu direito à entrada no “divã” era pleno, mas o príncipe queria que ele lhe desse dez mil moedas para tornar efetivo o seu direito.

Pen Ben-Forte não concordou e lembrou a sua Alteza o fato de ter ele obtido, revelando uma sentença dele, cide, dinheiro ao mercador — sentença mais tarde reformada.

Pen Ben-Forte tinha disso documentos e prometeu **publicá-los**, se não entrasse no “divã”.

Não é preciso contar mais; basta dizer que o antigo juiz entrou e foi reconhecido membro do conselho.

## O anel de Perdicas

O reino não era completamente independente, mas era quase como se assim fosse. Dependia do império em tudo que tocasse as relações com os países estrangeiros e não podia ter exército próprio.

O seu rei não era escolhido por força da primogenitura. Alguns sujeitos avançados tinham mostrado a desvantagem de o filho suceder ao pai no trono e resolveram que o herdeiro fosse indicado por uma **assembleia** de notáveis a que chamaram a dieta.

Governava o reino nesse tempo El-Sulida, príncipe velho, de pouca barba, curto de pernas, rico de muitas fazendas, que desejava do fundo d'alma povoá-las de escravos.

Sulida tinha encaminhado bem os filhos nos cargos do reino e do império e vivia, para a alegria de todos, distribuindo governo mais ou menos com sabedoria.

Além do desgosto que lhe ia n'alma por não ter mais escravos negros nas suas propriedades agrícolas, um dos seus pesares íntimos era não passar ao filho o trono que ocupava.

Ninguém suspeitava dessa sua mágoa secreta, por isso todos diziam que Sulida era um príncipe perfeito, respeitador das leis e desejoso da igualdade de seus povos, porque, apesar de que aquilo lá fosse reino, era legal que ninguém tivesse privilégios.

Uma bela manhã, fosse devido à idade avançada do soberano, fosse devido a outro qualquer motivo, el-rei Sulida amanheceu muito doente, e os médicos que foram chamados declararam que o príncipe poucos dias tinha de vida.

Os seus ministros trataram de reunir logo a dieta, para que ela escolhesse o sucessor.

Reunida a tal dieta, não chegaram os seus membros a acordo algum. Todos eram candidatos, de modo que ninguém podia escolher o sucessor de Sulida, a não ser que o sucessor fosse o próprio eleitor, isto é: o desejo de cada um era votar em si mesmo.

Resolveram então apelar para a **assembleia** das cidades e

vilas, isto é, para uma convenção maior, composta de representantes de todos os municípios do reino.

Reuniu-se essa convenção, mas não chegaram a acordo algum, após temíveis bate-bocas. Afinal, para conciliar as várias correntes da política do reino, concordaram em deixar a escolha ao soberano moribundo. Foram a ele e falaram-lhe. Ele respondeu:

— Quem deve ser o rei é Sancho.

Foi geral o espanto. Poucos conheciam esse Sancho e ninguém entendia o motivo da escolha. Afinal vieram a saber que o obscuro Sancho estava noivo ou coisa parecida da filha de Sulida.

Está aí como um bom pai de família procede: não podendo deixar o trono ao filho, deixou-o ao futuro marido da filha.

Houve muito barulho no reino, apesar de não dizerem os cronistas se Sancho casou-se mesmo com a princesa filha de Sulida.

## Os Kalogheras

O sucesso do general Kalogheras na retumbante mobilização das tropas nacionais para a gloriosa expedição da Bahia causou pasmo a todos, inclusive o rei Epitaphio.

Entretanto a nós um tal acontecimento não nos trouxe nenhuma surpresa, porque conhecíamos de há muito as virtudes guerreiras dos Kalogheras, desde o mais remoto ancestral do atual ministro que foi o fulminante Alexandre da Macedônia, cuja fama enche o mundo e aborrece os meninos estudantes de história na indagação de saber se ele foi ou não foi o maior general de todos os tempos.

Os Kalogheras são originários da Macedônia, e os outros gregos, inclusive Plutarco, falam neles aqui e ali, louvando suas virtudes guerreiras.

Há alguns, porém, da Beócia.

Creemos mesmo que já o velho Homero, na *Ilíada*, tem um verso em que fala dos altos feitos dessa família predestinada; o certo, porém, é que, nas últimas épocas, eles sempre se mostraram guerreiros de primeira ordem. Quando os turcos conquistaram e tomaram o Império Bizantino e suas restantes províncias, os Kalogheras, não tendo a quem oferecer as suas aptidões bélicas, puseram-se a serviço dos osmanlis<sup>1</sup>, pelo que os sultões respectivos deram-lhes grandes honras e muitas moedas de ouro.

Corre que, entre as proezas dos Kalogheras, há a de ter ajudado a bombardear o Partenon de Atenas, feito glorioso que toda gente atribui a autoria apenas aos turcos, mas que, na verdade, nela tomaram parte muitos gregos.

Com a emancipação grega, os Kalogheras, não podendo suportar a admiração de um rei estrangeiro, imposto pela Inglaterra e pela França, emigraram, uns, e outros entregaram-se à guerra nacional de perturbar o comércio marítimo dos mares do Levante, sobretudo no do arquipélago.

As duas únicas grandes potências marítimas daquelas épocas, a França e a Inglaterra, fizeram uma guerra feroz e inumana a esses patriotas gregos, e a maioria dos Kalogheras

<sup>1</sup> Membros da dinastia imperial turca fundada por Osmã.

---

foi morta, sem julgamento nem outra qualquer formalidade, nos navios de guerra ingleses e franceses, quando neles caíam como prisioneiros.

Uma raça guerreira dessas, em cujo sangue há certamente muitas gotas do sangue do turco combativo, não podia deixar de revelar, no nosso atual ministro da Guerra, que dela descende, uma capacidade extraordinária e uma forte alegria que mal se faz inteirar, na tática e feroz estratégia de uma guerra civil.

Quem sai aos seus, não degenera.

## Conservou o barrete

Não se pode deixar de admirar suficientemente o modo por que o eminente sirdar<sup>1</sup> Ben-Zuff Kalogheras vai conseguindo de modo eficaz e rápido a eficiência do nosso Exército.

No começo, ele estudou a disposição das forças nacionais, segundo cartas mineralógicas e geológicas.

S. Exa. o sirdar, em chefe, é, como se sabe, muito bom engenheiro de minas.

Em seguida, continuou nas suas inovações militares e tratou da indumentária, não só dos soldados e oficiais, como da dele.

Da primeira parte, sempre os sirdar-ministros tiveram o cuidado de tratar como dos primeiros atos dos seus ministérios, por isso que julgaram sempre que, mudando o hábito, faziam o monge; da segunda, entretanto, eles nunca julgaram coisa imprescindível, mesmo quando eram oficiais.

Ben-Zuff Kalogheras, porém, achou necessário experimentar modelos em sua própria pessoa.

Primeiramente, pôs à prova um uniforme de viajante inglês que se vê na gravura em visita às pirâmides: um chapéu de cortiça e um fichu<sup>2</sup> azul. Feito isto, montou num camelo. Parece coisa imprópria; mas, a muitos, pareceu o contrário.

Não contente com isto e, também, porque lhe disseram que o tal fichu era para evitar as inflamações nos olhos, produzidas pela da luz do sol nas areias do deserto, tratou de arranjar um outro mais adequado ao Rio de Janeiro.

Encomendou a um comerciante um vestuário de cowboy ou, antes, de vaqueiro mexicano, a quem mandou fazer um novo de excelente brim cáqui.

Completo o indumento, pôs vestuário, perneiras, um par de grandes esporas de rosetas, um chapéu cômico cheio de guizos; e foi embarcar as tropas que partiam para uma expedição. Até aí não parou a fúria do seu amor à novidade de uniformização ministerial. Reparando que o traje de rigor, para conferenciar com o quediua-presidente, não era bastante distinto ou original,

<sup>1</sup>Usado no tratamento de nobres e aristocratas.

<sup>2</sup>Espécie de tecido com que as mulheres cobrem a cabeça e o pescoço.

---

apareceu em conferência de calças brancas, sem colete, camisa à mostra e paletó de alpaca.

O quediua<sup>3</sup> formalizou-se e mastigou censuras.

Por fim, disse o soberano:

— Sirdar!

— Alteza!

— É nesse traje que os seus secretários se apresentam perante Vossa Excelência, em serviço?

— Não, Alteza. Por quê?

— Por quê? Porque achei que tivessem lhe ensinado essa moda de vestuário, para falar aos superiores.

Ele, o sirdar, se encolheu, voltou a usar sobrecasaca com barrete vermelho, que ele deixava na **antessala**, quando ia ao despacho. Assim, sem merecer censuras, conservava a sua originalidade... militar.

<sup>3</sup> Vice-rei.

## Arte de governar

Quando o príncipe Epi subiu ao trono de rajá de Bengabul, toda a gente se alegrou, porque um cidadão da América, chamado Vilsão, tinha em grande conta os seus méritos de cantor de modinhas. Ele ia fazer grandes coisas, inclusive a felicidade do povo.

Vivia este na mais perversa desgraça. Não tinha casas em que morasse, e os gêneros de primeira necessidade andavam pela hora da morte. Segundo dizia, ele iria dar remédio a isso tudo, e a fartura havia de reinar nos lares pobres.

Epi era pequenino e vaidoso, mais pequeninos e vaidosos do que ele, porém, os que o cercavam. Gostavam de festas e macumba e, logo que o viram no trono, trataram de arrumar muita festança.

Depois de sua ascensão, não havia dia em que, por este ou aquele motivo, não houvesse um banquete suculento.

E os seus auxiliares diziam:

— Isto é que é governo! Epi sabe governar!

Não contente com festas caseiras, tratou de arranjar outras com príncipes estrangeiros.

Chamou para visitar o país o príncipe das ilhas Alentianas, que imediatamente veio visitá-lo.

O príncipe era um reforçado homem da Patagônia e sabia remar em canoa como ninguém. Epi fez uma despesa louca para recebê-lo e em pessoa cuidou de todos os preparativos.

Durante a sua estadia no país, que foi de um mês, por delicadeza, todos se calaram; mas, mesmo assim, o soberano meteu na cadeia cinco mil pobres-diabos.

Isto tudo ele fazia para o rei ver.

Os trinta dias em que o soberano esteve no país foram de grossa pagodeira.

Passeios, cantorias, etc. encheram o vazio da significação da visita, e o povo até parecia contente.

Com esta simulação de felicidade, Epi ganhou status de bem saber a arte de governar.

## Boa medida

O faustoso sultão de Kambalu, Abbas I, que tinha por avós, em linha direta, Manuel José Fernandes, de Trás-os-Montes, reino de Portugal, e Japira, índia de nação potiguara, nação antiga do império do Brasil que desapareceu, à vista da pobreza do seu povo e da fome e da peste que o dizimavam, resolveu certo dia reunir as pessoas mais importantes do reino, fossem elas de que credo fossem, professassem as teorias que professassem, a fim de se aconselhar e resolver a situação. Vieram um bispo, um mago oriental, um sábio doutor em medicina, uma cartomante, um jurista, um engenheiro e um brâmane.

Abbas I assim falou, abrindo a sessão:

— Meus senhores: todos sabem o motivo da nossa reunião. É a dor e a piedade pelo meu querido povo que me movem a pedir conselho aos senhores. Falem com franqueza que ouvirei com prazer. Falem!

O bispo levantou-se, fez o  **sinal da cruz** , orou durante alguns minutos, contando as contas do rosário, e começou:

— Precisamos de igrejas, conventos, recolhimentos, Majestade!

**O mago** — Não concordo. A luz é tudo, de luz é feito o mundo e Deus. Precisamos de mais luz elétrica.

**O doutor** — Isto tudo é delírio; é pura **paranoia**, temperada com psicastenia, frenastenia. No andamento da peste há duas fases: primeira, a do aparecimento, dúbio, auroral, das auroras claras de maio, que é imperceptível; depois: manifestação ostensiva, horrível, de um belo horrível que só os médicos conhecem. Keats diz: “Our songs are”...

**O engenheiro** — Que diabo é isto? Um contrato nulo é mais útil...

**A cartomante** — Vou deitar as cartas...

**O jurista** — Cuidado com a polícia! O Código Penal, no seu livro V, art. 1824, parágrafo...

**O brâmane** — Tudo o que vem de mim, o boi, a vaca...

**Abbas I** — Ora bolas! Vocês não me aconselham coisa alguma... São uns tagarelas aborrecidos. Vou decidir por mim;

Histórias e Sonhos

vou construir um palácio magnífico. Vão-se embora, e já!

Abbas I cumpriu a sua palavra. Cobriu o reino de impostos; mandou vir jaspe e ouro e mármore e outras pedras valiosas; contratou no estrangeiro hábeis arquitetos e operários e construiu o palácio, para enriquecimento de seu povo e extinção das moléstias que o dizimavam.

Acabada a construção, meteu-se nele. Daí a dias, porém, nem mais um criado tinha para servi-lo. Toda a gente do país havia morrido de fome e de moléstia; e ele veio também a morrer de fome, porque não havia mais quem plantasse, quem colhesse, quem criasse, etc., etc.

# Hóspede ilustre

Todos os dias, os jornais anunciam a chegada de um hóspede ilustre, estampando algumas vezes seu retrato. O Rio de Janeiro, se não está ficando o Instituto de França ou a Royal Society de Londres, pode bem ficar sendo o Museu do Trocadero.

Não me canso de ler tais notícias, e causa-me assombro que semelhantes pessoas não figurem no Larousse e em outras publicações do gênero.

Não vem isto, porém, ao caso. O que estas linhas tencionam é protestar contra a omissão que eles fizeram do nome do ilustre marroquino Mulay Málek Ben-Bélek.

Ele vem superintender a construção do pavilhão de Marrocos que será erguido no estilo original daquele próspero império.

Os materiais empregados, como se sabe, são pedaços de pau e uma argamassa feita de bosta de camelo e lã de carneiro. Como aqui não havia camelos, e, portanto, o primeiro elemento da argamassa, o imperador de Marrocos fretou um barco suíço e encheu-o daquele primordial elemento das construções dos seus domínios. Vai ser uma lindeza, debaixo das festas de luz que o senhor Carlos Sampaio contratou com os seus amigos americanos e vai nos custar os olhos da cara. Diz-se o mesmo que as experiências realizadas, no morro da Favela, mostraram de que forma mágica iluminações *yankees* transformam, em palácios de mil e uma noites, cubículos africanos.

O emir Mulay Málek Ben-Bélek é especialista em agricultura. Ele já ensinou ao senhor Carlos a fazer brotar, do caroço da uva, pés de algodão do mais estimável fio.

Além disto, conhece os outros gregos da mais alta antiguidade do que ele lê, não só em grego, como em árabe, tais como Aristóteles, Ptolomeu, Estrabão, etc. até dos propriamente árabes, persas e hindus.

Uma tal sabedoria está a indicá-lo para professor de “relatividade”, na Escola Politécnica, ao lado das “Máquinas” do senhor Frontin.

O emir Mulay tem oitenta e três mulheres e cento e **cinquenta** concubinas. Não as trouxe por dois motivos: a) por não

## Histórias e Sonhos

haver grande necessidade; b) porque supôs que, aqui, não houvesse carros “especiais” em que as suas mulheres e concubinas pudessem passear pela cidade, islamicamente enclausuradas como manda o Corão. Desconhecia que, entre nós, há os **carros-fortes** da polícia...

Este homem eminente, entretanto, segundo dizem, está disposto a fazer-se comerciante, no Rio.

**Fim**